



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

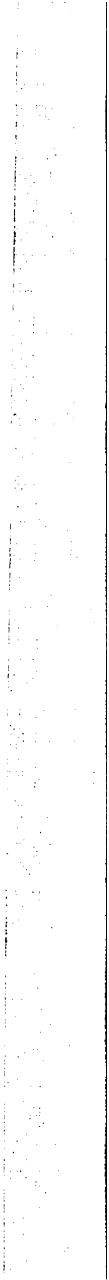
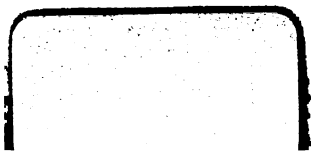
Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

NYPL RESEARCH LIBRARIES



3 3433 07438047 2





BIBLIOTHECA LAEMMERT V.

O MISSIONÁRIO

POR

H. INGLEZ DE SOUZA



2ª EDIÇÃO REVISTA PELO AUTOR
E AUGMENTADA COM UM PROLOGO DO
DR. ARARIPE JUNIOR



I.

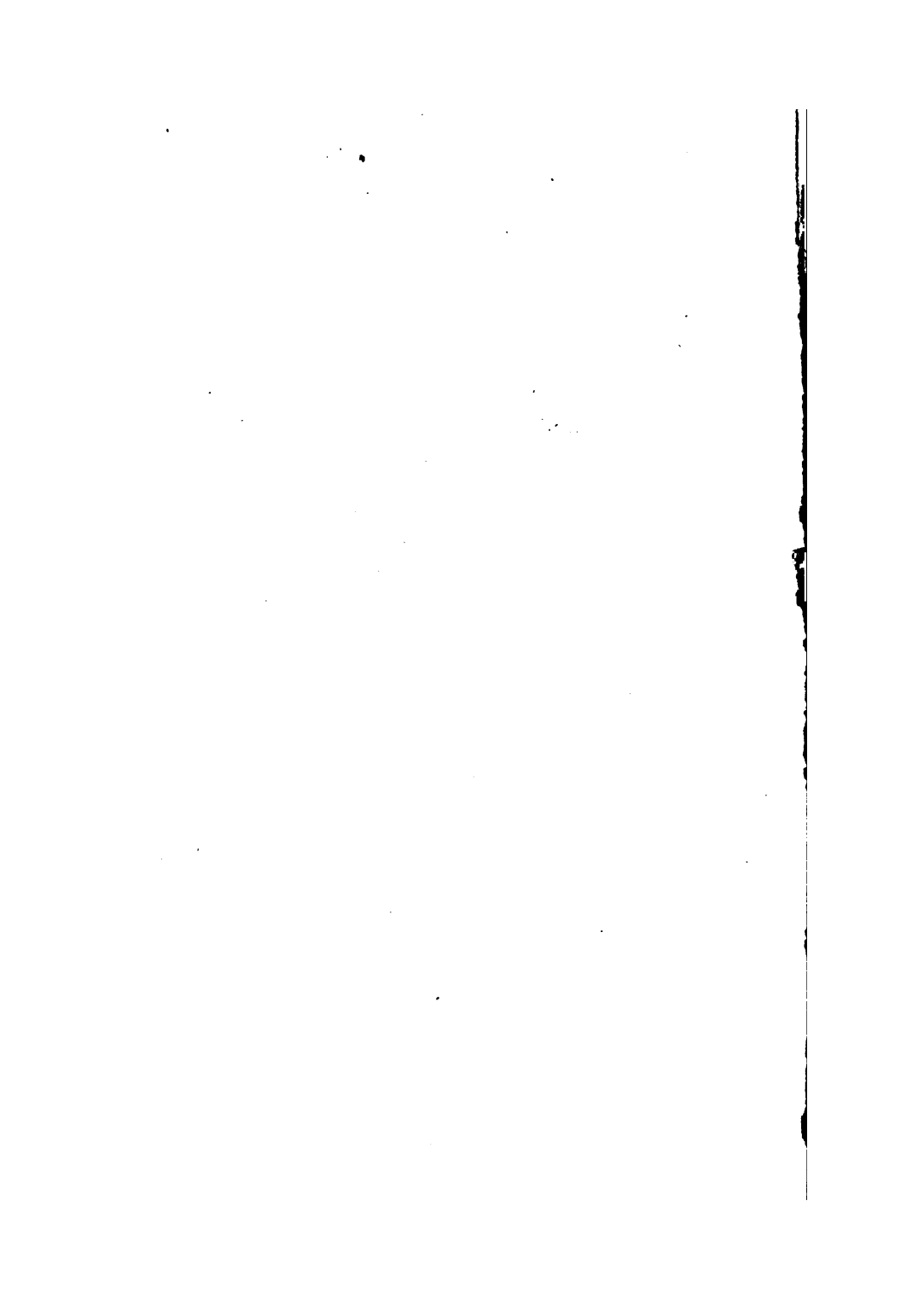


LAEMMERT & CIA

LIVREIROS-EDITORES

RIO DE JANEIRO — S. PAULO — RECIFE

1899.



O MISSIONARIO

Vertical line of text on the right side of the page.

O MISSIONARIO

POR

1894/ano
Marcos
H. INGLEZ DE SOUZA

2.^a EDIÇÃO

REVISTA PELO AUTOR E AUGMENTADA COM
UM PROLOGO DO

Tristão de Alencar
DR. ARARIPE JUNIOR
de



LAEMMERT & Cia

LIVREIROS-EDITORES

RIO DE JANEIRO. S. PAULO. RECIFE

1899.

C.H.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
444524 A
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R 1929 L

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS

A
MINHA QUERIDA MULHER

0
1
2
3
4
5
6
7
8
9

PROLOGO

~~~~~

*O MISSIONARIO é um livro que entontece, embriaga e farta como uma bebida forte do Amazonas. Em suas paginas encontra-se a vida que pode existir em uma obra copiada do natural. Embora se trate de um trabalho feito por um escriptor sobrio e comedido em suas manifestações, vê-se que o autor do MISSIONARIO possui grande vigor de imaginação, intensidade passional e esse colorido quente peculiar a todos que têm convivido com os habitantes da zona equatorial. Paraense nascido em Obidos, o Dr. Inglez de Souza, durante os primeiros annos de sua vida, perlustrou as margens do grande rio e ali recebeu as impressões que deviam enriquecer a palheta do patzagista. Grande analogia existe entre a placa photographica e a sensibilidade humana. Expo-nha-se qualquer poeta ao sol abrasador d'aquellas regiões magestosas e tel-o-ão transformado em um colorista de primeira ordem. Foi o que succedeu com o escriptor de que me occupo. A força suggestiva da vida amazonica dominou-o; o que é a reproducção de um facto que tem sido celebrado*

●

~~~~~

por todos os viajantes. Não ha livro escripto sobre o Amazonas que se não resinta de um colorido singular. E' ao maravilhoso d'essas tintas que devem todo o seu valor artistico os livros de Emille Carrey, de Gomes de Amorim, de Agassiz, de Bates, de Herbert Smith.

Eu mesmo que escrevo estas linhas, ainda hoje quando me recordo das scenas que ali observei, menino, sinto o arrepio de uma forte sensação retrospectiva; e, no sossobro do entusiasmo, julgo antever a phrase emotiva que revigora a expressão litteraria. Ainda hoje e com a mesma grandesa vejo passarem por diante dos meus olhos aquellas mysteriosas e selvagens florestas dominadas pela monotonia soberana de rios infindaveis. Tremo pensando nos perigos do Guaman, e de subito sinto-me, como outr'ora, arrebatado n'una igarité tripolada por indios mansos, descendo o rio, ora de bobuia, ora ao esforço vigoroso do braço do mundurucú, abrigado sob um toldo de guaruman.

Cahia a tarde rapidamente, e, segundo ouvira dizer, perigos indefiniveis nos ameaçavam. Era preciso, portanto, que a canoa alcançasse a "espera," antes de escurecer. Os indios, então á ordem do capataz, curvaram-se sobre os remos, e, sem protesto amudaram os movimentos. A igarité resvalou pelo meio da corrente como um patinador por sobre o gelo.

Veio a noite; entretanto não chegavamos ao

ponto determinado. A escuridão já era grande, e apenas os reflexos das estrellas destacavam das margens as massas escuras dos arvoredos, que se deitavam sobre as aguas. Em baixo seguia o rio silencioso por entre selvas negras e alagadas, que pareciam boiar como plantas aquaticas opulentas, collossaes, cobrindo a superficie sinistra de um lago immenso. Tudo parecia endurecido pelo silencio. Os remos mal ciciavam; na tolda o estupor da solidão abafava as vozes dos tripolantes. Ao meu coração transido de medo a callidez do ambiente, precursora da tempestade, antepunha o frio predecessor das emoções causadas por uma marcha para o desconhecido. Os remadores á proa da embarcação oscilavam como phantasmas. As folhas dos ingás, quando passamos em baixo de alguma moita, não se moviam. Com intervallos muito longos, da mata partia o pio angustiado da urutau ou o ganir do cão silvestre. Adiante fustigava-nos o rosto a vibração violenta do ar, ferido pela aza do morcego. A soturnidade d'esse scenario trazia-me o sangue gelado nas veias como se o sobre-natural ali estivesse acenando do escuro em illusões vertiginosas de espectro solar, de gemidos distantes, surdos e plangentes, de uivos entrecortados e dilacerantes e de roncos de sucuru-jubas gigantescas.

— Ella ahí vem; disse por fim um dos mundurucús.

— *Ella quem? perguntei eu no auge do pavor, procurando sorprendher nas palavras de todos um amparo contra o perigo que se avizinhava. E alguém allí perto de mim, com a voz aguda dos sinos em alarma, sussurrou que seria talvez a pororoca, mas que a "espera" felizmente estava á vista.*

Recrudescceu a velocidade da igaraté; e, na escuridão, sem que percebesse nitidamente o que se passava, senti que sahiámos da grande correnteza para entrar num leito mais estreito. Houve uma sensação de allivio. Os índios mansos começaram a falar, e um torrão de almecega acceso foi posto á proa da canoa. Então pude ver que tínhamos penetrado num igarapé. A' amplidão do Guaman succedia a angustura de um canal, em que as arvores esgalhadas e abraçando-se de lado a lado occultavam os unicos fogos que nos guiavam, — os das estrellas. De quando em quando gravetos e cipós raspavam o toldo de guaruman. Os remadores, desembaraçados das pás, afastavam os ramos e iam arrastando a igaraté quasi por assim dizer atravez do matagal. Numa volta estacou a embarcação; existia uma aberta no mato, alguma coisa que se assemelhava a um ponto de passagem de antas. A influencia das aguas difficilmente chegaria até allí, diziam. Todavia a igaraté foi encalhada e amarrada por cordas aos troncos marginaes.

Para mim as recordações do que se seguiu são vagas, e neste instante apresentam-se-me ao espirito adornadas dos tons fugitivos e fulgurantes de uma magica theatral.

Um dos selvagens tinha-me tomado ao hombro e depois me collocara em terra. Ao clarão da almecega fomos conduzidos todos para região mais elevada. Passaram-se minutos. Um clamor ao longe, muito ao longe, se fez sentir no espaço; silencio; novo clamor; fragmentos de rumores desconhecidos espalham-se dilacerados pelo vento da floresta. Os ouvidos difficilmente apprehendem a symphonia de ruidos mysteriosos que se avizinha. Era a pororoca que enfim chegava. Um rugido indescriptivel atroou nos ares, propagando-se em mil outros trons que se perdiam pelas arcarias da selva sem limites; e num crescendo diabolico, ao qual pareciam assistir todas as bigornas do inferno invisivel, a onda alva e espumante, de longe mal presentida, aturdiu-me até á paralysação do sentido auditivo. E assim passou por junto de nós todos transidos o pesadelo da natureza amazonica. Investindo as aguas tranquillias do Guaman, a pororoca tyranisava as florestas vergadas sob a agonia de sua raiva epileptica. Os matos estalavam; desarraigavam-se arvores collosaes; subia a agua em espumas até ao ninho das aves; a fauna e a propria flora, desperta de seu somno, lançavam o alarido de soccorro. Insen-

sivel, porém, a esse alarido infernal, a onda avançava sempre; e um brado superior a todas essas vozes dominou a amplidão.

Enorme, revolta, furiosa, entalada entre duas massas escuras, devastando, destruindo, deitando por terra tudo quanto obstava a sua passagem, a onda soberana, como o genio sombrio d'aquelles rios, desapareceu no mysterio como d'elle havia surgido. As aguas mortas do igarapé, impellidas até quasi o outeiro para onde nos havíamos abrigado, foram-se escoando a pouco e pouco; e a floresta, tornando á primitiva quietação, de repente balsamizou-se dos aromas exhalados das hervas despedaçadas pela violencia da torrente. A' tepidez da atmosphaera, congestionada pela electricidade, succedeu o frescor produzido por uma aragem solicitante e bemfazeja.

Passaram os banzeiros; voltámos á canoa; e d'ahi a instantes, á força de remos, corriamos, rio abaixo, em busca do Bojarú . . .

II

Abrindo as folhas d'O MISSIONARIO senti-me de subito transportado a esse Pará que conheci na minha puericia. D'aqui o estou vendo vivo, quente, luminoso, como se a fada do romance me houvesse tocado com a sua vara de condão e me convertesse em habitante d'aquellas regiões.

Embarcado na phantasia de escriptor que

manobra um estylo ductil e cristalino, acho-me na villa de Silves, e assisto a todas as intrigas do lugarejo. Todos os graúdos da terra me são apresentados; e scenas curiosissimas desenrolam-se diante de meus olhos absortos.

Aqui está o Sr. Macario, sacristão da matriz de Silves, misto de devoção e velhacaria, não obstante julgar-se o "machiavelismo" em pessoa. Nada mais interessante do que esse typo de rato de sacristia com as suas pretensões a sacudir poeira nos olhos dos freguezes e á dominação politica da villa por meio da tutella que suppõe exercer sobre um vigario moço e inexperiente.

Agora é o Sr. tenente Valladão, subdelegado de policia, "magro, esgrouviado, e tísico," mas não obstante isto "muito boa pessoa" e respeitavel tanto pelo comprido cavaignac grisalho, como pelos seus oculos imponentes.

Mais adiante surge o collecter das rendas geraes e provinciaes o Sr. Manoel Mendes da Fonseca, influencia politica do lugar, negociante importante e homem de toda a consideração, sem embargo da grande barriga que o precede e da barba sempre feita que lhe dá uma feição sacertotal.

E não tardam a apparecer as outras notabilidades da heroica villa: — o presidente da Camara Municipal Neves Barriga, tambem "muito boa pessoa," "cara de carneiro com largas ventas cheias de Paulo Cordeiro;" — o professor regio

Annibal Americano Selvagem Brasileiro, segundo era voz publica, intelligente e serio, e além d'isto mulato de oculos de tartaruga; — o logista Joaquim da Costa e Silva, proprietario de uma boa loja de modas á rua do Porto, bazar onde se vende de tudo e se corta na pelle de todo o mundo, homem tambem muito honrado, apesar de "fazer o commercio de regatão mais por divertimento do que por necessidade."

Esta sociedade minuscula de Silves vai apparecendo á proporção que as paginas do livro se desdobram; e aqui, alli, além, vou encontrando figuras algures entre-vistas em aldeias do sertão.

Por ultimo exhibe-se o typo completo e acabado do publicista da roça. Eis-me em presença do Sr. Xico Fidencio.

Este personagem, diga-se a verdade, é um dos mais bem apanhados especimens da fauna social brasileira; e constitue o typo sobre o qual se move toda a primeira parte do romance; elle representa bem o papel do diabo sokto num povoado, onde uma metade do povo é ruim e a outra imbecil, com rarissimas excepções.

A psychologia desse individuo é feita com cuidado e apuro e o seu retrato trabalhado com amor. Xico Fidencio é um sujeito de educação truncada. Arribado do sul, charlatão de marca, dotado de loquela inextinguivel e de uma "vis scribendi" furibunda, tinha tomado Silves de assalto,

e procurava supplantar os matutos cum uma linguagem lardeada de latinorios e de citações historicas faiscadas nos compendios e no Cesar Cantú. O enredo em pessoa, batido em sua mediocridade pelas forças sociaes onde quer que pousara antes de chegar a Silves, vingava-se agora das injustiças da sorte apossando-se d'aquella pobre gente para, "in anima vili," pôr á prova a alta capacidade intellectual de que se suppunha dotado. Assim o charlatão se constituirá o oráculo do povoado, o explicador de todas as coisas difficeis, arauto da moral publica e chefe virtual de todos os motins e agitações movidas nas redondezas da lagoa de Saracá.

Ao tempo em que se passa a acção do romance dirigia a Diocese do Pará o bispo D. Antonio de Macedo Costa e a questão maçonica percorria o periodo mais agudo. D. Antonio procurava reanimar o valle do Amazonas, insufflando nos indios, pela catechese, e nos regatões, pela predica, o espirito christão. Em seus aureos sonhos até imaginara a creação do "Christophoro," cathedral fluctuante e phantastica, que singrando pelas aguas do grande rio, iria attrahindo ao seio da igreja pelo grandioso das harmonias, qual novo Orpheu, não só os habitantes das selvas, mas tambem os especuladores de especiarias materializados pelo demonio da ganancia commercial. Estas e outras tendencias mysticas eram então alimentadas

pelo seminario maior de Belém, de onde saham todos os annos alguns padres dedicados á causa, e ainda mais pelos jesuitas que do collegio latino-americano de Roma vinham auxiliar a obra iniciada pelo prelado. Pode-se, portanto, calcular como ao surgir a questão maçônica, estas machinas padrescas deviam irritar os maus de temperamento e os que de ordinario gostam do escandalo e se alegram com o spectaculo da perturbação das consciencias.

Xico Fidencio, pois, em Silves fizera-se o defensor da liberdade e o arauto do "Bode Preto;" e apparelhara-se em opposição systematica a tudo quanto cheirasse a sacristia. E' facil adivinhar em que livros fora o atrabiliario mestre-escola buscar os lugares communs de polemica religiosa com que devia espantar a burguezia matuta da infeliz freguezia que lhe coubera por sorte.

O vigario de Silves na epoca de que se trata era um homem de moral pouco segura e cumplice de todos os costumes de seu tempo. Estava pois indicado o ponto de partida para a campanha e o romancista em uma pagina magistral nos mostra como o Fidencio se desempenhou d'essa missão.

Em Silves não havia ainda imprensa; isto, porém, não foi razão para que Xico Fidencio desacoroçoasse.

"Um dia, lembrara-se de escrever uma correspondencia para uma folha de Manãos, a pro-

posito da ultima sessão do jury, e dissera umas coisas agradaveis ao juiz de direito, que lhe valeram a proposta para adjunto do promotor publico. E, satisfeito com o resultado obtido, puzera-se em activa correspondencia com o jornal de Mandos, o *DEMOCRATA*, "orgão politico, noticioso, commercial, scientifico e independente," que lhe estampara a prosa, contente por ter materia nova com que encher as columnas da obrigação. As cartas de Xico Fidencio não seriam talvez muito lidas na capital da provincia, mas em Silves eram devoradas avidamente, commentadas, discutidas durante quinze dias a fio. O seu estylo tinha umas vezes o sarcasmo ferino da conversação ordinaria, e outras, quando o Xico calçava as suas tamancas de jornalista grave e queria discutir um assumpto com a seriedade necessaria, subia aos phraseados sonoros, recheiados de declamações bombasticas, de trechos de bons autores, de citações novas, com muita erudição de ideias e palavras, bebidas aqui e ali, na leitura de periodicos e pamphletos.

"E eram esses artigos, de que mais se orgulhava, que reputava melhores, que lia e relia aos amigos, chamando-lhes a attenção para o phraseado cheio, para as referencias sabias e o rebuscado do estylo, os mais raros e os menos apreciados. O publico, ignorante e grosseiro, preferia as pilherias e as criticas mordazes, que iam

subindo de tom até o diapásão da descompostura, degenerando em maledicencias e calumnias.

“Quando chegava o paquete e o DEMOCRATA apparecia, pequeno, massudo e mal impresso, coberto de “pasteis” e de falhas, como de uma lepra incuravel, toda gente queria saber se o “Constante leitor,” o pseudonymo do Xico Fidencio, escrevera a sua carta, datada de Silves, com quem bolia, se desancava padre José ou o subdelegado, se falava na Luisa ou na D. Prudencia, se contava os novos amores do vigario, ou descobria as recentes ladroeiras do escrivão da policia

“O vigario vingava-se das correspondencias, fazendo-lhe uma guerra de morte. O collector, que era o homem mais importante do lugur, não gostava d'elle, embora lhe tivesse medo. As mulheres eram-lhe hostis, não liam as suas cartas, não viam senão o homemsinho feio, que desrespeitava os santos e pregava heresias. Estranho á terra, sem ligações de familia na provincia, sem a tradição d'um passado qualquer que o protegesse, reconhecia-se fraco e dispunha-se a abandonar o campo, quando surgiu de chofre o segundo periodo da questão religiosa, ferida entre os bispos do Pará e de Olinda e a Maçonaria.

“A gente de Silves não tinha interesse algum na questão, mesmo porque o seu vigario, um pandego, valha a verdade, não se occupava muito de cousas da igreja. Mas o espirito de partido,

muito vivo nas povoações pequenas, o amor da novidade, o instincto de contradicção e de luta que divide os homens, mesmo desinteressados e indifferentes ao assumpto da discussão, fraccionaram a população em dois grupos. Um formara-se dos maçons, dos parentes dos maçons, dos inimigos pessoais do vigario e dos rapazes mais ardentes e mais instruidos. O outro constituiria-se com os homens tímidos e pacíficos, que, de preferencia ás innovações, queriam viver com os padres, acreditando, ou fazendo por acreditar, em tudo o que esses exploradores da humanidade dizem. Francisco Fidencio tornou-se naturalmente chefe do partido maçónico.

“A luta, a falar a verdade, consistira unicamente em discussões fortes á porta do collecter ou junto ao balcão do Costa e Silva, e na insistencia dos maçons em acompanhar as procissões e “Nossos Pais” de balandrau e tocha. Francisco Fidencio era irmão do Santissimo. A sua brilhante opa encarnada, que, por acinte, tinha na sala exposta a todas as vistas, apparecia em toda a parte. Padre José “bufava.” Por fim tomara o pretexto de tão grande irreverencia para acabar com festas e procissões que lhe davam muita massada; mas o melhor fôra que o correspondente do DEMOCRATA lucrara com a questão.

“Primeiro que tudo, dedicando as suas cartas ao assumpto da pendencia que dividia os

espíritos, atacando o papa, os bispos, os padres todos e especialmente os Jesuitas, poupava os habitantes da villa, com excepção do vigario. Mereceu com esse procedimento que se corresse um veu sobre as criticas antigas, amortecendo os odios dos offendidos. Não era mais o "escrevinhador insolente," que se occupava da vida privada de cidadãos conhecidos, achincalhando a reputação do capitão Fulano ou do negociante Sicrano.

"Passava a ser um escriptor preoccupado de questões sociaes, um sujeito que zurzia os padres, uma especie de adversario platónico. Os padres que se defendessem! As antigas victimas rejubilavam-se descansadas, livres do temor, esforçando-se por fazer esquecer as descomposturas recebidas no DEMOCRATA. Eram agora ellas mesmas que chamavam a attenção publica para os artigos do professor, que commentavam indagando hypocriticamente se seria verdade tudo aquillo que se dizia do padre José, alardeando indignação, exclamando que taes monstruosidades eram dignas de severo castigo.

"Francisco Fidencio contava á redacção do DEMOCRATA, por miudo, as pandegas collossaes do vigario, as aventuras nocturnas, as bambochatas em canoa, as orgias nas praias de areia, ao tempo da desova das tartarugas. Citava nomes, falava da Chica da outra banda, da mulher do Viriato, da Luiza e até da D. Prudencia, — vela-

damente — “uma certa Imprudencia.” Disia que o vigario bebera o dinheiro da provincia com as mulatas, em vez de concertar a Matriz, que seduzia as beatas, que prostituia as confessadas, que era ministro de Barrabás . . . o diabo!

“Padre José ficava furioso. Amcaçava “quebrar as bitaculas áquelle safado,” e calumniava-o, espalhando que Xico Fidencio fôra condemnado no Rio por gatuno e expulso do corpo de permanentes do Pará por maus costumes, “— peccados contra a natureza”¹⁾.

E’ com este terribilissimo director da opinião de Silves que tem de se medir o novo parochio que figura como protagonista do romance e pelo qual se alvoroça toda a população da villa, apenas se divulga a noticia da aproximação do paquete que o conduz.

III

Os primeiros capitulos do livro descrevem os preparativos para a recepção de padre Antonio de Moraes e a azafama do sacristão Macario, que fôra incumbido de arranjar-lhe conveniente aposentadoria. Ruas enfeitadas, repiques de sinos, girandolas de foguetes, multidão pelo caes, folhas de mangueira espalhadas pelo pavimento, arcs de murta: nada falta para dar á chejada auspiciosa do vigario o tom festivo dos grandes dias.

¹⁾ MISSIONARIO pag. 143.

A villa acolhe padre Antonio, presurosa; os catholicos rejubilam por terem agora em seu seio um cura d'almas moço, formoso e illustrado; o Fidencio vê-o passar, acompanhado do beaterio, e atira-lhe de revés o riso hostil das inimizades systematicas e abstractas. O recém-chegado, entretanto, corre á igreja para fazer a oração do estylo; encontra-a devastada, sem paramentos, quasi em ruinas; e pezaroso recolhe-se ao silencio da sua habitação com as ingenuas curiosidades do novo e a oppressão da responsabilidade do futuro. Entregue aos seus pensamentos, o joven sacerdote reflecte na sua espinhosa missão, lança uma vista sobre o passado e a sua alma transfigura-se, retratando um dos typos mais romanticos que a disciplina dos seminarios já conseguiu produzir plasmando um temperamento tropical.

Padre Antonio de Moraes não é, como apparenta, um asceta igual a tantos outros, um mystico de natureza, lapidado pela educação, petrificado pela disciplina e pela monita jesuitica. Ao contrario d'isto, elle apresenta todos os caracteres do detento de uma profissão, de um illudido por capricho de direcção; não é um contemplativo. Sanguineo e forte, a sua natureza pedia movimento e luta, gozo e triumphos ruidosos.

Antes de entrar para o Seminario fôra um selvagemzinho. "Levara uma vida livre, solto nos campos, ajudando a tocar o gado para a malhada,

a metter as vaccas para o curral.” Os seus divertimentos, então, eram montar bezerras, subjugar poldros de anno e meio, madrugar em excursões atrás de ninhos de garças e maguarys, afrontando brejos, rios e florestas, “saturado de sol, de ar, de liberdade, de gozo.”

Semelhante vida, comprehende-se, não podia senão atizar-lhe o sangue e apparelhar a carne. Não obstante, e quando o selvagemzinho mal so-letrava a “Historia do imperador Carlos Magno e dos doze pares de França” e começava a perseguir as mulatinhas, entenderam que uma batina ia-lhe ao pintar; e o enziqueiraram no aprisco sagrado, cortando-lhe subitamente o desenvolvimento da puberdade. Os padres conseguiram domal-o; mas a redução do menino fez-se com algum trabalho. Era inevitavel que a intrepidez do antigo perseguidor de maguarys, atravessando a sua educação theologica, entre a duvida e a contradicção, levantasse successivamente todas as bandeiras que a heresia e a impiedade tem defraldado para inquietar a consciencia catholica desde Origenes até Luthero. Assim, elle fôra maniqueu, com Santo Agostinho, millenario com S. Justino e Santo Ambrosio, dualista com Marcião, mystico com Montario, chegando mesmo a adoptar a heresia dos valerios e dos origenistas. Tudo isto, porém, modificara-se diante da disciplina e de alguns encarceramentos, e por ultimo

dissipou-se com o recebimento das ordens e com a vigararia de Silves. Todavia a imposição do ministerio sagrado, se o submete, não o transforma.

O parochio, que agora encontramos frente a frente a Xico Fidencio, cheio de modestia, de unção religiosa, e preocupado do incremento da fé, quer acção, luz e theatro para largos movimentos.

Em pouco tempo a monotonia do exercicio parochial o arroja para as concepções gigantescas. A historia das missões o embevecia e as biographias dos grandes soldados da milicia de Christo causavam-lhe verdadeira febre de gloria.

“O padre levantava-se cedo, ás seis horas, lia o breviario e passava a dizer missa. Depois da missa confessava, e ao sahir, no adro, palestrava com os homcns, indagando da saude de cada um, muito cortez, dando conselhos de hygiene privada. Terminada a aula de religião que dava aos meninos, recolhia-se a concertar com o lorpa do Macario sachristão sobre as necessidades do culto. Jantava ás quatro horas, sahia a dar um breve passeio pelos arredores da villa, a espairecer, sempre serio, de olhos baixos, compenetrado do dever de dar o exemplo de sisudez e da gravidade. Voltava ás seis horas, ao toque de Ave Maria, descoberto, passeando lentamente, recolhia-se ao quarto a ler o breviario . . .

“Os baptisados e casamentos, atrasados um semestre, um ou outro enterro, achavam-n’o sempre prompto, nada exigente quanto a propinas, observando com affectado escrupulo a tabella do bispado, e fechando os olhos á qualidade maçonica do padrinho, do defunto ou do nubente . . .”¹⁾

Esta mansuetude e correção no cumprimento dos deveres parochiaes concorrem para tornar ainda mais monotona e incolor a vida do pseudo-asceta. O proprio Xico Fidencio sente-se desarmado, e o unico elemento de escandalo que podia agitar o forum de Silves, falha de um modo descoroçoador, tirando a verve ao folliculario e preparando a evasão do joven sacerdote.

Padre Antonio, dia a dia, reconhece que o escopo de sua vida não é prégar sermões eloquentes entre as quatro paredes de uma velha igreja despovoada de fieis. Com effeito, aquelle “padre triste”, que, segundo dizia o Fidencio, “tinha mysterios no gesto e uma aggressão no olhar”, não podia permanecer á margem do Saracá, entre gente estúpida, inactivo e sujeito a morrer de um momento para outro sem que sobre sua sepultura se podesse escrever um feito digno de memoria.

Não lhe bastava o cumprimento banal do dever. Seu idéal era ser um santo celebre e para

¹⁾ Obr. cit. pag. 168.

conseguiu só havia um meio: — fugir ás tentações da carne que o agulhoavam naquella villa ociosa e emprehender a missão da Mundurucania. Era preciso correr perigos e illustrar uma pagina do "Flos Sanctorum." Padre Antonio não hesita mais, e um dia, acompanhado do sacristão Macario, numa igarité, abandona Silves, com um sonho prodigioso no cerebro. A floresta brazilica já se transfigura na cathedral poetica dos tempos aureos; e no delirio do romantico voejam todas as grandezas e sumptuosidades que a memoria oriental e a legenda medieval têm accumulado em sua imaginação de voluptuoso. Em seu espirito, privado da mulher, forma-se o ruidoso poema das grandes creações sociologicas. O Amazonas se lhe afigura o centro do Universo e a missão da Mundurucania uma nova construcção de Ignacio de Loyola.

IV

Até o ponto do livro em que se descreve a evasão do vigario de Silves, que foge á "civilização" do Saracá para elevar um monumento de fé entre os Mundurucús, as scenas do romance obedecem á primeira parte de um plano, que divide a obra em duas ordens de espectaculos mui distinctos. Na primeira o escriptor não tem outro intuito senão photographar a vida sarapintada de um povoado do sertão; e nella os aspectos

escolhidos são apresentados com um vigor pouco commum. As eporas succedem-se logicamente de modo a produzir no espirito do leitor a illusão dos movimentos collectivos como em um gyroscopo tangido á toda a força. Os personagens tomam todas as attitudes que o romancista lhes quer dar, sem que se presintam as ficelles nem se faça violencia a marcha natural dos acontecimentos.

Padre Antonio, que constitue o objecto mais attraente do livro, atravessa, entretanto, esse viver de Silves como uma sombra intangivel á intriga, suspenso pelas asas da reserva e de uma austeridade até então desconhecida na localidade, graças aos desmandos de seus antecessores. Emquanto elle medita os mysterios theologicos na solidão de seu quarto, ou perambula pelas margens dos rios, engolfado no sonho da sua gloriosa missão, Xico Fidencio desarrasoa em politica, conspira inutilmente contra a virtude do novo apostolo, e continúa a escrever para o jornal de Mandos artigos furiosos, expondo á sanha dos maçons o que elle chamava "abutres de batina e inimigos do progresso". No bazar de Costa e Silva continuam a reunir-se os faladores da vida alheia. Os regaões preparam-se para novos assaltos á innocencia das populações indigenas e ribeirinhas; e a consciencia catholica da mestiçagem amazonense arrepela-se de vez em quando arrebatada pelos movimentos hystericos de uma religiosidade de

ocasião, sem tradições e apenas nutrida pelo sentimento vago e morbido do divino incognoscível. Indiferente, porém, a tudo isto, padre Antonio prosegue na rota para onde a educação religiosa o impelle, e julga ter encetado o seu ministerio no momento em que, mettido em uma fragil igrarité, ao lado da sacristão Macario, mergulhado na vastidão do rio Abacaxis, face a face com o deserto, prescruta a psychologia dos povos virgens.

Pode-se dizer que é nessa passagem que se abre propriamente a acção do MISSIONARIO; e d'ahi por diante o livro se desenvolve em uma serie de aspectos psychologicos que recordam as mais intensas paginas de Bourget.

Alguns leitores têm com certeza achado monotonica essa segunda parte do romance. Não ha duvida que essa monotonia existe; mas é preciso não esquecer que o autor procurou-a conscientemente e num intuito artistico. A sensação que a soledade das aguas do Amazonas infundia no apostolo da Mundurucania devia necessariamente reproduzir-se na sensibilidade do leitor; e esse effeito o Dr. Inglez de Souza conseguiu realizar amplificando com habilidade rara o estado da alma do missionario em contraste continuo com o silencio das florestas e a força obnubilante do deserto. Sem esse artificio como poderia o romanista chegar ás conclusões e ao desfecho a que chegou?

Ora, o objectivo d'O MISSIONARIO não é outro senão descrever o "fiasco de um apostolo."

Padre Antonio de Moraes, um temperamento genial, pensa que tem dentro de si um Anchieta; deixa-se tomar pela telha do romantismo e inflamma-se no sonho da Mundurucania; mette mãos a obra, mas quando menos cuida em si, o deserto encarrega-se de esfriar-lhe o enthusiasmo mal bebido em livros sagrados ou profanos. A natureza reconquista os seus foros e acaba restituindo victoriosamente o orgão á sua funcção legitima.

O Anchieta de Silves á proporção que se interna nos sertões de Maués vai perdendo as côres de asceta que o Seminario maior de Belem conseguira pôr-lhe no semblante; a batina do apostolo pue-se nos atritos da vida florestal; o padre gradualmente deixa-se substituir pelo rubicundo explorador, audaz e vigoroso; e por ultimo, na febre do gozo carnal, que o sol dos tropicos fustiga, apaga-se o candidato á santidade para surgir um vigario como qualquer outro, amancebado com uma linda mameluca ou com uma cafusa cheirando á baunilha e á periperioca.

A historia desse "fiasco" colossal necessitava de ser traçada com todo cuidado e amor que exigia um typo da qualidade do de que se trata. Accresciam as difficuldades que o autor teria de combater para não cahir nos lugares communs

do genero litterario. O Eurico de A. Herculano, o padre Molina de José Alencar e o padre Amaro de Eça de Queiroz ahi estavam á obstruir-lhe o campo de acção. Todavia o Dr. Inglez de-Souza soube evitar as situações já exploradas nos livros d'aquelles mestres; e isto conseguiu fazendo do seu personagem um sacerdote intelligente e illustrado, é verdade, mas, no que respeita ao caracter, á relaxação da vontade, um padre atoa, igual a tantos que o leitor conhece, muito bons pais de familia e amigos dos cinco mil réis da missa. Eis toda a sua originalidade.

Padre Antonio não apresenta um typo de sacrilego. A transição opera-se lentamente, naturalmente; não ha violencia, nem lutas como as em que se empenharam os heroes acima enumerados. O missionario apenas sente com o tempo apagar-se no seu espirito a ideia da missão; esquece toda sua litteratura religiosa e a patrologia; troca a sensação do livro pela da floresta; e, sem o perceber, passa dos braços da "mater dolorosa" para o collo tepido, perfumado e aphrodisiaco da tapuya, que o enlaça, qual formosa sucrujuba de amor, e vai, num recanto da lagoa, sugal-o até a ultima gota de sensualismo. Para que, porém, o vigario de Silves chegue a esta situação, o romancista é obrigado a conduzi-lo, muito de vagar, através das paisagens do rio Urubús, do Abacaxis,

do lago Cumuman, e dos sertões do Guaranatuba, aonde a pouco e pouco o sonho do missionario, a cathedral enorme do oriente, o Christophoro, todos osapparelhos enfim da nevrose expedicionaria acabam por diluir-se ao contacto das tintas fulgurantes com que a natureza brindou a flora e a fauna tropical. Esplende por fim o nativismo de um padre "errado," e apagada a imagem do pretensso Anchieta, começa a esboçar-se, na viagem perigosa e accidentada, o typo do brasileiro cheio de fogo e de lyrismo pratico.

"Pela primeira vez," diz o livro, „Padre Antonio conseguiu conciliar o somno. Estava prestes a realizar o seu grandioso projecto. Estava contente consigo mesmo. A melancolia que o acobrunhava desaparecera como por encanto, não mais as tristes idéas de aniquilamento e morte que lhe ensombravam a imaginação, não mais estremecia de terror pensando na vida eterna . . .

"Abrindo a porta do quarto que dava para o terreiro, entrou por ella o dia, um esplendido dia de Agosto, cheio de vozes de passaros na floresta e de ruido de peixes no rio. O sol levantando-se por sobre as matas da outra banda, parecia sahir de um banho voluptuoso com os raios brilhantes mitigados pelas humidades da atmosphera impregnada de vapores aquosos que surgiam do Canuman. As arvores, o capinzal,

o terreiro estavam cobertos de abundante orvalho. As arvores da beirada rescendiam um perfume agreste que entontecia, toda a natureza amazonica revivia com mais pujança aos beijos de um sol bem amado que voltava a acaricial-a com a luz rica de tonalidades claras, animando-a com o seu calor fecundo.

“Padre Antonio exaltado por um sentimento religioso ante o espectaculo admiravel daquela manhan soberba, dirigiu-se ao porto a chamar os camaradas, que deviam ter pernoitado na canoa. Mas na superficie calma e lisa do lago, na esteira sombria do furo do Urariá, abrigado da luz matutina pelas arvores da beira, nenhuma embarcação se divisava. O porto estava deserto. O vigario e o sacristão, numa terrivel anciedade, correram pela margem, chamando em altas vozes os remeiros pelos nomes, mas sómente o echo lhes respondia, o echo da outra banda entrecortado pela gargalhada zombeteira da maritaca. A situação era clara como o dia que se levantava por entre os annigaes da vargem.

“Os tapuyos haviam fugido na igarité de padre Antonio, levando-lhe a roupa, as provisões, tudo”.

V

Perdidos o breviario e a batina, Padre Antonio não esmorece; a miragem religiosa continua

a fortalecel-o, embora a idéa do martyrio se transfunda num vigoroso hausto de vida tropical.

Ora remando como um caboclo ao lado do sacristão, ora dormindo num recesso da floresta, ao clarão da fogueira, ora fugindo á toda força diante da ubá do mundurucú feroz, ora batendo a picada em busca da caça ou do fruto silvestre, o missionario vai perdendo a faculdade da meditação, e, aos poucos, começa a sentir a renascença do homem da raça ariana, com todos os seus recursos de energia e fulgidos idéas. O Macario acompanha-o a contra gosto, cheio de sustos, qual outro Sancho Pansa, sem que chegue a comprehender o que se passa no espirito desse novo D. Quixote do sacerdocio, nem como um padre illustrado e virtuoso pode transformar-se num selvagem. Elle que nunca lera os romances de Fenimore Cooper, não vira Nathaniel Bumpo, nem conhecia as theorias dos mesologistas modernos, de surpresa em surpresa, a cada instante capacita-se de que o vigario de Silves marcha de vez para a loucura. Seja, porém, como for, o missionario devora o deserto. A montaria vence os rios e os sertões inhospitos. Não o conseguem aterrar as nuvens de carapanans e piuns, que assaltam a canoa; não o assusta o urro da onça errante e faminta, que ao longe fareja a preza; e se as noites de luar, fazendo por momentos descer a melancolia sobre sua alma, provocam

uma recahida ascetica, os dias equatoriales, arden-tes e fulgurantes, encarregando-se de equilibrar-lhe o espirito, tonificam-lhe a imaginação com o alarido da fauna que tripudia nas selvas. Esse vigor de moço, contudo, deixa-se um dia assoberbar. Padre Antonio, nos sertões de Guaranatuba, junto ao furo da Sapucaia, salvo por índios mansos das garras e ferocidade dos Mundurucús, cae prostrado pela febre e paga o seu tributo phisio-logico á soberania do impaludismo amazonico. A febre corroe-lhe os ultimos resquícios do "an-chietismo que o tortura." Quando desperta do lethargo da enfermidade, bom, refeito, purificado, por assim dizer acclimado na região da luz, elle, que vinha da treva dos claustros, com o cerebro cheio das visões de Dante, encontra-se num sitio meio civilisado, cercado de altos castanhaes, suma-úmas frondosas, agrestes embaubeiras, cacaeiros viçosos, á margem de um rio de longe em longe frequentado pelos regatões, onde o velho tucháua João Pimenta e sua neta Clarinha, uma mameluca de 15 annos, com os olhos languidos de creoula derretida, hypnotisam-no á força de agrados e de hospitalidade primitiva.

E' fácil prever o idyllio original que se vai passar e de que só as paginas do livro podem dar uma idea exacta.

Com effeito, padre Antonio não resiste ao conjunto de sensações que naquelle bemaventurado

retiro conspiram para deitar por terra a sua castidade. A natureza rica e prodiga do Amazonas e a mais voluptuosa das mulheres reúnem-se ali em um verdadeiro paraíso e de uma dedada apagam da memória do vigário de Silves todo o "Flos Sanctorum" e toda a idade média com os seus cilícios e macerações. O missionário não succumbe: regressa ao estado bárbaro; assiste a própria assumpção, engolfado na luz e nos perfumes da região do Eldorado. Virilisa-se de subito; e presente que na sua carne e no seu espírito de aria se vai processar psychologicamente a redempção de um temperamento. O amor de Clarinha completa por fim a sua existencia, ensinando-lhe a entoar com as aves, com as feras, ao ruído dos rios, ao rumorejar das florestas, o hymno do pantheismo e o canticó anacletico do optimista. A vida, quando se pode e se sabe viver-a, de accordo com as leis universaes, é uma coisa deliciosa. Recebido o osculo da mulher nos sertões de Guaramatuba, um dia padre Antonio lembra-se de regressar á vida regular da parochia. Não é sem difficuldades que o exapostolo se avizinha do povoado, pensando na affronta que fizera á igreja e á rhetorica do Fidencio. Mas que valia tudo isto á vista da felicidade que gozara e dos momentos venturosos que ainda a mameluca lhe poderia offerecer recatadamente guardada em algum recanto da lagoa do Saracá?

Um pouco enfiado, recolhe-se o padre ao "ram ram" da vida commum; mas em compensação na alma fica-lhe a sensação de ter escripto na propria carne estrophes iguaes ás que outr'ora tinha lido nos poemas da India, ou nas pastoraes de Longus e de Bernardin de Saint Pierre.

VI

A ultima parte do romance proporciona ao Dr. Inglez de Souza mostrar toda extensão do seu talento de paisagista. Em verdade não conheço livro escripto por brasileiro em que a natureza tropical appareça representada com tamanho esplendor.

Se Chateaubriand não estivesse fóra da moda, eu diria que havíamos encontrado o nosso Chateaubriand, um Chateaubriand á moderna, não á maneira de Pierre Loti, mas naturalista, observador, ao mesmo tempo psychologo e optimista. Digo optimista intencionalmente, porque um americano não pode ser senão optimista, maxime quando se volve para a terra natal, um tanto esquecido do que leu nos livros torturados da decadencia européa. Ao contrario do autor de Atala o Dr. Inglez de Souza não foi buscar na contemplação da natureza amazonica a confirmação de um estado da alma merencorio e triste. A sua paisagem é opulenta, variada, muito colorida e fulgurante; por vezes solenne e mysteriosa: mas

não pesa sobre ella a preocupação do vago infinito, do symbolismo divino e a tortura do problema eterno; antes pelo contrario, aviventam-na a cada passo os hymnos da alegria, os festivaes da vida dos tropicos; e se nella existe alguma preocupação, é a de attingir a intensidade maxima da força.

René chorava e entenebrecia-se quando, perdido nas margens do Mississipe ou dos grandes lagos ignorados, ouvia o roncar longinquo da cataracta do Niagara. René, alma solitaria e apaixonada, velava-se de luto e suspirava dolorido, quando a lua no deserto se erguia vagarosa por cima da copa das arvores, lançando uma claridade azul e aveludada sobre as savanas, onde a relva dormia immovel e orvalhada. Padre Antonio, pelo contrario, se perde a alegria, é momentaneamente, por cansaço, por sobresalto. Apenas toca-o um aspecto novo, reaparece a energia. O seu temperamento engolfa-se, e a successão de aspectos determina uma serie quasi ininterrupta de desejos febris de actividade. A paizagem, portanto, como complemento psychologico das determinações volitivas, reproduz-se na imaginação do personagem como um agente poderoso, benefico e rejuvenescente. As regiões bravias do novo mundo do Dr. Ingles de Souza, longe pois de esmagarem o espectador infundindo-lhe um sentimento morbido, angustioso e melancolico, uma tristeza incuravel segundo Deus,

enthusiasmam-no e inspiram-lhe uma nova crença na vida e no amor.

Tudo isto põe bem claras as tendencias do romancista. A sua imaginação, embora muito amorosa da natureza morta, tem a ventura de estar aliada a uma sensibilidade equilibrada e perfeitamente immune daquella celebre doença "que gerava no homem o vago desejo de abandonar a vida para abraçar a natureza e confundir-se com o seu autor na immensidade"¹⁾.

*

A arte do Dr. Inglez de Souza como romancista é simples e a factura dos seus livros destituida de pretensão.

O systema de narrar por elle adoptado resulta de uma feliz combinação da "maneira" de E. Zola com a de P. Bourget.

Como todos sabem, o autor do "Assomoir" não discorre, nem se occupa em descrever estados da alma. O seu processo cifra-se em indicar o character dos personagens pelas manifestações exteriores como se se tratasse de um drama posto no theatro, tudo isto por meio de eporas successivas,

¹⁾ Cf. E. Faguet, ÉTUDES LITTÉRAIRES SUR LE XIX SIÈCLE; V. Delaprade, LE SENTIMENT DE LA NATURE CHEZ LES MODERNES.

sem referencias nem explicações, cujos hiatos são preenchidos pelo espirito do leitor. P. Bourget, em sentido opposto, desprezando as eporas, faz realçar o drama explorando e explicando os estados da alma, em sua successão, de cada um dos personagens e completando-os pelo dialogo.

Pois bem, o autor do MISSIONARIO funde os dois processos. Dispõe convenientemente as eporas, depois de escolhidas as situações, e liga-as por meio de recapitulações que se estampam, a titulo de analyses psychologicas, no espirito de cada personagem.

Penso que o processo não provou mal, e que, aperfeiçoado, poderá excluir dos livros, que o aceitarem, a rigidez da narração zolesca, e ao mesmo tempo a subtileza cansativa dos relatos de Bourget.

*

O futuro do romance brasileiro está nas mãos de alguns cultores de grande talento que apresentam aptidões diversas. O Dr. Inglez de Souza, comquanto não se pareça com nenhum delles, tem incontestavelmente direito a sentar-se entre os mestres dos que surgem; e se me é agradável declarar que entre os primeiros romancistas avultam Aluizio Azevedo, o mais apurado discipulo de Zola no Brazil, Raul Pompeia, o primoroso estylista e psychologo do Atheneu, e Coelho Netto, o

sobresaltado phantasia do "Rei phantasma", ainda mais agradavel ser-me-hia collocar ao seu lado como um rival, seguro do lugar que lhe compete na litteratura nacional, o escriptor modesto que illustrou a interessante e imperecivel figura do vigario de Silves.

ARARIPE JUNIOR.

Le livre écrit, si imparfait qu'il soit, est encore une des expressions les plus hautes de l'éternel vouloir-vivre, et à ce titre il est toujours respectable.

GUYAU.

de arranjar, bem perto da Matriz, na melhor situação, olhando para o lago. Era pequena, mas muito arejada e estava caiadinha de novo. Cedera-a por seis mil reis mensaes o presidente da Camara, que a mandara preparar para si, com umas velleidades de deixar o sitio ao rio Urubús e vir morar para a villa; mas a força do habito o fizera desistir do projecto, e depois . . . a D. Eulalia . . . coitada! não queria ouvir falar em tal mudança, por causa dos seus queridos cherimbabos. Assim o Neves Barriga preferira alugar a casinha, branca e aciada, e resignara-se a continuar enterrado n'aquelle sertão do Urubús, matando carapanans e fazendo farinha de mandioca. O Antonio Carpina, por muito empenho, só pudera fornecer uma mesa de pinho, envernizada e decente e a marquezia de palhinha que fôra do ultimo juiz municipal, reformada para servir a «algum d'esses exquisitesos lá de fôra que não gostam de dormir em rede». As cadeiras, a mesa de jantar, o lavatorio, a bacia de banho, tinha-os o Macario pedido

emprestado ao capitão Mendes da Fonseca, que, em toda a villa, possuia as melhores cousas d'esse genero. Para ornar a parede do fundo da sala, o professor Annibal emprestara uma grande gravura, representando a batalha de Solferino, e retratos de Pio IX, de Antonelli, de Cavour, da Princeza Stephanie e do conselheiro Paranhos. A louça, tanto a de mesa como a de cozinha, compunha-se do que o Macario pudera arrancar á cobiça da Xiquinha do Lago, restos do espolio do finado Padre José, e do que comprara na casa do Costa e Silva. Estava tudo decente.

Depois de apromptar a casa e arranjar a mobilia, Macario assumira as funcções de director da recepção do novo parcho, e, n'aquelle dia, ao romper d'alva, envergara a sobrecasaca de lustrina, puzera na cabeça o seu *boliviano* de seis patacas, engulira, a ferver, uma tigela de chá de folhas de cafeeiro adoçado com rapadura, e sahira para a rua, não se podendo ter dentro de quatro paredes, cheio de anciedade, receando

o surpreendesse o apito do vapor, ardentemente esperado.

Era ainda muito cedo. Macario deteve-se á porta, olhos na rua, desejando avistar um amigo, um vizinho, uma creatura qualquer com quem desabafasse a extraordinaria emoção da honra, até alli nunca esperada, de ser o director da recepção, o organisador da festa, a fonte d'informações, o unico homem da villa que entretinha relações com S. Revdm.^a, a quem S. Revdm.^a escrevia

A rua estava deserta e as casas fechadas. Macario, passeando a sapata de pedras desiguaes, esburacada e velha, não podia expandir a agitação intestinal que lhe escaldava o sangue e bolia com os nervos; só offercia derivativo á actividade limitada a que se entregava a passos incertos, zig-zagueando á vezes como um ebrio, dando topadas que lhe irritavam os callos e despellavam o bezerro novo das botinas de rangedeira.

O sol subia lentamente no azul esbranquiçado do ceu, banhando a frente das casas

e dando pinceladas verdes na massa escura da floresta da outra banda. Sobre a superficie do lago Saracá deslisava pequena montaria, tripolada por um tapuyo de movimentos automaticos e vagarosos, que com o remo chato cortava a agua cuidadosamente, para não acordar o peixe. Na villa ladravam cães e cantavam gallos, e da proxima capoeira vinham vozes confusas de passaros e de bichos.

Sentindo-se só, Macario concentrava o espirito, sem se deter no espectaculo d'aquella manhan de sol. O alvoroço da nôvidade esperada amortecia-lhe a faculdade contemplativa, alheando-o de tudo mais. O seu pensamento estava absorvido n'aquella idéa, a que lentamente foi relacionando outras, sujeitando ao exame todas as faces da questão. A' medida que a consciencia assenhoreava-se d'um lado do problema, entrando na posse da verdade, a imaginação exaltava-se, trabalhava, e esclarecia a solução do problema todo. Depois, para bem pezar os resultados, a necessidade da comparação

surgia, e então, n'um tropel confuso, que se ia clareando e ordenando pouco a pouco, vibrando as fibras cerebraes que guardavam a impressão das emoções passadas, as lembranças affluíam, a principio vagas, depois precisas, exactas, reproduzindo em grandes quadros coloridos os menores episodios, como se fossem da vespera.

A vinda do novo vigario mudava a posição do Macario na sociedade de Silves. Passava a ser o *Illm. Sr. Macario de Miranda Valle*, como delicadamente lhe chamara S. Revdm.^a na carta, na querida carta que elle trazia unida ao coração, no bolço interno da sobrecasaca, e cujo contacto lhe causava uma sensação de exquisito gozo. Aquella carta fôra uma patente, fizera-o subir no conceito publico e na propria consideração, dera-lhe accesso á classe das *pessoas gradadas* de que se occupa a imprensa; e publicamente lhe conferira o posto merecido pela intelligencia, pela pericia no officio, pelo seu conhecimento dos homens e das

cousas, e do qual uma demorada injustiça cruelmente o privara até áquella data.

A idéa accentuava-se no seu espirito liberto de um passado humilhante.

Um homem superior — o novo vigário não podia deixar de ser um homem superior — escrevera ao Macario uma carta muito e muito cortez, chamara-lhe *Illm. Sr. Macario*, e não simplesmente — o *Macario Sacristão*, como toda a gente; confessara-se seu *attento venerador e amigo muito obrigado*; dirigira-se a elle de preferencia; o encarregara, a elle, de lhe arranjar a casa e a mobilia, de o esperar, de o receber, de lhe guiar os primeiros passos no parochiato de Silves. A vaidade do Macario — posto elle nada tivesse de vaidoso, entumescia-se, um veu caia-lhe dos olhos, via-se outro, não já o triste sacristão maltratado pelo vigário, mas um Macario novo, de sobrecasaca, de cabeça alta, conhecido na capital do Pará, onde alguém — não podia saber quem fôra — ensinara o seu nome a Padre Antonio de Moraes; um Macario que, ao envez do

que ousara esperar, ia dar conselhos a S. Revdm.^a, arranjar-lhe a vida, guial-o, *mandar*, enfim, *no Senhor Vigario*.

Chegando a essas alturas, vinham-lhe vertigens. Uma ambição desenfreada apoderava-se do seu cerebro, dementando-o. Tinha um ardente desejo de conhecer o digno mortal, o benemerito habitante da cidade de Belém que revelara o seu, até alli, obscuro nome ao illustre parcho de Silves. Não era tão obscuro como suppunha a sua modestia, espezinhada pelo defunto Padre José. Conheciam-no, sabiam-lhe o nome na grande capital do Grão-Pará! Podia pretender tudo.

Mas, por um retorno brusco, recordava-se do nada donde sahira, e enternecia-se, nascia-lhe uma gratidão profunda para com o amigo desconhecido e esse illustre Padre Antonio que o vinha arrancar ao aviltamento, para lhe matar, d'uma vez, a sêde de consideração publica, de respeito, de applausos que consumia a sua vida miseravel de sacristão de aldeia.

Fôra bem reles a existencia até aquella data — a data da carta — digna de ser marcada com uma pedra branca, como se marcam os dias felizes da vida, segundo ouvira ao professor Annibal ao jantar de casamento do infeliz Joaquim Feliciano. Pai não conhecera, e fora-lhe mãe uma lavadeira, tristemente ligada a um sargento do corpo policial de Manaos, desordeiro e bebedor. Macario crescera entre os repêlões da mãe e as sovas formidaveis com que o mimo-seava o sargento para se vingar do *marinheiro* da taverna, farto de lhe fiar a pinga. Poucas vezes conseguira satisfazer a fome, senão graças á generosidade d'algum freguez em cuja casa entrava a serviço de condução da roupa lavada; porque na casinha da lavadeira o pirarucú era pouco e mau, a farinha rara, os frutos luxo de ricos, o pão extravagancia de fidalgos de appetite gasto ou de doutores barrigudos e vadios. O estomago do rapaz era exigente, affeioara-se facilmente ás gulodices das casas abastadas, onde entrava de cesto á cabeça,

lançando compridos olhos para a mesa de jantar ou para o armario dos doces, até a senhora, entre um *credo!* e duas *cruzes!* *tinhaso!* lhe mandar dar alguma cousa, para que não aguasse a comida. O duplo tormento da fome e das pancadas exasperava o Macario, mas, á falta de energia, não lhe dava mais remedios do que suspiros, gritos e lagrimas. A sua devota N. S. do Carmo veio, porém, em seu auxilio.

Uma tarde, a mãe, occupada em conter os impetos destruidores do amante, fataes á louça e á mobilia, mandara-o levar um cesto de roupa lavada ao Seminario, e cobrar a conta do Senhor Reitor.

N'esse dia, a bebedeira do sargento ameaçara trovoadas grossas, e ao jantar das duas horas faltara a farinha d'agua, e o pirarucú fôra comido triste e só, sem gosto e ás carreiras.

Macario, faminto e assustado, batera á porta do Seminario, uma grande casa seria e limpa, cheia de janellas com vidraças e de meninos alegres, brincando o *esconde-*

esconde no vasto quintal inculto; e esse espectáculo augmentara-lhe a tristeza, ao ponto de o fazer chorar.

Mandaram-no entrar no quarto do Reitor, que o estava esperando para pagar a conta.

N'uma grande sala, simplesmente mobilhada, sentado n'uma bella rede de varandas bordadas, estava um Padre gordo, moreno, acaboclado, com uma cara toda de bondade, e uma voz carinhosa. Era o Reitor, o mesmo que, segundo diziam passageiros do Pará, era agora Arcebispo e Conde lá para as bandas do Sul.

Um coromim de onze annos, legitimo Maué, de calças e camisa de riscadinho e grossos sapatos engraxados, tinha na mão um tição de fogo para accender o cachimbo de S. Revdm.^a, cheio de perfumado tabaco do Tapajoz. Ao lado um seminarista, de batina azul, sentado em cadeira baixa, lia n'um livro de estampas coloridas, muito enfastiado, cumprindo uma sentença, e de vez em quando interrompia a leitura, para

olhar, pela janella aberta, para o quintal, e seguir com despeito os jogos barulhentos dos seus felizes collegas.

Por baixo da rede do Padre, deitada sobre vistosa pelle de onça pintada, uma capivara domestica deixara-se cavalgar por um macaco barrigudo, de sedoso couro cinzento, e aos punhos da rede um periquito do Rio Branco, mimoso e verde, subindo e descendo sem cessar, pontuava com as suas notas estridulas a voz monotona e cadenciada do seminarista preso.

Quando o Macario entrou fez-se uma pequena revolução no socegado aposento de S. Revdm.^a O seminarista fechou o livro, poz-se de pé e começou a fazer-lhe gaifonas por traz do grande livro de estampas. O macaco deixou a capivara, e, assustado, trepou rapidamente pela rede e subiu pelos punhos, cordas fóra, até ás escapulas, d'onde se pôz a olhar desconfiado para o rapazito, fazendo-lhe momices. O periquito desceu para o fundo da rede e escondeu-se entre as pregas amplas da batina do Padre. A

capivara fugiu para baixo d'uma cadeira. O pequeno Maué deixou de soprar ao fogo do tição, e fixou no recém-chegado os grandes olhos negros, profundos e mudos.

O Padre Reitor largou o cachimbo e attentou na cara magra e doentia do Macario, que não tinha ainda aquella belida no olho esquerdo, nem aquelle lombinho que lhe começara a surgir do meio da testa aos trinta annos, e agora ostentava a sua protuberancia polida n'um descaro insolente.

— O que tens tu, rapazinho, que estás tão assustado e tremulo?

— Saberá V. Revdm.^a . . .

O tom do Reitor era tão paternal e bondoso, inspirava tanta confiança e punha a gente tão á sua vontade, que Macario, sem vergonha do seminarista nem do coromim desatou a chorar. E depois, sentindo uma necessidade de protecção e amparo, começou a contar áquelle Padre gordo, bondoso e affavel a desgraça que o sujeitava ás brutalidades d'um soldado bebedor e ao desamor da mãe desnaturada.

O Padre Reitor accendeu o cachimbo muito commovido, e prometteu arrancar-o á sua situação. Justamente partia para Silves o seu amigo Padre José, vigario collado d'aquella freguezia.

— Vai com o Padre José, rapazinho, elle te dará boa vida. Ha de ensinar-te o catecismo, a ler e a escrever. Mais tarde, se for possivel, e mostrares vocação, faço-te entrar no Seminario.

Notando a alegria do Macario, o Reitor concluiu :

— Hoje mesmo, á noite, talvez fale ao Juiz de Orphãos e ao meu amigo Padre José.

E como se a idéa da projectada diligencia o tivesse fatigado muito, deu um suspiro, descansou o cachimbo sobre a pelle de onça pintada, e fechando os olhos ficou silencioso.

No dia seguinte Macario fôra arrancado á lavadeira por dois officiaes de justiça, e uma semana depois viera para Silves, humilde e contente, seguindo o vigario collado com um reconhecimento de cachorro soc-

corrido. Vinte annos servira o duplo officio de famulo e sacristão do Padre José, um pandego! que passava mezes nos lagos, tocando violão e namorando as mulatas e as caboclas dos arredores, e gastava em bons bocados as missas, os enterros e os baptisados da freguezia, e, na falta, caloteava ao Costa e Silva e ao Mendes da Fonseca, que era um Deus nos acuda!

A sua mesa era farta, e a casa alegre.

Pela primeira vez na vida, Macario conhecera o bemestar d'um estomago repleto. O pão fresco, barrado de manteiga ingleza de barril, revelara-lhe delicias gastronomicas, de que o seu paladar exigente nunca mais se saciara, encontrando sempre uma novidade saborosa n'aquella combinação vulgar. A carne verde, gorda e fibrosa com que os fazendeiros presenteavam regularmente o Sr. Vigario, o peixe fresco do rio, a farinha graúda, amarella e torrada, vinda dos sitios do Urubús, forneciam-lhe uma diaria farta, appetitosa e saudavel que o retemperou e lhe deu carnes. Facilmente

se affez áquelle passadio, e a vida tranquilla e desoccupada que levava, graças á mandriice do vigario, quasi sempre ausente, o habituou ao commodo regalado, e, franqueza! á preguicinha e á molleza.

Só o infelicitava na existencia abundante gozada em Silves, a desconsideração com que o tratavam o Vigario, e o povo. O viver descansado e a fartura com que deleitava o estomago, os habitos madraços não estavam em relação com a sua posição domestica, social e politica, e essa desharmonia irritava-o, tirava-lhe ás vezes o somno. Não comprehendia como podia ser mal considerado um homem que comia bem, vestia bem e não fazia nada. Alimentava um odio secreto contra o patrão e *toda a gente de bem*. Padre José não queria ver no sacristão mais do que o coromim tirado ás brutalidades do sargento para o constituir em servidão perpetua, mas bem remunerada. Ensinara-lhe a leitura, a escripta, a contabilidade, a arte de ajudar a missa, dera-lhe umas tintas do latim necessario, fornecera-o

de roupa decente, gravata, botinas; consentia-lhe que bebesse o vinho da dispensa e gastasse o oleo de Macassar do toucador, quando as mulatas não o gastavam todo nos cacheados; mas tudo isso, parece, por indolencia ou por graça. Continuava a tratá-lo como ao pequeno faminto que trouxera de Manáos, apesar de lhe ver a barba na cara e o aproveitamento das lições recebidas. Devia engraxar-lhe as botinas, escovar-lhe a roupa, varrer-lhe a casa, levar recadinhos ás moças. Não contente com isto, descompunha-o em publico: *a besta do Macario, o caolho do sacristão, o burro do meu sacrista, filho desta, filho d'aquella, tambor de sargento, ladrão, velhaco* e outros epithetos não menos injuriosos. O sargento do corpo de permanentes moera-o com pancadas, o Padre maltratava-o com palavras duras. Macario, de rodaque d'alpaca, de gravata preta, de botas de rangedeira, palitando os dentes á porta do presbyterio ou no adro da Matriz, sentia-se amesquinhado e infeliz. Quanto mais queria elevar-se no conceito alheio até

o nivel da estima que por si nutria, tanto mais lhe doiam ao amor proprio as feridas brutaes que a palavra destemperada do Padre lhe causava.

Tentava reagir :

— Saberá V. Revdm.^a que nunca furtei nada. Saberá V. Revdm.^a que . . .

Mas o olhar irritado do Padre acobardava-o, a recordação da infancia miseravel em Manãos e a idéa de perder os piteus da mesa succulenta do vigario, tornavam-no prudente, aquietava-se. O bom protector do Seminario passara havia annos para o seu glorioso destino, levando macacos e papagaios, e abandonando para sempre o Amazonas e o tabaco do Tapajoz. Desamparado e só, Macario contemporisava e fingia. A' força de habilidade conseguira ostentar certa importancia pessoal, principalmente quando o vigario estava ausente. Inventava incumbencias de responsabilidade, commissões graves, dizia-se depositario de segredos de valor. O senhor vigario o encarregara de cobrar as missas que lhe estavam devendo,

e não eram missinhas á toa, não eram por-
carias, eram missas que importavam em
quantia graúda, um horror de dinheiro capaz
de saldar todas as contas de S. Revdm.^a
O senhor vigario mandara-o entender-se com
o empreiteiro das obras da Matriz, e lhe
dissera uma cousa que ia brevemente aconte-
cer ao Xico Fidencio, em relação á Irman-
dade do SS. Sacramento. Não mentia, tinha
horror á mentira, era um peccado mortal.
Mas para conciliar a consciencia com as
conveniencias, Macario tinha o *machavelismo*.
Um meio astucioso de tudo fazer e dizer
sem ferir de frente as conveniencias e a
verdade, sem desmoralisar-se, sem peccar,
eis o que era o *machavelismo*. D'onde viera
a palavra não sabia, nem lhe importava.
Sabia apenas ter existido outr'ora um es-
pertalhão chamado Machiavel, ou Machavel,
conforme melhor lhe parecia a pronuncia,
e ouvira dizer que Bismarck e o conselheiro
Zacharias tinham muito *machavelismo*; gos-
tara do termo e o adoptara para o seu uso.

Mas agora, era outra cousa. O novo

vigario não o arrancara a fomes e a miserias, não lhe conhecera a mãe, não sabia o caso do sargento. Vinha encontrá-lo com trinta e cinco annos, gordo, de sobrecasaca, de lenço preto, grave, digno, necessario, senhor dos detalhes do serviço da parochia. O tempo anciosamente esperado vinha por fim, prenhe de promessas fagueiras de respeito pessoal e consideração publica, reluzia-lhe deante dos olhos no espelho do lago em que se reflectia o sol brilhante d'aquella manhan . . .

O silvo agudo do vapor dizendo ao longe a grande nova arrancou-o a essas reflexões. Agitado e nervoso, foi apalavrar um moleque para os repiques, e em seguida encaminhou-se para o porto, a passos apressados, desejando ser o primeiro a avistar o vulto negro do navio demandando o lago Saracá com grande ruido de rodas.

Logo os sinos da matriz começaram a repicar alegremente, enchendo o ar de vibrações argentinas. A villa animava-se de re-

penete, como por varinha de condão, sahindo da tristeza habitual das ruas desertas e das casas fechadas para povoar-se de homens de paletot preto ou de camisa branca e de mulheres de saia curta e lenço á cabeça. Gyrandolas de foguetes subiram com estrepito, pondo em delirio de prazer os coromins de calças de riscado novo e camisa de algodão da terra, porfiando na conquista das taquaras que, rodopiando nas alturas, se precipitavam para o chão, ameaçando os transeuntes e espalhando o mulheroio.

As ruas enfeitavam-se. Colxas de seda ou de algodão debruçavam-se das janellas, ostentando bellas côres vivas, e o adro da matriz, coberto de folhagem, offerencia a apparencia graciosa d'um presepe de Natal, as vaccas passeando despreoccupadamente o alpendre, e as cabras mastigando as folhas de mangueira e os ramos de murta dos arcos de ornamentação.

O vapor da Companhia do Amazonas estrugia os ouvidos com o assovio rouco, annunciando a chegada a toda a redondeza,

onde repercutia o echo, transmittido ás quebradas da cordilheira nas vibrações do ar; e cobria-se de espesso fumo negro, soprado a baforadas do canno vermelho e branco, n'uma bulha dominadora e altiva. A ancora fôra largada ao rio, e as espias e amarras eram levadas em pequenos botes leves, tripolados por marinheiros, que as deviam prender aos marás da praia, afim de proteger contra a correnteza a manobra de sahida. A tripolação e os passageiros do vapor apinhavam-se no tombadilho, uns para fazer o serviço, outros para gozar o espectáculo novo do desembarque solemne. Na praia estava muita gente, ou para ir a bordo nas montarias de pesca, ou para aguardar o acontecimento, enfiando os olhos curiosos pelos postigos do navio, na vaga esperança de avistar o novo vigario da freguezia.

Os tapuyos dos sitios, no pensamento de aproveitar uma boa occasião de negocio, preparavam as igarités para levar a bordo os cestos de laranjas, as bananas, as melancias, os copús-assús, os rouxinoes canoros,

os papagaios tagarellas e os periquitos mi-
mosos de testa amarella e azas brancas.
As tapuyas da villa tambem enviavam a
offerecer á curiosidade dos passageiros as
bellas redes de algodão, laboriosamente feitas
ao tear, os urús de palha colorida, as cuias
pintadas e cascos de tartaruga sem prestimo,
na esperanza de que algum estrangeiro ex-
quisito os comprasse por bom preço.

Macario passava apressado. O ruido
das vozes, o barulho do vapor, calmo e
grande no meio das montarias e dos botes
davam ao porto de Silves um aspecto anor-
mal de animação que lhe fazia pulsar o
coração no peito. Havia vinte annos que
se internara no silencio e na inercia da vida
sertaneja. E n'aquelle momento, o barco
a vapor, com o seu pennacho de fumo e
o ruido de ferragens quebradas, com as
poderosas rodas immoveis, pintadas de en-
carnado e preto, com os altos mastros en-
leados em cordas cruzadas intrincadamente,
e a bandeira nacional a tremular á ré, suave-
mente sacudida pela brisa da manhan, con-

trastava de modo phantastico com a pobreza de movimento e de vida do vasto lago deserto.

No caminho, Macario encontrara os vereadores da Camara Municipal e os juizes de paz que iam a bordo comprimentar o novo vigario, Padre Antonio de Moraes, que fizera, ao que diziam, brilhantes estudos no Seminario grande do Pará, e recusando a offerta do senhor Bispo de o doutorar em S. Sulpicio, a expensas da Caixa Pia, preferira vir parochiar a modesta villa de Silves. Esta informação, trazida pelo immediato do vapor, que desembarcara com as malas do correio, circulara rapidamente e provocara um enthusiasmo respeitoso entre as pessoas gradas da terra.

Macario chegara ao porto do desembarque e ahi devia esperar essas pessoas para as acompanhar a bordo.

Quando passou pela loja do Costa e Silva, á rua do Porto, um sujeito baixo, magro, enfezado, fumava cigarros e limpava as unhas, olhando para o lago.

— Bom dia, *sen* Xico Fidencio, disse Macario, tirando o chapéu.

O sujeito respondeu :

— Viva !

Macario seguiu o seu caminho, desapontado. A presença d'aquelle homem alli, n'aquelle occasião, o incommodava. Foi-se postar a alguma distancia, mas não tirou os olhos da loja do Costa e Silva. Trez ou quatro rapazes bem vestidos vieram reunir-se ao Xico Fidencio, formando um grupo estranho ao sentimento geral da população de Silves. Xico Fidencio passava em revista mordente as pessoas gradas; e commentava o acontecimento do dia com aze-dume e pilheria, animado e secundado pelos rapazes que o cercavam e riam a cada palavra d'elle. As victimas mostravam-se constrangidas, complimentavam a contrario, sentindo na pelle a agudeza dos commentarios, e seguiam o seu caminho, levando no ouvido a vibração das risadas zombeteiras dos rapazes da roda.

Macario, furioso, ouvia as queixas amargas das pessoas desacatadas.

A bordo, Macario foi o primeiro que falou com o vigario de Silves. Era um rapaz alto, de boas cores, cabellos e olhos negros, muito novo ainda. Vestia uma batina nova, muito bonita, e tinha na mão um grande chapéu de tres bicos, novidade em Silves.

Mas o Macario não podia examinar S. Revdm.^a bem a sua vontade. O tombadilho estava cheio de gente, não só passageiros, homens de fraque preto e chapéu de pelle de lebre, mulheres de casaquinha branca rendada e saias de lan ou de seda; como ainda marinheiros com largas jaquetas de panno azul e bonet de galão. Ora, toda esta gente olhava para os homens da terra, como se estivesse vendo bichos, e tornava-se incommoda afinal. Macario estava em braças, não por si, afinal era filho de Manãos, d'uma capital, estava acostumado a ver gente, mas pelos companheiros — coitados! que não sabiam comó evitar aquelles olhares curiosos e impertinentes!

Felizmente uma sineta deu o signal convencionado de que a demora do vapor não seria longa. As malas de S. Revdm.^a já estavam no escaler da Agencia, que as devia levar para a terra. O commandante, em tom de bonhomia grosseira, declarou que o vapor ia largar, pois não podia demorar-se naquella *tapera*, por ter necessidade de chegar cedo a Serpa, onde desembarcaria muita carga para o Madeira.

— Para a terra quem for de terra! concluiu com um gesto largo de despedida.

Quando o vigario passou, acompanhado por muita gente, pela loja do Costa e Silva, o Xico Fidencio pôz-se na pontinha dos pés, para melhor apreciar a sahida do paquete, affectando não prestar attenção ao facto que agitava a população toda. Os rapazes da sua roda imitaram-n'o, falando em voz alta da manobra do navio.

Então o professor Annibal, pardo, de cabello á escovinha e oculos de tartaruga, sahiu da comitiva do vigario, e, amparado pelo escudo moral do colleguismo, approxi-

mou-se do grupo do Xico Fidencio, sorrateiro, quasi sem ser visto, e quando se achou entre o collega e os rapazes, perguntou-lhes, para entabolar conversa, se sabiam da historia, contada pelo immediato do vapor, relativa á preferencia dada a Silves sobre S. Sulpicio, uma cousa soberba, uma prova do desinteresse e da virtude do novo vigario. Era de bom agouro, e fôra a noticia desse facto que o levara, a elle Annibal Brasileiro, a bordo do paquete. O collega bem sabia, elle *tambem* não era lá muito amigo de Padres. Mas uma cousa assim! Deixar S. Sulpicio e vir para Silves! E' d'um patriotismo! exclamou gesticulando e cuspiendo longe.

— Brocas da padraria, resmungou Xico Fidencio, pondo-se a assoviar a *Marselhesa*, sem retirar os olhos do vapor, que ia desaparecer por traz d'um estirão de terra.

Macario apressou o passo para alcançar a comitiva do Sr. Vigario, murmurando:

— Cambada!

CAPITULO II

OS amigos despediram-se afinal. Padre Antonio ficou só, sentindo necessidade de repouso. Seriam tres horas da tarde. O calor era intenso.

Erguera-se aquelle dia antes do romper da aurora e mal fundeara o vapor, tivera de receber os seus parochianos, que se apresentavam em maioria de sobrecasaca de lustrina, calças de ganga amarella, mostrando em grandes manchas claras os chapéus de palha da Bolivia, vistosos e baratos, fingindo Panamás.

Quem primeiro lhe falara fôra o sacristão, um tal Macario de Miranda Valle, moço corpulento, com uma belida e um lombinho, todo cheio de si dentro da com-prida sobrecasaca de grandes pregas duras.

Dera-se a conhecer como o destinatario da carta que o Padre, por informações que o Felippe do Ver-o-Pezo colhera do seu correspondente Costa e Silva, havia escripto para Silves. Em primeiro lugar, o Macario vinha agradecer a S. Revdm.^a as expressões delicadas que usara na missiva, e, em segundo lugar, scientifical-o de que a casa estava prompta e mobilhada. E tudo baratinho e decente. Depois o sacrista apresentara as principaes pessoas da terra com muita cerimonia, e na intenção d'informar a S. Revdma.^a, em poucas palavras, das distinctas qualidades d'aquelles cavalheiros:

Fôra uma enfiada:

— O tenente Valladão, subdelegado de policia, muito boa pessoa, incapaz de matar um carapanan.

Era um sujeito magro, esgrouviado, tisico. Tinha um comprido *cavaignac* grisalho, e usava oculos.

— O Sr. Capitão Manuel Mendes da Fonseca, collecter das rendas geraes e provinciaes, negociante importante, traz avia-

mentos de contos de réis. O Elias tem muita confiança n'elle. E' influencia politica e dispõe de muitas relações boas.

Este era barrigudo e reforçado. Usava a barba toda e trazia a camisa muito bem engommada. Parecia um homem de toda a consideração.

— O Sr. Presidente da Camara, alferes José Pedreira das Neves Barriga, que alugou a casa a S. Revdm.^a

Descendente de hespanhoes, muito boa pessoa, mora no sitio, ao Urubús, quasi nunca vem á villa. Cara de carneiro com largas ventas cheias de Paulo Cordeiro.

— O escrivão da collectoria, Sr. José Antonio Pereira, moço de muito bons costumes.

Baixo, magro, mal barbado. Dentinhos podres, olhinhos mal abertos.

— O Sr. Vereador João Carlos, intimo do Sr. Capitão Fonseca.

— O Sr. Annibal Americano Selvagem Brasileiro professor regio, intelligente e serio.

Era um mulato, de oculos de tartaruga.

— O Sr. Joaquim da Costa e Silva, que tem uma boa loja á rua do Porto, e faz o commercio de regatão, mais por divertimento do que por necessidade. E' bom catholico e fornece noticias ao *Diario do Gram-Pará*.

— O Sr. Antonio Regalado, o Sr. Francisco Ferreira, uma chusma, de que se destacava um sujeito de cara redonda. D'elle o Macario dissera em voz alta:

— O Sr. Pedro Guimarães, eleitor.

E depois accrescentara em voz baixa, curvando-se para o Padre, familiarmente:

— Chamam-lhe o *Mappa Mundi*, mas é boa pessoa.

Tivera de sorrir a toda aquella gente, de apertar-lhe a mão, offerecendo os nenhuns prestimos d'um humilde creado. Os silvenses diziam:

Não ha de que . . .

E serios, empertigados, mal a commodo na sobrecasaca, atrapalhados com o chapeu, balbuciavam palavras de respeito, n'um acanhamento roceiro, cumprindo um dever penoso, olhando desconfiados para todos os

lados, vexados das vistas curiosas e zombeteiras dos passageiros do vapor.

Felizmente o desembarque se fizera sem demora, e apenas em terra, o primeiro cuidado de Padre Antonio fôra dirigir-se á Matriz, a fazer oração. O povo, em grande concurso, desertando o porto, o acompanhara por entre o tanger dos sinos e o estourar dos rojões. Macario, o capitão Fonseca, o Neves Barriga e outras «pessoas gradadas», ajoelhando as calças de ganga amarella sobre os tijolos da igreja, oraram com elle, pedindo a misericordia divina para o bom desempenho da sua missão n'esta terra desconhecida.

Quando se erguera, confortado e sereno, as pessoas principaes o acompanharam na visita á igreja, cercando-o, admirando-o, pasmando de o ver tão novo, e seguindo-lhe curiosamente todo os movimentos. Macario, parecendo muito contente, guiava, explicava, dava pormenores, com o *boliviano* na mão e a sobrecasaca direita, caindo-lhe sobre as curvas dos joelhos em grandes dobras duras.

E mostrava as imagens, uma a uma, os quadros parietaes, representando scenas da vida dos santos, os pequenos retabulos toscos e feios, o velho confissionario atirado a um canto, o coro, os sinos, tudo. Padre Antonio examinara a Igreja com attenção, manifestando o seu parecer em voz baixa e commedida, para não chocar melindres.

Era um templo muito modesto, de telha van, todo construido de pau a pique, barrado de tabatinga. O tecto carcomido abrigava innumerab cabas e morcegos, e os cupins damninhos iam devorando lentamente o madeiramento da cobertura, mais gasto pelo abandono do que pelo decurso do tempo. As paredes estavam cobertas de parasitas, e pelas falhas da verdura appareciam, como grandes chagas, os buracos feitos pela queda do reboco, mostrando a argamassa ordinaria. Uma escada de pau, carcomida e tremula, levava ao campanario, onde se escondiam envergonhados os pequenos sinos, denunciados ao povo pela voz de bronze bem fundido.

Visto de perto, não tinha o edificio o ar nobre e protector que lhe achara Padre Antonio, mirando-o da amurada do vapor. Tinha, pelo contrario, um aspecto miseravel de ruina, como se a fé que o levantara do chão houvesse alli esgotado o seu ultimo esforço.

Indignado, não podendo vencer uma ligeira alteração na voz, denunciando o desapontamento que semelhante miseria lhe causara, dissera, para o Macario, que era uma vergonha uma igreja assim, e que, se Deus Nosso Senhor lhe dêsse vida e saúde, melhoraria aquella falta de decencia, incompativel com o fim sublime a que se destinava aquella casa.

O collecter, respeitosamente, defendeu os habitantes de Silves da censura, á primeira vista justa, que as palavras de S. Revdm.^a envolviam.

Ninguem era culpado d'essa lastima senão o defunto vigario, um Padre muito boa cousa, mas que nenhum caso fazia da igreja, nem do culto divino. O tempo não

lhe chegava para dansar e tocar violão á beira dos lagos, onde passava a maior parte do anno, deixando a freguezia sem missa e sem soccorros espirituaes. Ahi estava o Sr. Macario, sabedor de bem boas passagens! Padre José fôra uma especie de Padre João da Matta, o famoso vigario de Maués, que acabava de morrer nos sertões de Guarantuba, á beira do furo da Sapucaia, onde passara a maior parte da vida a pescar tucunarés na companhia d'uma soberba mameluca, que os regatões diziam um portento de formosura. Ao menos Padre João da Matta contentava-se com uma, embora por ella esquecesse os deveres do seu cargo e o mundo inteiro, mas Padre José! isso era um sultão! Em materia de dinheiro, era um Deus nos acuda! Já uma vez a Assembleia Provincial, a pedido d'elle capitão Fonseca, votara uma verba para os concertos da Matriz, uma boa quantia, um conto e quinhentos mil réis, mas que acontecera? Padre José fôra nomeado presidente da commissão de obras, recebera o cobre

n'um passeio que dera a Manãos, e o comera com as caboclas da outra banda!

— Se não fosse o diacho da centralisação, accrescentara o Fonseca, não teriam dado o dinheiro a Padre José lá na capital. Teria vindo, como devia ser, por intermedio da collectoria, e eu saberia bem o que havia de fazer. Mas qual! Os homens da capital querem tudo fazer por si, e o resultado foi aquella comezaina!

E terminou, em tom grave:

— Uma falta de patriotismo!

Padre Antonio ouvira aquellas maledicencias com que o collecter o adulava, abandonando a cabeça, muito admirado. Pedira ao Macario que lhe confirmasse a veracidade d'aquella historia, e o sacristão, cheio de si, cara tristonha, confirmara.

O collecter, triumphante, concluiu:

— Ora ahi está. A verdade manda Deus que se diga. Em materia de dinheiros publicos sou intransigente.

O José Antonio Pereira, por entre os dentinhos podres, murmurou, lisongeiro:

— V. S. é o exemplo dos exactores do Amazonas.

Examinada a igreja, pedira Padre Antonio que lhe mostrassem os sagrados paramentos, que o Macario, pachorrento, lhe fôra tirar d'uma commoda velha de cedro deslustrado. Outra miseria. Duas capas velhas, rotas, sem brilho, pingadas de cera amarella; uma sobrepelliz esburacada, umas estolas já sem côr; uma alva desmentindo a candidez do nome, tudo com uma apparencia triste, velha, de roupa sem prestimo, tresandando a camphora e a excremento de rato. Os seus habitos de aceio repelliram a idéa de envergar aquella fatiota suja e indecente de padre relaxado. Formara, desde logo, *in petto*, o projecto de encommendar uns paramentos novos e seus, com o primeiro dinheiro que pudesse haver do pai, e, se tanto fosse preciso, escreveria ao padrinho, pondo em contribuição para o caso o seu espirito religioso e a sua amizade incansavel.

Notara com igual tristeza o estado das alfaias e vasos sagrados, e, contemplando

o velho calice de prata dourada, oxydada e gasta, arrepiara-se todo de repugnancia e nojo, pensando descobrir em que lugar collaria os labios, que já não tivesse sido mil vezes babujado por uma serie de padres velhos, syphiliticos e escorbuticos. Não tinha a caridade extrema e inutil de S. Francisco Xavier no hospital de Veneza. Era necessario cuidar, desde já, em mandar vir do Pará um calice novo para o seu uso particular.

O Presidente da Camara, alferes Neves Barriga, offerecera-lhe de almoçar, uma refeição simples, mas abundante, que o seu estomago, acostumado á magra pitaça do Seminario, achara excellente. O almoço fôra dado na casa da Camara, porque o Neves não tinha casa na villa, e estava de hospede d'uma parenta pobre. Comera Padre Antonio com bom appetite, para mostrar que não era de cerimonia. A senhora D. Eulalia ficara encantada. Não cabia em si de contente pela honra que lhe fazia o Senhor Vigario, comendo o seu tucunaré

cozido, com molho de limão e pimenta, e a sua gallinha de cabidela, banhada em louro e açafião.

D. Eulalia, andando da sala do banquete para a improvisada cozinha, enxugando o suor do rosto com a manga do paletot de musselina branca, não se cansava de lhe fazer elogios. Parecia uma boa velha, coitada!

O Neves, enterrando os dedos na grande caixa de rapé, dizia, com a sua cara de carneiro manso:

— Eu, por meu gosto, morava, mas era só na villa. Isto aqui sempre é outra cousa. Ha gente com quem conversar, ha recursos, vêem-se caras novas. Mas a D. Eulalia, coitada! não quer deixar os cherimbabos!

Depois concluia, para convencer os convivas:

— Por isso é que eu aturo o sertão do Urubús. E' um sacrificio que a D. Eulalia não paga.

A conversação versou sobre a moradia

nos sitios do sertão. O Neves dizia-se amigo dos centros populosos. O Fonseca abundava nas mesmas idéas :

— Isto de roça não é commigo. Preciso ver gente todos os dias. Para um homem intelligente, o sertão é uma sepultura.

Padre Antonio gabara as vantagens dos lugares ermos para a meditação e o estudo. Amava a grande solemnidade das florestas virgens, a solidão tranquilla dos rios sertanejos, a vasta campina silenciosa e triste.

O Valladão e o vereador João Carlos eram de parecer contrario, e concordavam inteiramente com o senhor capitão Fonseca. Não poderiam viver no ermo. Precisavam de movimento e de vida.

— Eu até acho Silves pequena e triste, cuspira, n'uma tosse convulsa, o Valladão, esgrouviado e tísico.

O collecter, porém, defendera a villa :

— Sim, não direi que Silves seja tão alegre como a Barra, nem tão grande como a capital do Pará, mas enfim . . . ha villas

peiores, que digo! ha cidades que não valem a nossa interessante villa. Temos um bom porto, muitas casas de telhas, e a collectoria rende tanto como a de Serpa. Se a nossa matriz não está concertada, a culpa é do defunto vigario que Deus haja . . .

— Temos boas lojas, disse o vereador João Carlos.

— A esse respeito, observara o José Antonio Pereira, basta olhar para Villa-Bella e fazer a comparação. Lá não ha senão a loja do Pechincha! concluiu, victorioso, por entre os dentinhos podres.

Todos mostraram desprezo pela loja do Pechincha.

— Enfim! exclamara o collecter em tom profundo, temos uma cousa em que levamos vantagem ás grandes capitaes.

— Temos moralidade, concluirei com applausos geraes.

Depois do almoço, Padre Antonio fôra acompanhado á casa que lhe haviam alugado, por traz da Matriz, e em que agora se achava. Era uma habitação pequena,

mas muito aceiada, com um quintalzinho plantado de goiabeiras e de bananeiras, tudo com um ar alegre que enchia a alma de bons pensamentos. O Neves Barriga, apesar de condemnado a viver ao Urubús, não tinha lá muito mau gosto.

Ao chegarem á sala do jantar, pela porta que dava para o quintal, o vereador João Carlos mostrara o quintal vizinho, e explicara que n'aquella casa, cujo telhado se avistava por entre as touças de bananeiras, morava uma rapariga, desquitada do marido, uma tal Luiza Madeirense, que se occupava, para apparentar boa vida, em serviços de engommado. E o capitão Fonseca, intervindo, fizera observar a Padre Antonio que da sua casa de jantar facil lhe era ver, todo o santo dia, a moça a labutar pela vida, indo ao quintal repetidas vezes a estender a roupa, ensopada em agua de gomma, a borrifal-a de agua pura, a tiral-a da corda para a estender nas bandejas.

Depois accrescentara sorrindo:

— Se o Revdm.º precisar d'uma boa

engommadeira, lá está á mão a mesma que cuidava da roupa do defunto Padre José.

O Valladão, tossindo todo arcado, também atirara a sua pedrinha :

— A vizinhança é uma das commodidades desta casa. O Macario sacristão tem dedo para estas cousas.

Macario, muito serio, protestara, mas Padre Antonio fingira não perceber aquellas allusões bregeiras.

Passara todo o dia a receber visitas, e só agora, ás tres horas da tarde, podia gozar algum repouso, concentrar o espirito e meditar um pouco sobre os materiaes objectivos que aquellas longas horas occupadas lhe haviam accumulado no cerebro.

Estava afinal só, e sentia um grande allivio. Ainda lhe soavam aos ouvidos as vozes banaes dos seus parochianos, cuja solitudine obsequiadora o perseguira desde a chegada até áquelle momento em quo o ultimo, o mais teimoso, o radiante Macario de Miranda Valle, se resolvera a procurar um quarto para descalçar as botinas. O

tanger dos sinos e o estourar dos foguetes haviam cessado de todo, e a villa parecia ter retomado a tranquillidade morna que devia ser o modo ordinario d'uma povoação sertaneja. Na rua, em frente ao presbyterio ainda passavam vagarosamente alguns curiosos insistentes, erguendo-se sobre os bicos dos pés, para espiar pelas janellas abertas á viração da tarde, esperando avistar o vigario novo ou descobrir alguma cousa interessante na sua modesta vivenda. Mas Padre Antonio os evitara, refugiando-se no interior da habitação, no seu quarto, onde, cansado e moido, deitou-se na cama.

Pisando pela primeira vez o solo da parochia onde vinha exercer funcções tão elevadas como as de pastorear um povo; achando-se frente á frente, apenas sahido do Seminario grande, com o problema pratico da vida, precisava reconhecer-se, saber o que faria, de que elementos de coragem e força dispunha, para resolver com sabedoria e acerto a questão que as circumstancias lhe propunham.

As lutas que sustentara consigo mesmo haviam robustecido a vontade, que sobrepujara o ardente temperamento de camponio livre, disciplinando os instinctos egoisticos da carne joven.

Recordava-se, e a lição que tirava dos factos firmava-o n'essa convicção.

Até entrar para o Seminario levava uma vida livre, solto nos campos, ajudando a tocar o gado para a malhada, a metter as vaccas no curral. Montava os bezerros de seis mezes e os poldros de anno e meio. Acordava cedo, banhava-se no rio horas inteiras, e depois corria leguas á caça dos ninhos de garças e de maguarys. Satisfazia o appetite sem peias, nem precaução, nas goiabas verdes, nos araçás sylvestres e nos taperebás vermelhos, de perfume tentador e acidez irritante. Exercera immoderada tyrannia sobre os irmãos pequenos, sobre os escravos e os animaes domesticos, sobre as arvores do campo, os passaros da beira do rio e a pequena caça dos aningaes. Trepara aos altos ingazeiros, atolara-se na

lana dos brejos e dos chiqueiros, espojara-se na relva como um burrico. Escondera-se nos buracos como as lontras dos lagos e as onças das montanhas. Pulara, correrá, brincara á sua vontade, saturando-se de sol, de ar, de liberdade e de gozo.

O pai, o capitão Pedro Ribeiro de Moraes, pequeno fazendeiro de Igarapé-Mirim, deixara-o crescer a seu gosto, sem cuidar um só instante em o instruir e educar. A mãe, D. Brazilia, sempre lhe dera algumas lições de leitura, ás escondidas do marido, que não gostava que aperreassem a creança, mas quanto á disciplina e educação, nenhuma lhe deram nem podiam dar na pobre fazenda paterna.

Pedro Ribeiro era homem de idéas curtas, e de largos appetites nunca saciados. Em rapaz, segundo contava o Felipe do Ver-o-Pezo, esbanjara no Pará a pequena fortuna herdada dos pais, de que só lhe restava agora o sitio em que nascera Antonio.

No isolamento da fazenda, vivendo entre negros e caboclos, Pedro Ribeiro tor-

nara-se brutal, despotico, egoista em extremo, parecia que o mundo fôra feito para elle só, ou, pelo menos, que o sitio das Laranjeiras só produzia para elle, e os seus habitantes só deviam viver para o servir. A mulher, nullificada, triste mas resignada, fazendo-se docil, submissa e aduladora para evitar brutalidades, chorava em silencio. Os filhos viviam á solta, sempre longe de casa, nos campos, no rio, no curral, para fugir á presença terrivel do velho e á negra melancolia que devorava a pobre mãi desgraçada. Antonio era o mais velho e o mais peralta. O padrinho, o commandante superior, admirava-lhe a viveza, e um dia resolvera tomal-o sob a sua protecção e mandal-o á sua custa para o Seminario, afim de receber educação conveniente.

A pobre mãi quizera, a principio, oppôr-se á resolução do compadre coronel, sentindo-se incapaz de resistir ás saudades do Antonico, o seu filho predilecto, mas o bom senso e a lucidez intellectual de que era dotada venceram o excesso de amor

materno, e, debulhada em lagrimas, deixou-o partir, depois de recommendal-o muito aos cuidados do padrinho. Quanto a Pedro Ribeiro, a idéa de vir a ter um filho padre lisonjeara-lhe a vaidade.

O Antonico, quando o mandaram para o Seminario, mal soletrava a *Historia do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, que o pai herdara do avô, e era o unico livro que se encontrava na fazenda das Laranjeiras. *O livro* já se sabia que era aquelle. Mas compensando o atrazo intellectual e litterario, o Antonico atirava com arco e flecha, governava uma montaria, laçava um boi com ligeireza, subia á arvore mais alta para desanichar uns ovos de japiim ou de tamburú-pará, e perseguia as mulatinhas da mãe, ainda não pertencentes ao serralho paterno, com apertos e beliscões, significativos da puberdade incipiente.

Mal se amanhara, a principio, com a batina e a volta com que o vestiram. Os sapatos brancos, de couro crú, disciplinares,

arrebentaram-lhe os pés em callos e frieiras que o torturaram por mezes, sujeitando-o ainda ás vaias e ás caçoadas dos companheiros de classe. Mas o rigor da disciplina, a convivencia obrigada com rapazes educados, e o despertar da intelligencia, com a curiosidade de saber e a emulação, foram-lhe pouco a pouco tirando o ar palerma e os modos achavascados, amorceceram as saudades da mãe e da fazenda natal, e incutiram-lhe habitos de aceio e de ordem.

Por outro lado, o seu espirito indomito e a meio selvagem foi paulatinamente cedendo á influencia suave do cultivo e da doutrina dos Padres-Mestres, mas não sem rebeldias bruscas e inesperadas que tonteavam o Padre Reitor e tornavam necessarias as valentes palmatoadas que lhe applicava o carrasco do Seminario, um caboclo robusto e impassivel, de olhar estúpido e gestos de bonifrate.

No tocante aos ardores juvenis, que as mulatinhas haviam experimentado, pareciam

sopitados na atmospheria fria e severa em que se achava, se bem que ás vezes — com muito nojo o recordava — se desregrassem em extravagancias, confessadas na quaresma, e justamente punidas com jejuns e macerações, a que Antonio se dava com um enthusiasmo que lhe valia a admiração dos Mestres e a zombaria invejosa dos condiscipulos e cúmplices. Alguns dias dava-lhe uma gana de satisfazer o appetite, devorando lascas de pirarucú assado, com farinha d'agua e latas de marmelada, compradas com os seus ganhos de acolyto e cantor do coro. Apanhava indigestões de queijo do reino e de bananas da terra, ingeridas ás meias duzias, ás escondidas, na latrina, para evitar a censura do confessor, a quem, logo depois, quando lhe apertavam as colicas e a molestia se denunciava, revelava a falta, culpando d'ella o demonio, pertinaz em o perseguir e tentar. E jejuava severamente, privando-se de todo alimento dias inteiros para purgar os peccados e provar o arrependimento.

Não sahia nunca. O Felippe do Ver-o-Pezo, seu correspondente, ou fosse recommendação do padrinho, ou esquecimento, jámais o fôra buscar um domingo á tarde para passear, para respirar um pouco de ar livre. Da cidade nada sabia, conservara a impressão que della recebera na tarde da chegada. O pai e o padrinho algumas vezes escreviam, o padrinho para lhe perguntar pelos progressos e o exhortar a obedecer em tudo aos mestres, que bem sabiam o que era conveniente; e o pai para dar-lhe minuciosas noticias da fazenda, a morte do *mouro*, o bom successo da *malhada*, a cobertura da *Diana*, o roubo da *Estrellinha*, o combate dos garrotes com a *onça*, e outros pormenores da vida rural que lhe causavam uma nostalgia intensa, afundando-o n'uma melancolia negra. Mas as cartas eram raras, e na falta de communicação com a mãe e o mundo exterior, Antonio sentia o isolamento da vida pesar-lhe sobre o coração e fechal-o a todas as expansões. Ficara, assim, suspeito e arredio no trato dos

collegas. Mal visto d'elles, por força da sua superioridade incontestavel, passava as horas de folga a enterrar-se nos velhos livros theologicos ou de historia eccl etiastica, saturando-se das doutrinas absorventes que os condiscipulos encaravam como boas tão sómente para illustrar o espirito.

A concentração em que vivia por força das circumstancias, entregara-o avidamente ao estudo dos tempos heroicos do christianismo, exaltando-lhe a imaginação com os exemplos de abnegação e de sacrificio dos Martyres da Igreja. E ao passo que os collegas decoravam tudo aquillo, para a utilidade pratica dos sermões, Antonio de Moraes creava para si um mundo á parte, e ardia em desejos de reproduzir n'este seculo as lendas que enchiam aquelles livros santos . . .

Quando se fôra adiantando nos estudos e entrara a decifrar a philosophia de S. Thomaz e do Genuense com auxilio de Padre Azevedo, quando cursara a theologia moral e dogmatica, o seu espirito perderase n'um dedalo de idéas antagonicas e con-

tradictorias. A duvida, essa filha de Satanaz, pairara sobre a sua alma d'ignorante, como um gavião prestes a devoral-a. O seu grosseiro materialismo nativo abriu luta com as subtilezas da doutrina. O senso inculto do camponio declarou guerra aos mysterios incompreensiveis e sublimes que os Padres lhe ensinavam da cadeira da verdade, muito senhores de si, entre uma pitada de Paulo Cordeiro e um bocejo somnolento.

Debalde espivitara o juizo, na ancia de assegurar-se da verdade, de agarral-a physicamente como a um bezerro rebelde. A sua mente era como uma areia secca, em que o vento apaga os desenhos que o vento mesmo traçara. Mal lhe parecia estar senhor d'uma idéa, já começava a encaral-a como duvidosa, e logo tão absurda que só um asno maior da marca a poderia conceber. E se a intelligencia algumas vezes passivamente recebia a proposição do mestre e a gravava como verdade incontestavel. em outras occasiões punha-se em attitude

bellicosa, de lança em riste contra a doutrina da cadeira, que mal se enunciava, logo lhe despertava no cerebro indisciplinado a idéa exactamente contraria.

Fôra assim que bastara a Padre Azevedo pregar-lhe a doutrina orthodoxa de que o Papa é superior ao Concilio, ainda geral e ecumenico, para que a opinião gallicana em contrario, fortalecida pelo sophistico argumento de Gerson, de Noel Alexandre e de todos os Bispos francezes, se arraigasse no seu espirito propenso á rebeldia. E quando mais entusiasmado gritava o professor na sua voz de falsete, enrouquecida pelo abuso do rapé:

—*Prima sedes a nemine judicatur!*

Antonio mastigava baixinho a 4.^a proposição do Concilio provincial de 1682, synthetisadora das liberdades da Igreja de França.

Sobre a questão de fazerem os peccadores parte da Igreja, ou deverem ser d'ella excluidos, de balde sustentara o mestre a doutrina de Santo Agostinho, em conte-

stação á dos Donatistas. Não lograra convencer o discipulo, por mais que amontoasse textos das Sagradas Escripturas, e declarasse que a opinião dos Donatistas fôra adoptada por Huss e por Luthero, quanto bastava para a inficcionar de heresia. A rebeldia nativa do discipulo oppunha-lhe á autoridade o concurso dos 296 Bispos, combatidos pelo filho de Monica na conferencia de Carthago.

Padre Azevedo, esfregando nervosamente as ventas no lenço de Alcobaça, respondia que na opinião de juiz competente, do Papa Martinho V, tanto valia Agostinho como todos os mais doutores.

— *Tantus unus quanti omnes!* berrava victoriosamente o mestre, relanceando os vesgos olhos por sobre a classe convencida cujo silencio approvador esmagava o contradicente, que, por fim, entrando na razão, sujeitava-se ao parecer da cadeira.

Assim se passara a sua educação theologica entre a duvida e a contradicção, duas filhas do demonio, infelizmente alimentadas

pela bonhomia tolerante do professor, que admittia as objecções, comtanto que se chamassem *simples duvidas nascidas da pouca cultura*. A liberdade de discussão que lhe deixavam fortalecia-lhe a tendencia revolucionaria do espirito, aguçava-lhe as subtilezas da intelligencia e habituava-o a procurar em todas as verdades o ponto fraco para as combater, couraçando-se de sophismas com que a vaidade buscava triumphar na argumentação, ao ponto de já lhe não ser facil perceber claramente o lado recto e seguro d'uma controversia. E no recondito da consciencia, confessava-se incapaz de affirmar qualquer preceito moral ou de pensar com serenidade e inteireza d'animo.

Essa dubiedade tormentosa, causando-lhe as cruciantes dores da fraqueza consciente levara-o a extremos de submissão servil, que lhe lembravam a mãe a adular as amantes do marido no meio de lagrimas da mais profunda tristeza. Aquelles extremos rehabilitavam o seminarista aos olhos dos Padres-Mestres, mas no intimo apenas

7*

444524 A

cavavam mais fundo o vacuo do scepticismo, pois que era uma submissão toda apparente. momentanea, embora sincera, e de que elle se vingava, a sós comsigo, no silencio do dormitorio e das noites mal dormidas, levando o arrojo da sua contradicção e a ponta acerada dos seus sophismas á região das mais condemnadas heresias.

Conhecera e partilhara todos os erros que contristaram e dividiram a Igreja Catholica desde Origenes até Luthero. A' medida das leituras, ia-se embebendo das doutrinas mais extravagantes e dos sophismas mais grosseiros, prompto sempre a passar da verdade para o absurdo e do absurdo para a verdade, parecendo-lhe o mais intrincado tecido de disparates um systema claro e consentaneo com a razão natural; e o mais simples preceito de moral ou de civilidade afigurava-se-lhe uma regra de convenção que a ignorancia dos tempos impuzera á boa fé dos pobres de espirito.

Os appetites longamente sopitados e constrangidos sob a atmosphaera claustral,

causavam-lhe aberrações de sentimento e obscureciam-lhe a razão que, para os enganar, adoptara os systemas mais extraordinarios e as doutrinas mais immoraes e anti-sociaes que a loucura humana jámais concretisou n'uma seita religiosa.

Fôra maniqueu, como Santo Agostinho, e muitas vezes censurou a este illustre Patriarcha o ter-se convertido ao mysterio da eucharistia, repugnante á razão esclarecida (pretenciosa ignorancia!), e o ter esquecido o preceito do Mestre que toda a guerra é injusta e illicita. E no isolamento da sua pobre cama de vento exhalava em suspiros d'inveja os ardores da paixão sensual que, sobretudo, o dominava, lamentando não ter tido, como o santo, occasião de peccar, antes da conversão, atolando-se nos mysterios lubricos e immundos com que aquelles heresjes maniqueus solemnizavam as vigalias de determinadas noites, renovando os horrores attribuidos aos Gnosticos.

Fôa millenario com S. Justino e Santo Ambrosio, e longas noites sonhara a Jeru-

saalem de ouro, cedro e cypreste em que elle, Antonio de Moraes, na companhia de Christo e dos Santos Patriarchas, gozaria os mil annos de ventura terrena promettidos por Papias em vista da tradição e de textos expressos, que o seminarista lia, relia e meditava na convicção da verdade, antegostando as delicias d'um paraiso na terra, que imaginava semelhante ao de Mahomet, o arabe, com as hurís muito gozadas e eternamente virgens!

Como o doutor Cerdon, passara as suas horas de meditação a sahir e a entrar na orthodoxia. Acreditara na dualidade divina, como Marcion, com cuja doutrina identificara-se por uma semana inteira, ficando-lhe ainda fundos vestigios na alma e no coração dos principios ardentes e severos d'esse famoso hereje, bem como das vacillações e duvidas com que lutou a sua existencia inteira.

Fôra mystico, como o phrygio Montario. Levava trez dias sem escovar os dentes e sem pentear o cabello, apezar de ser o

janota do Seminario. Chegara mesmo a adoptar a heresia dos valerios e dos originistas, mas não tivera a coragem de praticar em si mutilação alguma, chegando a convencer-se de que estava em erro palmar, quando experimentara as doresinhas agudas d'uma canivetada d'ensaio. Nos intervallos da adopção d'uma e d'outra heresia, voltava-se ardentemente para o orthodoxia com grandes desalentos e tentativas de disciplinar-se.

O padrinho o viera ver algumas vezes ao Seminario, em raras viagens que fazia á capital, para sortir o sitio do necessario e habilitar-se a negociar com os matutos da vizinhança.

Trazia lembranças do pai que, coitado, não podia deixar a fazenda e aventurar-se a uma viagem dispendiosa e difficil, tanto mais que jurara nunca mais voltar á cidade de Belém, cheia de *marinheiros* insolentes e de pelintras mal creados. A comadre D. Brazilia confiava de Deus e da Virgem o apressarem o dia em que pudesse abraçar

o seu querido Padre, e ouvir-lhe a missa n'um recolhimento intimo e gozoso. Não escrevia porque, na fazenda das Laranjeiras, só quem dispunha de papel e tinta era o patrão, conforme o Antonico já sabia. Dado o seu recado, o padrinho retirava-se, recomendando muito ao afilhado que obedecesse bem aos Senhores Padres, que não os contrariasse em cousa alguma, porque só com uma conducta docil e submissa lhes grangearia a estima e protecção indispensaveis á carreira que ia encetar. ♣

Quando o padrinho sahia para não voltar senão depois de seis ou doze mezes, Antonio sentia de novo a impressão do isolamento em que cahia, e absorvia-se outra vez em pensamentos tumultuosos e devoradores. Meditando as palavras do velho, reconhecia que eram justas e ajuizadas, filhas do bom senso pratico, mas o seu temperamento ardente nem sempre lhe permittira adaptar a taes conselhos a sua conducta no Seminario, e apezar do proposito feito de prudencia, a levedura de contra-

dicção que fermentava no seu espirito, continuava a agital-o, n'uma luta interior dolorosa e esteril.

Roa dentro em si as aberrações da intelligencia e do coração no que tocava na theologia dogmatica e na philosophia moral, porque comprehendia bem que manifestar taes aberrações seria trancar ao seu futuro as portas do estado ecclesiastico a que se destinava. Mas o espirito de protestantismo e de rebeldia desafogava-se nas discussões da theologia moral em que, dizia Padre Azevedo, citando um escriptor catholico, a Igreja permite alguma liberdade de opinião aos seus adeptos, por effeito da Divina Providencia, porque uma vez que o appetite humano tem cobrado tanta resistencia ao honesto e justo, melhor será ampliar a esphera deste com probabilidades, do que reduzil-o a termos de arremessar-se ao peccado conhecido por tal.

Usando e abusando d'essa permissão e da tolerancia de Padre Azevedo, com que não podia contar em materia de dogma,

Antonio abrija os diques á eloquencia, banhara-se em controversias, e de narinas dilatadas, olhar em fogo, boca espumante de entusiasmo, vibrara o estyete da objecção contra a doutrina da cadeira, com um ar de triumpho que fazia pasmar a classe. Puzera em sobresalto a orthodoxia do professor, discutindo a materia das vinte e uma proposições condemnadas por Alexandre VII em 1665, e, principalmente, a proposição condemnada por Innocencio XII, relativa á validade do sacramento da penitencia em face da não idoneidade do confessor. Padre Azevedo, apertado da urgencia da resposta, cedera muitas vezes á logica do discipulo, invocando, por fim, a sua autoridade privada para fazer calar o moço discutidor. Antonio sahira da aula dizendo para os companheiros que o levara á parede, o que — agora o reconhecia pezaroso — era d'uma vaidade pueril.

Uma vez chegara a derrotar completamente o mestre, sustentando com Theodoro de Beza que para a salvação da alma

bastava a fé em Deus e em Jesus Christo, sendo excusadas as boas obras, cousas decentes e convenientes, mas não indispensaveis á salvação eterna. Embalde Padre Azevedo, tomando o partido da boa razão e da san moral, lhe perguntara como poderia Christo, no dia do Juizo Final, apartar os bons dos maus e pezal-os na balança da sua justiça, condemnando ao fogo eterno os que vendo-o com fome não lhe deram de comer; vendo-o com sêde não lhe deram de beber; vendo-o nú não lhe deram de vestir, etc.

Antonio de pé, com o braço estendido, em attitude victoriosa, atirara á cabeça do Padre aturdido com o exemplo do bom ladrão, e, depois, sem descanso, o submergira, n'um diluvio de textos sagrados pedidos ao Evangelho de S. João, a Santo Ambrosio, a S. Bernardo e a outros Doutores da Igreja. E por fim, por golpe de graça, descarregara a celebre phrase de Santo Agostinho, que, no entender do proprio mestre, valia por todos os Doutores:

— *Hæc est charitas quam si solam habueris, sufficit tibi.*

E dominado pelo demonio da vaidade, para amesquinhar o adversario, traduzira:

— *Este é o Amor de Deus que, se nada mais tiveres, basta-te-ha.*

Terminara por fim, perdendo toda a noção de respeito e da desigualdade das posições, imitando a voz fanhosa do mestre:

— *Tantus unus quanti omnes!*

Ouvindo tão decisivo texto do grande Patriarcha, e percebendo a satyra da ultima citação, Padre Azevedo perdera a tramontana, e levantando-se indignado, condemnara o discipulo a jejuar todo aquelle dia a pão e agua.

Mas Antonio, victima indefesa do demonio da rebeldia e da vaidade, electrizado pell victoria que julgara tão brilhantemente alcançada, declarara com arrogancia:

— Não posso jejuar hoje, porque é sabbado, nem amanha, porque é domingo. Um bom christão não póde fazer de tristeza o dia em que o Senhor descansou e em

que Judas se enforcou, nem tão pouco o dia em que Jesus Christo resuscitou. Já os Sagrados Apostolos o ensinaram e S. Clemente Romano o repetiu nas Constituições Apostolicas. Sant'Ignacio disse que quem jejua aos sabbados e domingos é matador de Christo — *Si quis dominicam diem . . .* V. Revdm.* sabe o resto. Ora eu não quero ser o matador do meu Deus, cousa de que N. S. de Belem me livre . . .

A heresia era evidente, e desta vez complicada de desobediencia e desrespeito formaes. Padre Azevedo ficara verde de indignação, que a muito custo concentrara por alguns momentos, atendo-se a um silencio esmagador que pezou sobre toda a classe e produziu sobre Antonio de Moraes o effeito d'um calmante poderoso, que lhe permittiu entrever o excesso a que a vaidade o levava. Os collegas miravam-no com desprezo mesclado do santo horror da heresia. Elle proprio, encontrando-se no meio da sala, com o braço estendido, achou-se ridiculo, cheio de fatuidade e ignorancia,

victima indefesa do demonio que lhe tentava o amor de applausos para melhor lhe segurar a alma . . .

Mas o silencio do mestre não fôra demorado, que não lh'o permittia a indole barulhenta. Largara a cadeira, n'um impeto de vingança pessoal, mas a consideração do organismo athletico do camponio que tinha deante de si transformado em formigão, ou o sentimento da dignidade do cargo obrigou-o a recorrer á autoridade do Reitor, que não tardou em apparecer, sombrio e grave na sua batina negra.

Fôra informado do occorrido, e mostrava no rosto o espanto causado pela rebeldia do seminarista, e a resolução firme de dobrar aquella vontade exaltada e impetuosa. A campanha estava de antemão vencida. Antonio nenhuma resistencia opuzera ao carrasco. Roera a duzia de bolos com resignação evangelica, e entrara para o carcere submisso e arrependido, curtindo em silencio o aspero jejum de tres dias a pão e agua.

Cahira em grande abatimento de espirito. Encarara como devia o seu inqualificavel procedimento, inspiração do demonio. Sentira a necessidade dolorosa d'uma penitencia severa, proporcionada ao peccado mortal em que abysmara a alma. Exagerara mesmo a gravidade da culpa, e nas largas insomnias d'aquellas tres noites magras, a fome causara-lhe allucinações terriveis, que difficilmente o seu organismo de matuto, acostumado á alimentação abundante, podia dominar. Persuadira-se de que já estava condemnado ao inferno, e ficara horas inteiras, hirto e pallido, sobre a esteira que lhe servia de cama, sentindo um suor frio correr-lhe pela frente, quando a idea da morte a surprehendel-o em peccado mortal vinha assaltar-lhe a mente enferma. Recordara, outras vezes, as descripções que lera das penas do inferno, dos supplicios tremendos que aguardam os condemnados, e, sobretudo, a idéa da eternidade dos castigos apavorava-o a tal ponto, que se puzera a menoscar os espantosos padeci-

mentos dos confesores da fé, desses sublimes heroes do christianismo que com justiça a Igreja proclama santos, por não parecerem homens. Pensara, no seu terror, que nada eram esses soffrimentos, desde que com elles, rigorosamente, se comprava — dá cá, toma lá — a salvação eterna. Julgara-se então capaz do mais cruel martyrio, e o proprio S. Quintino não lhe levaria a palma no prazer com que se banharia em azeite fervendo e se deixaria fritar em pez derretida. Imaginara uma vida de ascetismo tal que deixasse obscurecida a fama dos Hilariões, Antões e Macarios, e mesmo a do grande S. Jacob, no ultimo quartel da sua longa e accidentada existencia.

Mas — infelizmente — se recordava a sobranceria e desprendimento deste decantado anachoreta, friccionando o peito da peccadora com a mão direita, enquanto deixava arder a esquerda ao calor d'um brazeiro, não podia esquecer o assassinato commettido pelo santo, depois de velho e de ter ganho fama de virtudes, em uma

joven de boa familia, que lhe fôra confiada para catechese, e que, primeiro, deflorara, e, depois, cortara em pedacinhos para esconder os vestigios do crime . . . E, mau grado seu, os ardores da sensualidade que procurara comprimir voltavam-lhe em bando sem disciplina, evocando a lembrança de grandes peccadores convertidos, e dando-lhe uma ancia de commetter mais peccados ainda para remil-os todos por um arrependimento sincero, capaz dos maiores sacrificios e tormentos. Umas vezes requeimava-se ao fogo da concupiscencia, sonhando as maiores devassidões em que se atolasse d'uma assentada na plena immundicie dos vicios mais desregrados, para saciar a fome de deleites que o devorava, e poder, morta de gozo a parte terrena e demoniaca do seu ser, elevar a alma ás regiões sublimes do Amor Divino, pura de toda a mancha do interesse carnal. Outras vezes, queria immaterialisar o corpo, dominando-lhe os appetites com o estoicismo de S. Vicente de Paula ou de Santo Efrem, invejando as tentações que

sofferam, sómente pelo gosto de as colafisar sobranceiramente.

Ao quarto dia, quando lhe vieram abrir a porta do carcere, estava magro e pallido, denunciando no olhar febril e na agitação do pulso a exaltação que o possuia. Devorara o almoço com um appetite de tres dias, e recolhera-se ao dormitorio, dizendo-se adoentado.

— Esta febre, dissera o Reitor, é obra do demonio da soberba.

A heresia e desobediencia de Antonio de Moraes causaram grande escandalo no corpo docente, tendo mesmo chegado aos ouvidos do Senhor Bispo, que muito as estranhara n'um alumno do Seminario Maior.

O Reitor dissera uma dia á cabeceira do enfermo, julgando-o adormecido:

— E' necessario não perder de vista esta alma vacillante. Convém quebrar-lhe a vontade a poder de jejuns e penitencias.

A obra annunciada começara em breve, para felicidade do futuro Padre, combatido pelo demonio, auxiliado pelo seu grosseiro

temperamento de camponio sensual. Foram duras as provações salutaes que lhe impuzeram por longos dois mezes. Forçavam-no a não satisfazer o appetite, obrigando-o a deixar o jantar em meio para ler aos collegas um capitulo da Historia Sagrada. Não dormia as suas noites inteiras. Acor-davam-no á meia-noite para velar o SS. Sacramento na capella do Seminario. Ames-quinhado pela severidade com que o trata-vam nas classes, posto n'um banco isolado, para não contaminar os condiscipulos que o olhavam com zombaria; mal visto dos professores, privado do recreio e entregue a uma meditação constante, Antonio, cujo physico não se abalou, graças á sua robs-tez camponeza, ficara sem animo de reagir contra aquella bemdita oppressão de todos os dias e de todos os instantes. A enorme vaidade que herdara dos instinctos desre-grados do pai cedera o passo á humildade de coração, santificadora e efficaz, com que viera afinal a accommodar-se ao regimen da disciplina clerical.

Modificara-se. Tornara-se morigerado e docil. Sofrera com resignação todas as contrariedades com que os Senhores Padres teimavam em impôr-lhe uma submissão que já não recusava, buscando inspirar-se no exemplo da mãe, resignada e humilde. Não deixava escapar uma queixa. Compreendia que precisava sujeitar-se ao meio em que as circumstancias o collocavam para poder um dia, digna e proficuamente, seguir a carreira a que uma irresistivel vocação o chamava.

O Reitor convencera-se, emfim, de que operara uma conversão milagrosa, e apenas impuzera a Antonio de Moraes, como condição para receber as ordens maiores, o fazer um retiro espiritual no convento de Santo Antonio, dando-lhe para meditar o thema — *Da malicia e das consequencias do peccado venial.*

Agora que estava de posse da vigararia livremente escolhida, tendo, no momento de iniciar definitivamente a sua carreira sacerdotal, sondado o fundo do seu coração,

sentia-se cheio de força e de vigor para as lutas da vida.

Soffrera muito no Seminario, mas desses tormentos indiziveis, de que apenas recordava os transes principaes, sahira robustecido na fé e na crença, e com a segurança do seu valor proprio, da sua mascula energia, da sua inquebrantavel força de vontade.

Macario, batendo de vagarinho á porta do quarto, communicou respeitosamente:

— Saberá V. Revdm.* que a janta está na mesa.

CAPITULO III

CHOVIA. Era um aguaceiro forte de meados de Março que lavara as ruas mal cuidadas da villa, ensopando o solo resequido pelos ardores de verão. O professor Francisco Fidencio Nunes despedira cedo os rapazes da classe de latim, os únicos que haviam affrontado o temporal e olhava pela janella aberta, sem vidros, pensando na necessidade que lhe impuzera o Regalado de passar aquelle dia inteiro dentro de quatro paredes, por causa da humidade, fatal ao seu figado engorgitado.

A caseira, uma mulata ainda nova, chamara-o para almoçar. N'aquelle dia podia offercer-lhe uma boa posta de pirarucú

fresco, e umas excellentes bananas da terra, que lhe mandara de presente a velha Xica da Beira do Lago, cujo filho cursava gratuitamente as aulas do professor. A caseira, a Maria Miquelina, sabendo que o sr. professor não poderia comer as bananas crúas, por causa da dieta homeopathica do Regalado, cozera-as muito bem em agua e sal, preparara-as com manteiga e assucar e puzera-as no prato, douradas e appetitosas.

Mas o dono da casa nem sequer as provara. Fizera má cara tambem ao pirarucú fresco, rosado e cheiroso, preparado com cebolas e tomates, e, por almoço, tomara apenas uma chicara de café forte com uma rosquinha torrada, porque o estomago lhe não permittia alimento de mais sustancia. Tivera durante a noite um derramamento de bilis, devido á mudança de tempo, erguera-se de cabeça amarrada, icterico e nervoso. Fôra rispido com os dois ou tres rapazes que compareceram á classe de latim, e despedira-os dizendo que iam ter ferias, porque a semana santa se approxi-

mava. Tratassem de decorar bem o *Novo Methodo*, senão pregava-lhes uma peça.

Depois da sahida delles, Xico Fidencio ficara aborrecido, vagamente arrependido de os ter despachado tão cedo. Que iria fazer agora? A chuva continuara a cahir torrencialmente, transformando a rua n'um regato volumoso que arrastava paus, folhas, velhos paneiros sem prestimo, latas vazias e barcos de papel, feitos pela creançada vadia que não tinha medo á chuva. Não passava ninguem, *para dar uma prosa*. As casas vizinhas estavam fechadas, para evitar que a chuva penetrasse pelas janellas sem vidraça. A flauta do Xico Ferreira, ás moscas na alfaiataria, interrompia o silencio da villa recolhida, casando os sons agudos e picados com a ruido monotono da agua repinicando nos telhados.

Que dia estúpido aquelle! Silencio na rua, silencio 'na casa! Nem ao menos a Maria Miquelina, de ordinario palradora, queria falar agora! Amuada, pois que o professor lhe desprezara o almoço, sentara-

se a um canto da casa de jantar e fazia rendas, silenciosa e trombuda.

Francisco Fidencio voltara da varanda, e passeava a sala de visitas, onde dava as aulas, cruzando-a em todos os sentidos, parando ora deante d'uma mesa, ora em frente a um quadro, umas vezes ante a porta cerrada, como se tivesse vontade de sahir, outras vezes defronte á janella aberta, para olhar a rua, silenciosa e molhada.

Era uma sala pequena, mal caiada, de chão de terra batida, coberta de palha de pindoba escura, uma sala miseravel de pobre habitação sertaneja, mas com pretensões a aposento decente. A mobilia constava de dois compridos bancos, postos um atraz do outro, perto d'uma grande mesa de pinho mal envernizado. Outra mesa pequena collocada a um angulo da sala era servida por uma cadeira, a unica existente, de palhinha branca, de uso antigo. Sobre as duas mesas havia tinteiros, papeis, alguns livros velhos. Da parede do fundo pendiam, em quadro de madeira preta, uma

lithographia ordinaria representando o conselheiro Joaquim Saldanha Marinho, e mais abaixo, n'um pequeno quadro de moldura dourada, muito gasta, uma gravura burlesca e desrespeitosa, intitulada — *O sonho de Pio IX*. N'uma das paredes lateraes, pendentes d'um pequeno cabide de bambú falso, estavam um chapéu de homem, um guarda-chuva de alpaca côr de pinhão e uma opa de irmão do Santissimo, ostentando audaciosamente o seu encarnado vivo, ferindo os olhos. Ao lado, sobre um caixão virado, uma rima de jornaes em desordem sustentava um candieiro para kerozone, sem *abat-jour* e com a chaminé rachada. Na parede fronteira, n'uma lithographia de jornal caricato, pregada com quatro obreias verdes o Papa Ganganelli fulminava com os raios pontificaes a Companhia de Jesus.

No chão mal varrido, com grandes manchas pretas feitas pelos pés molhados dos alumnos de latim, pontas de cigarros e palitos de phosphoro fraternisavam. Uma gallinha com pintos ciscava em baixo da mesa grande, cacarejando.

Francisco Fidencio lembrara-se de matar as longas horas desoccupadas lendo alguma cousa. Mas que leria? Os ultimos jornaes chegados do Pará já haviam sido inteiramente devorados, lera-os todos e nada achara n'elles que lhe prendesse a attenção, e menos ainda merecesse segunda leitura. Os de Manáos tambem nada traziam de novo. As costumadas descomposturas ao Presidente da provincia, uma noticia ou outra e os annuncios banaes, em letras grandes, espaçadas. De lívros estava farto. Bastava-lhe a massada de os ler obrigatoriamente na aula, todos os dias, para lecionar os discipulos. Não iria agora dar-se ao luxo de estudar a lição do dia seguinte! Nada, que elle não era o seu collega Annibal Americano!

Podia escrever para occupar-se. Foi á pequena meza do canto da sala, abriu uma gaveta, tirou algumas folhas de papel, caneta e penna, puxou a cadeira de palhinha, sentou-se e traçou sobre a alvura do papel em tiras as seguintes palavras:

«Am.^o redactor».

Depôz a penna, cruzou os braços sobre a mesa, e pôz-se a soletrar aquellas palavras, muito aborrecido.

Que diabo escreveria elle? Contaria o mau tempo que reinava em Silves, a falta do pirarucú e a carestia da farinha? Que lhe importava isso? Que interesse tinha em noticiar cousas tão banaes aos seus leitores, e que graça achariam estes em conhecer taes borracheiras?

Só havia um assumpto possível, em que poderia espraiar-se, lançando um bello artigo capaz de fazer sensação. Esse assumpto era Padre Antonio de Moraes. Mas, havia um mez que Padre Antonio chegara, e Xico Fidencio ainda não pudera formar delle um juizo definitivo, nem achara motivo para um pequeno artigo. Bem não queria dizer do vigario, porque isso era contra os seus principios. Para dizer mal era preciso uma base, um motivo, um pretexto ao menos, e essa base, esse motivo, esse pretexto não apparecia.

Por isso andava o Xico Fidencio muito

descontente, por isso, talvez, se aggravara a hepatite.

Todo aquelle mez passara o Padre Antonio de Moraes em projectos de reforma da parochia, em apear o templo, em confessar beatas, examinar creanças ao catecismo, dizer missas e cantar ladainhas. A população estava muito satisfeita. Nunca vira um vigario assim tão serio e zeloso, tão activo e pontual. Pela manhan a missa, rezada de vagar, a durar vinte minutos pelo menos, macerando os joelhos do povo nos tijolos da Capella-mór. Em seguida, a confissão longa, minuciosa, cheia de conselhos paternaes e de reprehensões bondosas. A Maria Miquelina fôra confessar-se, a mandado do professor, e voltara maravilhada. Ao meio-dia a aula dos pequenos; á noite a ladainha, puxada pelo vigario em pessoa, á luz duvidosa das lampadas de azeite de mamona . . . isto um mez a fio . . . uma delicia! no dizer da senhora D. Eulalia. Beatas velhas e beatas novas bebiam os ares pelo Padre Vigario, rapagão de vinte

e dois annos, sympathico, bem apessoado e de mais a mais um santo! Sempre serio, bondoso, paternal, caminhando de olhos pregados no chão, falando baixinho, *minha filha, minha irman*, em voz suave e melliflua, que fazia correr um calafrio pela espinha dorsal das devotas, acostumadas ás graçolas chocarreiras do defunto Padre José. D. Cyrilla, mulher do capitão Fonseca, D. Dinildes, irman do *Mappa Mundi*, e a famosa D. Prudencia, viuva do Joaquim Feliciano, não se fartavam de gabal-o, admirando-lhe a barba bem escanhoadada, o cabello luzidio e penteado, a batina nova, a alva camisa engommada, os sapatos envernizados a capricho, o todo de petimetre de sotaina, que contrastava de modo frisante com as sobre-casacas domingueiras, compridas e lustrosas, e com as largas calças brancas e os sapatos grossos, de couro crú, dos rapazes mais atirados da terra. E o mulherio todo as secundava nos elogios ao padreco. Até a Maria Miquelina, a negregada! tinha as suas sympathias pelo trocatintas do vigario!

Tanto enthusiasmo das mulheres teria certamente despertado o ciuime e o odio dos homens, se, pelo seu procedimento — irreprehensivel — não lhes tivesse Padre Antonio captado a benevolencia.

Nenhuma fraqueza lhe conheciam. Essa virtude inexpugnavel causava pasmo ao Xico Fidencio, desnorteava-o. Na sua opinião todos os Padres eram mais ou menos como os cardeaes do quadro de moldura dourada, sotoposta ao retrato do Ganganelli Brasileiro: uns pandegos que bebiam champagne abraçando irmans da caridade. Entretanto com Padre Antonio de Moraes não se dava isso. A Luiza Madeirense perdera completamente os seus requebros, as suas provocações impudentes. Nem sequer lhe conseguira apanhar a freguezia do engomado, que fôra dada á mulher do collector senhora quarentona e respeitavel. D. Prudencia debalde gastara duzias de ovos em compoteiras de cocada amarella, com que o Macario sacristão apanhava azias desesperadas. S. Revdm.^a lh'as agradecia pelo por-

tador, mas não a visitava. Todo entregue aos trabalhos do culto, parecia superior ás fragilidades humanas. Andava atarefado, embebido na preocupação de regularisar o serviço da Igreja. Parecia querer ser um parochó modelo, solícito, attento e dedicado.

Na sua casinha solitaria, acompanhado pelo Macario sacristão que lhe governava a casa, e servido por um preto velho que trouxera do Pará, levava a vida austera d'um Padre de S. Sulpicio. Jámais nenhum dos sujeitos que viviam em Silves da espi-onagem da vida alheia, nem o Maneco Furtado, nem o Cazuza dos Tamarindos, pudera, n'aquelle mez inteiro, divisar entre os humbraes da porta da entrada, ou na abertura da cerca do quintal, um vulto suspeito de mulher. Era simplesmente admiravel.

O Macario sacristão, empazinado de gulodices, palitando os dentes, satisfeito do mundo, clamava na villa que nunca vira um homem assim, que um Padre d'aquelle feito era uma cousa espantosa. E batia-se, em discussões calorosas, com os maliciosos

que, mais por pirraça ao sacrista do que por convicção, notavam a facilidade que havia em passar, sem ser visto, da casa do vigario para o quintal da Luiza Madeirense. O Macario punha a mão ao fogo pela castidade de S. Revdm.^a E' verdade que havia tentações . . . a Madeirense fazia o diabo! E uma certa viuvinha então? Era querer e estava feito, mas não! S. Revdm.^a não queria. Macario desafiava a toda a gente a que o pilhasse em falso. E elle proprio, Francisco Fidencio Nunes, o terrivel inimigo dos Padres, que escrevia correspondencias para o *Democrata*, de Manãos, em que vasava a bilis revolucionaria e atheista, *para esfregar aquella sucia*, era obrigado a confessar que ou Padre Antonio era um santo ou um verdadeiro ministro do altar!

O professor ergueu-se desanimado, deixando cahir a caneta que tinha entre os dedos. Foi á varanda, onde a Maria Miquelina, sentada a um canto, tendo diante de si uma grande almofada branca, fazia rendas de bico, silenciosa e trombuda.

— Então o tal Padreco é mesmo um Sant'Antoninho, Maria Miquelina!

A mulata não respondeu.

— Tens as bananas atravessadas na garganta, rapariga? Olha que se me môes, não janto.

As bananas estavam perdidas, mas era preciso salvar a honra do pirarucú fresco, que a caseira guardara para a refeição da tarde, fritando-o em fino azeite doce. Estava de tentar.

— Olhe, seu Xico, disse a mulata depois d'uma pausa; vuncê sabe que eu não gosto de homens de saia. Mas o vigarinho é um santo, lá isso ninguem me tira.

O professor voltou para a sala, sentou-se de novo á mesa, pegou na penna e começou a escrever:

«O escriptor destas modestas e despretenciosas linhas . . .»

Mas largou a caneta, sem animo de proseguir. Não queria elogiar o Padre, não queria comprometter-se. De mais, estava com um *ferro*, por causa da Maria Mique-

lina! E não se conformava facilmente com os olhos baixos e o falar mellifluo d'aquelle Padre elegante e bello.

Havia um anno que o Xico Fidencio se estabelecera em Silves, espantando os pacatos habitantes da villa com as suas theorias irreverentes e ousadas, fascinando-os, tinha presumpção disso, com o seu verbo colorido e ardente, espicaçando-lhes a molle indiferença com o aguilhão das suas criticas acerbas e dos seus sarcasmos ferinos, dominando-os pelo espirito desembaraçado de convenções e dos prejuizos da estreita vida de aldeia.

Era natural do Rio de Janeiro, carioca da gemma. Aquillo, sim, é que era terra! Cursara dois annos da antiga Escola Central. Não gostara das mathematicas, era mais amigo das sciencias sociaes, e se fôra rico, teria ido estudar a S. Paulo, teria entrado para a troça do Varella, do Castro Alves, teria sido talvez um Alvares de Azevedo. Era, porém, muito pobre. Um tio, que o ajudava, fartara-se de o aturar e puzera-o

fôra de casa, quando sahira reprovado em calculo differencial, ao 2.º anno. Arranjaram-lhe um lugar de caixeiro de armarinho á rua do Cano, mas não ficara no emprego mais de tres mezes. O patrão era um gallego, burro como seiscentos gallegos e malcreado como todos os da sua igualha. Xico Fidencio não estivera para o aturar, e despedira-se da casa, passando-lhe uma descompostura descabellada. Um dos freguezes do armarinho, que tinha queixas do patrão, metteu-o de conductor n'um omnibus da carreira de S. Christovão. Era uma vida deliciosa, divertida, cheia de episodios interessantes e que contribuiu muito para a educação do Xico Fidencio. Ouvia tanta cousa! Estava a par da politica toda, conhecia todos os homens notaveis, sabia de mil pormenores da sua vida publica e particular. Soubera da resolução do Ministerio na crise bancaria de 1864, antes de publicada nos jornaes, vira o Christie furioso, por occasião do conflicto entre o Brazil e a Inglaterra, dera fogo ao José Liberato

quando fôra pela primeira vez a S. Christovão! Era uma vida deliciosa, toda a gente ô conhecia e o comprimentava, dava-lhe cigarros. Infelizmente fôra obrigado a deixal-a por intrigas d'um cocheiro, seu inimigo. Havia já dado um passo decisivo na vida . . . entrara para a maçonaria! E o primeiro beneficio que tirara d'essa acertada resolução fôra conseguir um lugar de dispenseiro a bordo do vapor *Santa Cruz*, da Companhia Brasileira do Norte. Mais tarde, n'uma das viagens deixara-se ficar no Pará, porque enjoava muito, não nascera para a vida do mar. Tinha feito amizade a bordo com um deputado geral, cuja familia gostava das passas, nozes e figos secos, com que o Xico a presenteava generosamente. Obtivera uma cadeira publica, n'um arrabalde da capital, e a regera durante um anno inteiro. Mas rompera a *questão religiosa*, e o Xico Fidencio, fiel aos seus principios, não transigira. Declarara guerra aberta ao Bispo e aos *homens de roupeta* que elle importava de Roma. A

nomeação era interina, e o Presidente, um carola, que ouvia missa todos os domingos, quizera ser agradável a D. Antonio, e demittira o professor amigo do livre exame. Ficara então sem recursos. Recorrera á maçonaria, mas a maçonaria era impotente na administração d'aquelle rato de sacristia que governava a provincia. Só podia obter um emprego no commercio, mas as suas aspirações não se davam com tal modo de vida. De mais, no commercio do Pará governavam os portuguezes, e o Fidencio, apesar de maçon *enragé*, nunca perdoara aos portuguezes os desaforos que soffrera do dono do armarinho. Antes morrer de fome do que, no seu paiz, sujeitar-se novamente a ser mandado por um gallego!

Emfim, Silves não pertencia ao Pará. O seu amigo Felipe do Ver-o-pezo, um portuguez excepcional, dissera-lhe que Silves era uma boa terra, não tinha um professor que prestasse, e offerecera-lhe uma carta de recommendação para o seu correspondente Costa e Silva. Viera para tentar fortuna,

e aqui soubera grangear muita consideração, graças á sua incontestavel intelligencia e aos conhecimentos que obtivera na sua accidentada existencia.

A principio encontrara franca hostilidade, principalmente das mulheres, que o achavam antipathico e desagradavel, as lambisgóias! Como se elle não fosse da côrte do Rio de Janeiro, que ellas nunca haviam de conhecer! Depois embirraram com as suas idéas anti-religiosas, porque as expunha com a maxima franqueza, a todo o momento, em qualquer occasião, sem resguardo das conveniencias devidas ás pessoas e aos lugares. Ninguem lhe dera discipulos, poucos o cortejavam, nenhuma familia lhe offerecera a casa. Até o proprio Costa e Silva, posto estivesse *arrochado* pela carta do Felippe do Ver-o-pezo, tivera certas friezas, porque era catholico, achava a religião necessaria, principalmente para o povo. Parecia que temiam a infecção das heresias d'aquelle inimigo da Igreja, já condemnado em vida ás penas eternas.

Fidencio ergueu-se de novo, foi á janella e cuspiu para fóra:

— Idiotas!

Voltou para junto da mesa, alliviado, preparou um cigarro, accendeu-o, sentou-se de novo, firmando-se sobre os pés trazeiros da cadeira, utilizada para balanço, e reatou o fio das suas recordações:

Alguns homens, na facil convivencia das portas das lojas, onde á tarde se renova diariamente o processo da syndicancia da vida alheia, começaram a gostar de ouvir dizer mal de tudo e de todos, com umas phrases novas, uns ditosinhos agudos, uma certa maneira de exprimir as idéas, entremeando calemburgos com palavras sonoras e sibilando muito os *ss*, que adquirira ao tempo de estudante e de caixeiro de armarinho. Conquistara a facil mentalidade dos bons matutos de Silves, posto não lograsse captivar-lhes o coração desconfiado. Mas o Xico Fidencio tinha tanta graça! Tinha uns modos não sei como o diacho do mestre-escola! Sabia

tão bem o ridiculo d'uma pessoa ou d'uma coisa, que os seus ataques eram irresistiveis. Os matutos reconheciam assim o seu incontestavel merito.

Um dia, lembrara-se de escrever uma *correspondencia* para um folha de Manáos, a proposito da ultima sessão do Jury no termo, e dissera umas cousas agradaveis ao Juiz de Direito que lhe valeram a proposta para Adjunto do Promotor Publico, cargo que nunca fôra servido na comarca e de que não havia necessidade. E satisfeito com o resultado obtido puzera-se em activa correspondencia com o jornal de Manáos, o *Democrata*, *organ politico, noticioso, commercial, scientifico e independente*, que lhe estampara a prosa, contente por ter materia nova com que encher as columnas da obrigação. As cartas do Xico Fidencio não seriam talvez muito lidas na capital da provincia, mas em Silves eram devoradas avidamente, commentadas, discutidas durante quinze dias a fio. O seu estylo tinha umas vezes o sarcasmo ferino da conversação

ordinaria, e outras, quando o Xico calçava as suas tamancas de jornalista grave, e queria discutir um assumpto com a seriedade necessaria, subia aos phraseados sonoros, recheados de declamações bombasticas, de trechos de bons autores, de citações novas, com muita erudição de idéas e palavras bebidas aqui e alli, na leitura de periodicos e pamphletos.

E eram exactamente esses artigos, de que mais se orgulhava, que reputava melhor, que lia e relia aos amigos, chamando-lhes a attenção para o phraseado cheio, para as referencias sabias e o rebuscado do estylo, os mais raros e os menos apreciados. O publico, ignorante e grosseiro, preferia as pilherias e as criticas mordazes, que iam subindo de tom até ao diapasão da descompostura, degenerando em maledicencias e calumnias. Tinha, porém, uma justificação para esses excessos: a necessidade de não poupar o inimigo, para não lhe morrer ás mãos.

Quando chegava o paquete e o *Demo-*

crata apparecia, pequeno, massudo e mal impresso, coberto de *pasteis* e de falhas, como d'uma lepra incuravel, toda a gente queria saber se o *Constante leitor*, o pseudonymo do Xico Fidencio, escrevera a sua carta, datada de Silves, com quem bolia, se desancava o Padre José ou o subdelegado, se falava na Luiza ou na D. Prudencia, se contava os novos amores do vigario, ou descobria as recentes ladroeiras do escrivão da policia.

Apezar d'esses triumphos, Francisco Fidencio Nunes sentia que pisava em terreno falso. Não contava com as sympathias da população, e teria de decidir-se em breve a procurar outro abrigo para a sua miseria e para o seu ideal de liberdade religiosa, tão mal amparado na povoação do lago Saracá. Não podia deixar de pensar que fôra enganado pelo Felippe do Ver-o-pezo. Sempre era gallego, e bastava.

O vigario vingava-se das correspondencias, fazendo-lhe uma guerra de morte. O collector, que era o homem mais impor-

tante do lugar, não gostava d'elle, embora lhe tivesse medo. As mulheres eram-lhe hostis, não liam as suas cartas, não viam senão o homemzinho feio, que desrespeitava os santos e pregava heresias. Estranho á terra, sem ligações de familia na provincia, sem a tradição d'um passado qualquer que o protegesse, reconhecia-se fraco e dispunha-se a abandonar o campo, quando surgiu de chofre o segundo periodo da questão religiosa, ferida entre os bispos do Pará e de Olinda e a maçonaria.

A gente de Silves não tinha interesse algum na questão, mesmo porque o seu vigario, um pandego, valha a verdade! não se occupava muito de cousas de Igreja. Mas o espirito de partido, muito vivo nas povoações pequenas, o amor da novidade, o instincto de contradicção e de luta que divide os homens, mesmo desinteressados e indifferentes ao assumpto da discussão, fraccionaram a população em dois grupos. Um formara-se dos maçons, dos parentes dos maçons, dos inimigos pessoas do vi-

gario e dos rapazes mais ardentes e mais instruidos. O outro constituiria-se com os homens timoratos e pacificos, que, de preferencia ás innovações, queriam viver com os Padres, acreditando, ou fazendo por acreditar, em tudo o que esses exploradores da humanidade dizem. Francisco Fidencio tornou-se naturalmente chefe do partido maçonico.

A luta, a falar a verdade, não passara do terreno do palanfrorio, consistira unicamente em discussões fortes á porta do collector ou junto ao balcão do Costa e Silva, e na insistencia dos maçons em acompanhar as procissões e Nossos Pais de balandrau e tocha. Francisco Fidencio era irmão do Santissimo. A sua brilhante opa encarnada, que por acinte tinha na sala, exposta a todas as vistas, apparecia em toda a parte. Padre José *bufava*. Por fim tomara o pretexto de tão grande irreverencia para acabar com festas e procissões que lhe davam muita massada. Mas o melhor fôra que o correspondente do *Democrata* lucrara com a questão.

Primeiro que tudo, dedicando as suas cartas ao assumpto da pendencia que dividia os espiritos, atacando o Papa, os Bispos, os Padres todos e especialmente os Jesuitas, poupava os habitantes da villa, com excepção do Vigario. Mereceu com esse procedimento que se corresse um veu sobre as criticas antigas, amortecendo os odios dos offendidos. Não era mais o *escrevinhador insolente*, que se occupava da vida privada de cidadãos conhecidos, achincalhando a reputação do capitão Fulano ou do negociante Sicrano. Passava a ser um escriptor preocupado de questões sociães, um sujeito que zurzia os Padres, uma especie de adversario platonico. Os Padres que se defendessem!

As antigas victimas rejubilavam-se, descansadas, livres do temor, esforçando-se por esquecer e fazer esquecer as descomposturas recebidas no *Democrata*. Eram agora ellas mesmas que chamavam a attenção publica para os artigos do professor, que o commentavam, indagando hypocri-

tamente se seria verdade tudo aquillo que se dizia do Padre José, alardeando indignação, exclamando que taes monstruosidades eram dignas de severo castigo.

Francisco Fidencio contava á redacção do *Democrata*, por miudo, as pandegas collossaes do vigario, as aventuras nocturnas, as bambochatas em canoa, as orgias nas praias de areia, ao tempo da desova das tartarugas. Citava nomes, falava da Xica da outra banda, da mulher do Viriato, da Luiza, e até da D. Prudencia, veladamente — *uma certa Imprudencia*. Dizia que o vigario bebera o dinheiro da provincia com as mulatas, em vez de concertar a Matriz, que seduzia as beatas, que prostituia as confessadas, que era ministro de Barrabás . . . o diabo!

Padre Jose ficava furioso. Ameaçava *quebrar as bitaculas áquelle safado*, e calumniava-o, espalhando que Xico Fidencio fôra condemnado no Rio por gatuno e expulso do corpo de Permanentes do Pará por maus costumes, *peccados contra a natureza*.

Emquanto Padre José apanhava bordoadas de cego nas columnas do *Democrata*, o subdelegado, o escrivão da policia, o commandante do destacamento, o juiz municipal e o fiscal da Camara folgavam, comprazendo-se n'uma feliz obscuridade, e como o vigario não oppunha aos artigos do Xico um procedimento exemplar, as censuras e accusações calavam na opinião, o partido maçonico augmentava, uma corrente de sympathia estabelecia-se entre o jornalista liberal e a população de Silves.

Em segundo lugar, a sua posição de chefe de partido reunira em torno da sua pessoa um grupo dedicado e attento, que o amparava e applaudia na luta, dando-lhe prestigio e força. Francisco Fidencio já se não sentia isolado, as suas palavras eram repetidas por alguns como Evangelho, as pilherias que lhe saham da boca tinham curso forçado. As suas opiniões eram aceitas geralmente, com desconto do exagero que lhe attribuiam os taes homens serios, em questão de doutrina e de dogma:

— Aquillo é maluquice d'elle, mas tem razão no que diz dos Padres.

— Maluquice! resmungou Francisco Fidencio, levantando-se de novo, e chegando á porta do corredor, gritou para a varanda.

— Então, nem um cafézinho hoje! Olhe que a gente não almoçou!

Cessou o ruido dos bilros, e a voz arastada da Maria Miquelina respondeu lá de dentro:

— Pensei que vuncê não queria nada hoje. Está de burros, parêsqe!

A caseira já devia saber que, quando o figado lhe não permittia comer, o Xico Fidencio bebia muito café. Era a unica cousa que o seu estomago supportava. Demais era carioca da gemma. Era da terra do café. E quando estava damnado, bebia café. No dia em que fôra demittido de professor publico no Pará, bebera mais de vinte chcaras desse liquido que prolongara a vida de Voltaire.

Voltou a passear a sala em todos os

sentidos, levando a mão á região do figado e chupando um cigarro apagado.

A chuva continuava, monotona, repinçando nos telhados vizinhos. A flauta do Xico Ferreira cansara. Da casa fronteira vinha um choro de creança manhosa e endefluxada. Os pequenos sinos da Matriz espalhavam no ar alegres vibrações argentinas, saudando o meio dia.

A rua continuava deserta. Francisco Fidencio chegara á janella e não vira pessoa alguma. Pudera! com aquelle tempo de cachorro.

— Estava de burros, sim, e tinha razão de sobra. Havia mais de meio anno que Padre José morrera, e que Fidencio ficara sem assumpto para alimentar a sua correspondencia com a folha de Manáos. A questão religiosa amortecera, os episodios da luta iam ficando esquecidos, o terrivel adversario do clericalismo estava-se tornando inoffensivo.

Tivera uma forte tentação de voltar a bolir com os antigos inimigos, para o que

não lhe faltaria assumpto, graças a Deus. Sabia tudo que se passava em Silves, sem necessidade de espiar, nem de indagar da vida alheia. Contavam-lhe, sem que nada perguntasse.

Podia referir-se ao José Antonio Pereira, que passava por moço de muito bons costumes, mas tinha lá as suas mazelas em casa. Podia contar que o Neves Barriga tinha um serralho no sitio do rio Urubús, e que por isso não queria saber da villa, onde o chamavam os seus deveres de camarista. Que o Valladão, o subdelegado, prendia por dinheiro os negros fugidos, fazendo-se capitão do mato. O fiscal merecia bem boas sovas pelo estado das ruas que a Camara o incumbira de zelar, e sem sahir das raias do interesse publico, que elle, como escriptor publico, devia e podia superintender, tinha muito que dizer da Camara, e especialmente d'um certo vereador João Carlos, que' estava quasi sempre na presidencia, porque o Neves não gostava de deixar o serralho.

Do Costa e Silva, apesar de amigo, poderia afirmar que pregava de vez em quando o seu carapetão ao *Diario do Grão-Pará*, porque tinha a imaginação exaltada e era duma credulidade de caboclo. E o proprio collector, o grave e pretencioso capitão Fonseca não ficaria muito livre de culpa, se o Fidencio quizesse referir-se a certas cousas lá da collectoria que o escrivão Pereira lhe contara muito em confiança . .

Mas a dura experiencia do passado . . .

Passara vicissitudes terriveis por causa d'aquelle geito que tinha para a critica e o sarcasmo. Consequira, por um grande esforço de prudencia, fugir á tentação em que a falta de assumpto o ia despenhando.

Por isso, contentara-se com escrever generalidades contra o clero todo, contra a doutrina da Infallibilidade, e especialmente contra os *homens do hespanhol Ignacio de Loyola*, entremeadas de censuras ao Bispo por deixar tanto tempo sem pastor espiritual uma população catholica, o que provava, escrevera elle ao *Democrata*, que a salvação

das almas não era a preocupação principal desses senhores de Roma.

Mas que se importava a gente de Silves com o hespanhol Loyola e com os homens de Roma ?

O que ella queria era a bella da descompostura a gente conhecida, a referencia directa a pessoa do lugar.

A' chegada de Padre Antonio de Moraes o espirito de luta accendera-se novamente no cerebro do Xico Fidencio. Escovara a opa encarnada e aguçara os adjectivos. A presença do novo vigario parecia prestar-se á critica que invocasse a humildade christan, o desapego dos gozos mundanos, de que os primeiros apóstolos deram prova. Desd'o dia do desembarque solemne, em que a sua pilheria irritante provocara a má vontade dos figurões, Fidencio não poupara allusões á batina nova, ao penteado, á cara bem rapada, aos punhos engommados do *senhor vigario*.

Mas o diabo era que elle, Francisco

Fidencio Nunes, não podia ir além d'essas allusões.

Chegou novamente á porta do corredor e gritou para dentro, em voz de caixeiro de botequim:

— Olha esse café que saia!

— Já vai, *seu* Xico. E' o diacho da lenha que está muito molhada, respondeu do fundo da cozinha a voz arrastada da Maria Miquelina.

— Pilulas, até a lenha!

Fidencio entrou na alcova, pegada á sala, e sahiu logo depois, abotoando-se.

A chuva diminuíra, mas o ceu estava todo alvacentos, empastado de nevoeiros. A humidade do ar penetrava pela janella aberta, esfriando a temperatura e causando ao professor uma sensação de arrepio, levantando-lhe pela raiz os pellos da epiderme. A luz escassa do dia dava aos objectos uma coloração desmaiada que lhes confundia os contornos. As linhas perdiam-se n'uma obscuridade vaga, ondulante. O preto sujo da velha pindoba do tecto pesava sobre a

sala, acaçapando os moveis e os quadros. Do chão humido levantava-se um cheiro a bolor e a ponta de cigarros, insipido e fastiento. A gallinha de pintos fôra-se pelo corredor fóra, a passos lentos, catando o pavimento, cacarejando. O pio dos pintainhos irritava os nervos.

Fidencio olhou vagamente para o tecto, para as paredes, para os moveis, indeciso, abstracto, mettendo a mão entre o cós das calças e a camisa para acariciar o figado. As paredes brancas, d'um branco sujo, apertavam-no. O retrato de Saldanha Marinho morria no quadro de madeira preta, na tinta pardacenta da lithographia ordinaria, salpicada de excremento de moscas. Mais abaixo o *Sonho de Pio IX*, salientado pelo dourado velho da moldura, degenerava n'uma confusão de pernas largas e de seios pontudos, de taças redondas e de flores chatas, de batinas e coroas n'um plano só, sem perspectiva. Do outro lado Ganganelli, entre as quatro obreias verdes, na alvura duvidosa do papel de impressão, erguia a

mão sem vida segurando os raios pontificaes, longas linhas tremulas e quebradas, a crayon, para fulminar a Companhia, representada por um Padre moço e barbado, mas muito branco, barba tesa e braços enormes, parecido com D. Vital. E por baixo, a custo, apparecia, na meia tinta, a legenda, em versaes gastos, mal impressa e incorrecta: O PAPA CLEMENTE XIV EXTINGUE A COMPANHIA DE JESUS. VIDE O TEXTO.

Na parede da esquerda, proximo á porta da rua, o cabide parecia sustentar a custo o velho chapéu de pelle de lebre, o velho guarda-chuva côr de pinhão e a opa do Santissimo Sacramento, que tinha agora uma apparencia desmaiada, de velho balandrau surrado em procissões e Nossos Paes sem conta; e o candieiro de petroleo lançava do grande bojo de vidro ordinario, faceado, uma luz amarellada e baça, com reflexos esverdeados de azeite de mamona.

Tudo parecia mais velho; as mesas, os tinteiros, os bancos, a cadeira de palhinha. Do chão escuro e fetido, do tecto

negro, das paredes humidas, dos moveis, das roupas, dos contornos de todos os objectos, dos quadros parietaes, dos gestos dos personagens, da sua physionomia dura e chata de figuras mal feitas, vinha como uma emanção de tédio, que ia subindo, espalhando-se pela casa, e depois sahia pela janella, para lançar-se sobre a villa toda, estúpida e molhada.

Fidencio abriu os braços, retorceu-os n'um espreguiçamento, vergando o corpo para traz, desarticulando as mandibulas n'um longo bocejo, e deixou escapar um grito agudo e prolongado que cortou de chofre o silencio do dia. Na casa fronteira abriu-se um pouco a janella de pau pintada de azul, e pela frincha estreita, uma mulher espiou, curiosa.

A Maria Miquelina, equivocando-se, gritou da varanda:

— Já vai, já vai, seu Xico, tenha um *mocadinho* de paciencia.

— Ah, o café! disse o Fidencio, sorrindo.

Resoaram no corredor as tamanquinhas da caseira azafamada.

— Pensei que era o café de João Pinheiro! exclamou quando a mulata appareceu á porta da sala, trazendo na mão uma grande chicara de louça azul, de que sahia um fumo tenue e um odor forte a café quente.

— Que João Pinheiro, seu Xico?

— Não sabes a historia do João Pinheiro, rapaniga!

— Como havera de saber, seu Xico? Só se era o João Pinheiro que matou outro dia o Joaquim Feliciano n'aquelle encontro da beira do lago . . .

— Não, Maria Miquelina. João Pinheiro era um fazendeiro da minha terra, muito conhecido e apatacado.

— Pois como eu havera de saber d'elle, se eu nunca estive lá n'esses Rio de Janeiro . . .

E, intrigada, a caseira collocou sobre a mesa grande a palangana de café, e pôz-se a interrogar o professor com os olhos.

Fidencio começou, narrando:

— João Pinheiro era um fazendeiro apatacado, mas muito amigo de guardar o que tinha. A fazenda d'elle ficava á beira da estrada e era escolhida pelos viajantes para descansarem durante as horas mais quentes do dia, pois era justamente no meio do caminho da cidade . . . da cidade . . . enfim, d'uma cidade para outra. Sempre que chegava algum viajante, João Pinheiro gritava para dentro:

— Moleque, traze café para este homem.

O moleque, lá de dentro, respondia:

— Já, sim, siô.

O viajante ficava com a boca doce, esperando refrescar-se com o cafédorio do João Pinheiro.

Passava um quarto d'hora . . . e nada.

— Moleque, olha esse café! gritava o fazendeiro.

— Já vai, sim, siô.

O viajante, que já estava com a garganta secca de engulir em falso, concebia uma esperança.

Passava outro quarto d' hora . . . e de café, nem lembrança.

— Moleque, vem ou não vem esse café? perguntava o João Pinheiro.

E o moleque:

— Já vai já, sim, siô.

O viajante puxava o relógio, sentindo não ter tempo de esperar que fizessem o fogo.

Passava outro quarto d' hora:

— O' moleque do dianho, então esse marvado café não vem hoje?

— Já vai agora mesmo, meu siô.

O viajante levantava-se e despedia-se, farto de esperar.

— Este dianho de moleque, dizia o João Pinheiro, apertando a mão ao hospede, este dianho de moleque é assim mesmo.

E acrescentava muito aborrecido:

— Que vexame sahir V. S. sem beber café!

Montando a cavallo, o viajante ouvia ainda o moleque gritar lá de dentro:

— Já vai, sim, siô.

A Maria Miquelina pôz as mãos nas ilhargas, rindo muito.

— Este diacho de seu Xico tem cada historia! Pois o homem havera de fazer isso mesmo?! Ara tome lá o seu café, que este não é do João Pinheiro.

Fidencio sorveu o café, gole a gole. Depois a caseira voltou para o seu trabalho, e o professor foi procurar alguma cousa que ler. Era preciso matar o tempo.

Accendeu um cigarro, abriu uma gaveta e procurou entre varios folhetos de diversas côres e tamanhos um que lhe dêsse vontade de reler. Eram pamphletos anticlericaes, com titulos promettedores: *Os Jesuitas desmascarados. A Maçonaria e a Companhia de Jesus. Os Jesuitas*, simplesmente. *As astucias de Roma. A questão religiosa. A Igreja e o Estado. O Jesuita na garganta*, scena comica. *Os Lazaristas. Recurso á Coroa* . . . uma infinidade! Todos com pseudonymos: *Ganganelli, Sebastião José de Carvalho, Fabio Rustico, Um livre pensador, Um verdadeiro catholico, O velho catholico, o*

Padre Jacintho, Jacolliot . . . o diabo! Obras de erudição, discursos declamatorios, pamphletos virulentos, de escacha-pecegueiro, que trituravam, moiam e reduziam a pó a Igreja, o Papado, os Bispos e os Homens de roupa, pondo em pratos limpos, com segurança indiscutivel, a historia da Papisa Joanna, os crimes dos Borgias, os horrores da Inquisição e os sophismas audaciosos do Sr. D. Antonio. Alli, n'aquelles folhetos, discutia-se com lucidez e verdade a questão religiosa! Faziam-se estatisticas, enumeravam-se as victimas da inquisição na Hespanha, as mortes da noite de S. Bartholomeu, em França. Mostrava-se o que era Roma, explicavam-se as patifarias dos Cardeaes, sommavam-se os milhões roubados pela Companhia de Jesus. Não havia fugir. Estava alli provado, perfeitamente provado, e o que os Padres respondiam eram sophismas.

Fidencio tomou um dos folhetos, grande, massudo, de capa amarella e typo doze. Intitulava-se: *A monita secreta*, por *Um*

antigo Jesuita. Era incrível o que aquelle livro dizia. Era um horror!

Francisco Fidencio foi buscar á mesa grande o *Magnum Lexicon*, collocou-o sobre a extremidade d'um dos bancos, para lhe servir de travesseiro.

Deitou-se no banco, ao comprido, trançou as pernas, tirou uma fumaça do cigarro e abriu o pamphleto, murmurando:

— Patifes!

Um livro assim é que elle queria ter escripto. Quizera ter sido jesuita, conhecer todos os segredos da Ordem, apanhar-lhe as manhas, e depois vir a publico, com uma coragem extraordinaria, pôr pela imprensa todas aquellas bandalheiras a nú.

Um dia ainda reuniria em folheto as suas correspondencias, formaria um folheto como aquelles, de capa de côr, com o titulo pomposo em letras gordas e com um pseudonymo. O seu pseudonymo seria: o *Padre Kllé*. Era d'arromba! Ninguem ficaria serio, lendo-o. O diabo era não haver em Silves uma typographia!

Esta idéa de publicar um livro, de ver os seus artigos reunidos em folheto, com capa e frontespicio, enraizara-se-lhe no cerebro, enquanto percorria distrahidamente as paginas do pamphleto que tinha nas mãos, sem entender o que lia. Que prazer seria o seu! Podia vir a ser citado—o autor do livro tal . . . o espirituoso e erudito *Padre Kllé* (pseudonymo) . . . um escriptor de pulso que zurze desapiedadamente os Padres . . . O livro podia ser intitulado *Carapuças romanas*, por exemplo, ou então podia ter um nome pomposo: *Os Vampiros Sociaes* ou simplesmente *Os abutres*.

E logo lhe parecia estar vendo o folheto *in octavo*, bom typo, papel assetinado, capa verde, com o seguinte frontespicio apparatuso:

OS ABUTRES

PELO

PADRE KÉLÉ

187.

MANÁOS

TYP. DO «DEMOCRATA»

E n'uma prosa fluente, argumentação serrada, vigoroso estylo e linguagem castigada, um pamphleto mordente e verdadeiro, contando as bandalheiras inqualificaveis do vigario de Silves, reproduzidas das correspondencias do *Democrata* e entremeadas de citações latinas, de apostrophes vehementes a Roma e ao Senhor Bispo, de exclamações bombasticas e de calemburgos de fazer rir as pedras.

Padre José ficaria bem sovado . . . mas o diabo era que Padre José estava morto, e o Xico Fidencio não gostava de dar em defunto. Demais, o que escrevera sobre o fallecido vigario não era sufficiente para dar um livro de cento e vinte paginas, pelos menos.

O bom era sovar tambem a Padre Antonio de Moraes.

Fidencio largou o pamphleto e pôz-se a scismar, achando a idéa impraticavel.

O finorio do Padre era irreprehensivel. A sua vida simples e clara não se prestava á critica!

Fidencio procurava analysar, por miúdo, a vida do novo vigario de Silves, rebuscando no intimo dos factos algum symptoma de fraqueza ou de hypocrisia. Recapitulando, nada lhe escapava.

O Padre levantava-se cedo, ás seis horas, lia o breviario e passava a dizer missa. Depois da missa, confessava, e ao sahir, no adro, palestrava com os homens, indagando da saúde de cada um, muito cortez, dando conselhos uteis de hygiene privada. Terminada a aula de religião que dava aos meninos, recolhia-se a concertar com o lorpa do Macario sacristão sobre as necessidades do culto. Jantava ás quatro horas, sahia a dar um breve passeio pelos arredores da villa, a espairecer, sempre serio, de olhos baixos, compenetrado do dever de dar o exemplo da sizudez e da gravidade. Voltava ás seis horas, ao toque de Ave Maria, descoberto, passeando lentamente, recolhia-se ao quarto a ler o breviario. O Macario, victorioso e nescio. sahia á porta, ardendo por dizer a toda a gente que S. Revdm.^a estava em casa estudando.

Os baptisados e casamentos, atrazados um semestre, um ou outro enterro, achavam-n'o sempre prompto, nada exigente quanto a propinas, observando com affectado escrupulo o tabella do bispado, e fechando os olhos á qualidade maçonica do padrinho, do defunto ou do nubente.

O proprio Xico Fidencio, para o experimentar e fazer escandalo, servira de padrinho a um rapazito do Urubús.

Padre Antonio acudia com os ultimos sacramentos a qualquer doente, por mais pobre e desamparado que fosse, levando-lhe o Nosso Pai com um cerimonial vistoso, ao toque dos pequenos sinos da Matriz e ao som da cantoria roufenha e monotona dos beatos, o Fonseca, o Valladão, o João Carlos e outros, que appareciam ao primeiro signal e corriam a disputar as cruces e as lanternas com que haviam de formar o acompanhamento. Fidencio, envergando a opa encarnada do Santissimo Sacramento, lá seguia atraz, de tocheiro em punho. E Padre Antonio, embrulhado na capa magna,

apertando o Viatico contra o peito, em attitude de unção e respeito, caminhava lentamente sob o pallio, solemne e absorto, alheio ao que se passava em derredor, como um homem que consigo levava um Deus. Na frente, o Macario badalava.

Na encomendação dos finados, a sua voz sympathica tinha modulações melancolicas, repassadas d'infinita saudade, como se aquelle morto tivesse em vida occupado o seu coração e o seu espirito, ou como se, ante o terrivel nada da morte, uma dor latente lhe mordesse o peito, fazendo sentir a nullidade da existencia d'esse verme pretencioso que se chama o homem . . . Havia talvez em tal melancholia o profundo desalento de quem se sabia sujeito áquella mesma transformação hedionda da morte, apezar do apego á vida do moço de 22 annos, que a philosophia tremenda do *memento* contrariava cruelmente . . . Mas o povo, fanatisado pelos homens de roupeta, não via na commoção do vigario senão mais uma prova da bondade de S. Revdm.^o, do

modo cabal por que sabia desempenhar os deveres do seu cargo, compenetrando-se do papel que tinha de representar. Não seria Padre José, sempre alegre, barulhento, caçador e pandego, que se mostraria assim pezaroso da morte d'um seu parochiano!

O espertalhão do Padrezinho, pensava Fidencio com uma admiração involuntaria, soubera tornar-se o objecto exclusivo da attenção e curiosidade de toda a população de Silves e dos arredores. A fama chegara a Serpa, fôra a Maués, voltara pelo Amazonas acima até á cidade de Manãos. Nunca n'aquella redondeza se vira um vigario assim tão compenetrado dos seus deveres, tão serio, affavel e pontual. Deante d'elle os homens modificavam a sua linguagem habitual, falavam em cousas serias, em pontos de doutrina christan, cheios de respeito. O ardor maçonico esmorecia, apezar dos esforços em contrario tentados por Francisco Fidencio Nunes. As qualidades moraes que o parochico affectava provocaram uma reacção favoravel no espirito

d'aquelle povo indifferente em materia religiosa. O professor Annibal Americano Selvagem Brasileiro, concertando os oculos de tartaruga e cuspindo longe, falara em fundar um jornal que defendesse os interesses da Igreja e doutrinasse os tapuyos dos sitios do Urubús e adjacencias. Devia chamar-se a *Aurora Christan* e publicar-se de quinze em quinze dias, com dois mil réis de assignatura trimensal. A difficuldade estava em arranjar a typographia, custava um dinheirão, era preciso abrir uma subscrição popular, ninguem que se sentisse com crenças religiosas seria capaz de negar o seu obulo, e podiam pedir o auxilio da Caixa Pia e da Camara Municipal, concorrendo esta com cincoenta mil réis por anno para a publicação das actas. O João Carlos lembrara, por economia, o jornal manuscripto, mas o professor Annibal repellira energicamente a idéa como atrasada e trabalhosa. Queria ler-se em letra de fôrma! Afinal quando se fizera a subscrição para a compra da typographia difficilmente arran-

jaram-se quarenta mil réis. O vigario, consultado, desanimou o Annibal, mostrando-se infenso ao projecto, já pela falta de competencia d'elle vigario para dirigir uma imprensa catholica, já porque não queria alimentar odios e dissensões na sua parochia. Annibal Brasileiro retirara-se enfiado. Deixara d'ir á missa e viera dizer ao Xico Fidencio que a lembrança que tivera não passara d'uma pilheria, d'um meio de experimentar o ardor religioso d'aquelles beocios que andavam todos os dias a falar em catholicismo. Mas Fidencio bem o conhecia, para cá vinha de carrinho o tal Sr. Annibal!

Este ultimo acto de Padre Antonio de Moraes agradara muito ao Xico Fidencio. Padre Antonio mostrava ser homem de juizo.

O mallogro da tentativa do professor Annibal não destruiu os resultados das palavras e acções do novo vigario de Silves. A missa de todas as manhans era bastante concorrida, á ladainha da noite ninguem faltava, os Nosso Pai nunca sahia sem numerozo acompanhamento. As creanças cor-

riam a instruir-se na doutrina do catecismo do Bispado, as devotas confessavam-se, os casamentos amiudavam-se, fazendo diminuir as mancebias . . . Tudo se encaminhava para a reforma que Padre Antonio pretendia fazer para gloria de Deus e desempenho do *honroso encargo que lhe fôra confiado por S. Exc. Revdm.*²

Em taes condições, com um Padre como aquelle, que se dava ao luxo de ser impeccavel, que faria, que escreveria Fidencio, como comporia o seu bello folheto de cento e vinte paginas, com capa verde e frontespicio pomposo? Um mez era decorrido, um longo mez de observação, de analyse, de estudo, e os seus ataques contra o Padreco catita e apelintrado não tinham ainda podido ir além da batina nova, do penteado, dos punhos engommados e dos olhos baixos de Padre Antonio de Moraes. Era pouco para um folheto de cento e vinte paginas!

Um relógio da vizinhança bateu duas pancadas argentinas. Francisco Fidencio

arremessou contra a parede o folheto que não lia e que esparralhou pelo chão as folhas soltas.

A chuva cessara, mas o ar estava ainda muito carregado de vapores aquosos. Uma restea de sol, muito tenue, penetrava, avivando n'um ponto o encarnado da opa do Santissimo. As tamanquinhas da Maria Miquelina faziam-se ouvir no corredor.

— Quando vuncê quizé jantar, seu Xico, a janta está quasi prompta.

— Maria Miquelina, disse Fidencio, muito serio. O tal Padrezinho ou é um santo ou um refinadissimo hypocrita.

A caseiro contestou:

— Ara, *seu* Xico . . .

— Pelo sim, pelo não, exclamou Fidencio erguendo-se, n'uma resolução assentada. Pelo sim, pelo não, vou passar-lhe uma *descalçadeira*.



CAPITULO IV

Macario, aquelle dia, em alegre, anciedade, accendia uma a uma as velas de cera amarellada do altar-mór, fazendo ranger sobre os degraus as botinas de bezerro, lustradas de fresco. O peso da comprida sobrecasaca de lustrina, cahindo-lhe com solemnidade sobre as curvas, impedia-lhe a liberdade dos movimentos e continha o intimo alvoroço que o possuia, forçando-o a manter a calma e decente gravidade das cerimoniaes.

Pelas altas janellas envidraçadas do templo penetrava uma luz risonha que avivava os dourados, amortecendo a claridade das tochas dos outros altares, já accesas,

e das placas das paredes. Um ar alegre vinha do largo da Matriz, entrava pela nave da Igreja, envolvia os santos, os altares e os bellos festões de flores naturaes que, n'aquelle dia, ornavam o milagroso altar de N. S.^a do Carmo. Das luzes crepitantes dos tocheiros exhalava-se um cheiro forte de cera oleosa e ordinaria, derretida ao fogo, e do chão subia o odor dos velhos tijolos empoeirados, humidos da recente lavagem.

Um primeiro repique dera o signal da missa, e as ultimas vibrações do bronze bem fundido echoavam ainda nas matas da outra banda.

Macario desceu do altar com a grande vara do accendedor na mão, e, depois de dobrar os joelhos por um instante sobre o primeiro degrau, gozou o effeito encantador dos pingos luminosos das velas dispostas em trapezio, subindo até ao oratorio do Christo Crucificado.

Em seguida dirigiu-se para a porta da entrada, saudando com outra genuflexão o

altar de N. S.^a do Carmo, resplendente de flores e de luzes.

A' porta parou um instante, ergueu a cabeça para a torre e gritou:

— Toca segunda vez, José, que já é tempo.

Os sinos repicaram, espalhando no ar alegres notas argentinas. Homens e mulheres aproximavam-se da Igreja, vindo dos quatro angulos da praça, com roupas de festas, a passos apressados, para escolher o melhor lugar.

Macario, de pé, á porta, de cabeça descoberta, mergulhava o olhar nos grupos, esforçando-se por disfarçar a alegre anciedade que o possuía.

Era um domingo. Aquella gente que se aproximava vinha á missa, mas era principalmente attrahida pela cerimonia que devia seguir o Santo Sacrificio. Casava-se uma sobrinha do Neves Barriga com o filho d'um fazendeiro do Urubús. N'aquelle dia, em pleno mez Mariano, além da missa con-

ventual, celebrava-se um casamento de gente rica.

Mas para o Macario, havia alguma cousa mais, que o trazia alvoroçado e ancioso, havia um segredo, que elle gosava desd'a vespera, e que o impedira de dormir a somno solto, conforme era de tradicional costume . . . Em toda Silves, só elle, Macario de Miranda Valle, sabia o que se ia passar por occasião do casamento do Cazua Bernardino com a sobrinha do Neves Barriga, presidente da Camara Municipal. S. Revdm.^a confiara-lhe o segredo, pela muita confiança que n'elle depositava.

Por isso, desde muito cedo, Macario, auxiliado soffrivelmente pelo José do Lago, aceara a Igreja, preparara tudo para a missa e para a cerimonia nupcial. A Igreja fôra bem varrida, haviam-se queimado muitos ninhos de cabas e espannado os altares, as grades, o pulpito e os bancos. Renovaram-se o vinho e a agua das galhetas—um vinhito branco e cheiroso que o Felippe do Ver-o-pezo mandava do Pará, por obsequio,

e que desaparecia da garrafa da sacristia com uma rapidez incrível. Macario desconfiava da concorrência de José do Lago, um troca-tintas que aprendia com o Xico Fidencio, e nada fazia que prestasse. Abrira a caixinha das hostias e verificara que estava bem sortida. Já não eram as hostias molles e amarelladas, sabendo a bolor, de que usava o defunto vigario. Viera provisão nova de laminas finas, duras, alvas, de farinha torrada, parecendo obreias, e o hostiario era reluzente e bello, um rico mimo que o Reitor do Seminario grande do Pará fizera a Padre Antonio, por intermedio do mesmo Felippe. Depois Macario tirara fóra da commoda os ricos paramentos sagrados de S. Revdm.^a, tudo novo e bonito como Silves nunca vira. A capa-magna sahira da gaveta para pôr-se em evidencia sobre a commoda, porque tinha de servir aquelle dia, na cerimonia do casamento. S. Revdm.^a fazia aquella distincção á noiva, por causa do Neves Barriga, que o recebera muito bem quando chegara a Silves, já lá se iam tres mezes.

Feito o serviço da sacristia, Macario mandara o malandro do José do Lago para a torre, e começara a accender as velas, depois de envergar a sua querida sobrecasaca de lustrina, companheira da capamagna do senhor vigario nas cerimonias religiosas.

E agora, á porta da Igreja, vendo chegar o povo em fato domingueiro, Macario sentia crescer-lhe a anciedade, desejando ardentemente apreciar o effeito da surpresa preparada por S. Revdm.^a, cujo segredo só o Macario possuia e de cujos inevitaveis resultados — Macario estava seguro, — Silves colheria moralmente as maiores vantagens.

Porque a villa, forçoso era confessal-o, não correspondia aos esforços tentados por Padre Antonio de Moraes — e por Macario — para a regeneração d'aquelle povo indifferente e apathico em materia religiosa. E com isso, Macario ficava desesperado, posto que, pessoalmente, não tivesse razões de queixa, e nunca, na sua pobre vida de sacristão d'aldeia tivesse sido mais feliz.

Padre Antonio tratava-o com toda a consideração e estima, tornara-o depositario da sua confiança e ouvia-o sempre sobre os detalhes do serviço da parochia. Macario sentia-se outro, aprumava melhor o corpo, falava mais alto. Para corresponder á delicadeza de S. Revdm.^a, desenvolvera um grande zelo pelos negocios a seu cargo, e até gostava de estimular o ardor do vigario, quando o via mais soçegado, com uma vaga sensação de fadiga. Padre Antonio era moço e inexperiente, afinal de contas, precisava d'um amigo sizudo e pratico da vida, que o não deixasse esmorecer na ardua tarefa de que se incumbira. Macario, reconhecia-o sem basofia e sem *machavilismo*, fôra esse amigo necessario.

Era preciso estar a pé muito cedo para a missa de todos os dias, não esquecer a hora do catecismo, não faltar a um enterro, não fazer esperar os padrinhos d'um baptisado. Era necessario imaginar combinações para melhorar o templo, para adquirir o indispensavel ao desempenho das cerimonias

religiosas e regularisar o serviço. Padre Antonio era um santo, não havia duvida alguma, mas se não fosse o Macario . . .

Diversas pessoas entraram, saudando á passagem :

— Bom dia, *seu* Macario,

— Ara Deus lhe dê muito bons dias, seu Macario.

Macario fez um porta-voz com a mão e gritou para a torre:

— Toca a terceira, José do Lago.

Os sinos recommçaram a repicar, e o povo augmentou á porta da Igreja. Por emquanto era só o povo miudo: tapuyos de camisa branca e de cinta encarnada, cabadas de camisa de rendas, pretas velhas de lenço branco á cabeça e de saias de chita pirarucú. Não havia ainda nenhuma pessoa de consideração. Ao longe, a um canto da rua, via-se um grupo formado pelo professor Annibal, pelo Mappa-Mundi e pelo Costa e Silva. Mas não pareciam ter vontade de vir á missa.

Macario entrou na Igreja, foi postar-se á

O MISSIONARIO. 12

porta da sacristia para esperar o vigario. Em meio da nave, sobre os tijolos ainda humidos, mulheres do povo sentavam-se, cochichando :

— Ah! se eu não fosse, pensava o sacrista continuando nas suas cogitações, se não fosse o *machavilismo*, as cousas estariam peiores do que estavam. Padre Antonio de Moraes poderia bem arrumar a trouxa, apesar de ser a perola dos Padres, um homem que era uma cousa espantosa! Mas, franqueza, franqueza, não tinha pratica da vida. Macario tomara a si substituir a S. Revdm.^a nos seus impedimentos, fazendo aquillo que elle devia fazer, escondendo quanto possivel as suas pequenas faltas nas relações com os freguezes para que estes não desconfiassem. Recebia as pessoas que procuravam o senhor vigario, dizia que S. Revdm.^a teria muito pezar quando soubesse; depois aconselhava a pessoa, dando a entender a verdade, que, sem o seu auxilio de sacristão, nenhuma pretensão era satisfeita. Se uma devota enviava algum

presente, uma toalha para o altar da milagrosa Senhora do Carmo, ou o azeite para a lampada do Santissimo, quem ia á casa da devota agradecer por S. Revdm.^a o presente e dizer que S. Revdm.^a enviava a sua benção para que N. Senhor lhe restituísse em centuplo o que dera á Igreja? Era Macario que de motu proprio usava do pequeno *machavilismo* para não deixar esfriar a cousa, porque ia notando que Padre Antonio estava ficando muito concentrado, e que tal ou qual afastamento começava a dar-se entre o pastor e as principaes ovelhas.

Uma vez dissera Xico Fidencio n'uma roda, ao balcão do Costa e Silva, que a confissão era o grande meio de que se serviam os jesuitas para conhecer todos os segredos do lar e poder com elles governar o chefe de familia. Esta historia de confissão, a que o povo não estava habituado, porque Padre José não confessara nunca, levantara uma grande celeuma.

— Não faltava mais nada, exclamara o Costa e Silva um domingo, aguardando

a entrada da missa, não faltava mais nada do que admittir que minha mulher vá contar ao senhor vigario o numero de beijos que lhe dou por noite. Ora essa é boa! Sou catholico, e dos bons, mas n'isso de confissão não acredito.

Segundo o capitão Manoel Mendes da Fonseca, as confissões traziam, ás vezes, a desunião da familia, e o professor Annibal Brasileiro affirmara haver certo Bispo ordenado aos confessores que indagassem das suas confessadas donzellas se já haviam peccado contra a castidade, com quem, quantas vezes, se por amor ou por vadiação. Um horror!

Macario reconhecia; lá isso tambem era de mais, não seria um Padre tão santo como o senhor Padre Antonio que faria cousa tão indecente e mal cabida, Ainda se as perguntas se fizessem á moça com certo machiavelismo, encobertamente, vá. Mas crúa e nuamente: Minha filha, peccou contra a castidade, diga com quem, quantas vezes peccou, foi por amor, foi por va-

dição? Safa, que o tal Bispo era de força!

Mas não era sómente a confissão a indispor o povo de Silves contra um Padre tão santo como o senhor vigario. A missa diaria fatigava a população, acostumada a ouvir missa aos domingos, quando muito, se o permittia a mandrúce d'aquelle pandego de Padre José. A missa aos domingos era uma distracção salutar. Mas agora todos os dias, cansava seu bocadinho. A Igreja já ia ficando deserta, sob pretexto de que o santo sacrificio se celebrava em horas de trabalho. O professor Annibal Brasileiro, que desd'o mallogro da *Aurora Christian* não ouvia missa, conseguira chamar para o seu lado o *Mappa-Mundi*; este não podia aguentar por um bom quarto d'hora a cerimonia, de joelhos, sobre os tijolos esburacados da Igreja. Os dois, inspirados evidentemente pelo tratante do Xico Fidencio, começaram a contrariar subterraneamente a obra de regeneração encetada por Padre Antonio, aconselhando aos homens o cuidar

mais do seu trabalho do que de carolices e ás mulheres o olhar mais para a sua casa. Eram uns verdadeiros atheus aquelles dois sujeitos, dignos de ir em companhia do Xico Fidencio para as caldeiras de Pedro Botelho.

Até os meninos ja gazeavam a aula de catecismo, aproveitando o relaxamento dos pais receiosos da despeza dos sapatos e da roupa de brim. Um cansaço geral invadia a população, acostumada á indifferença religiosa. Tudo pezava, tudo era constrangimento, principalmente para as pessoas gradas, senhoras, havia muitos annos, de fazer tudo quanto lhes convinha. Pois se Padre José regera a parochia durante vinte annos!

Da parte das mulheres operava-se um grande retrahimento. D. Eulalia, a mais ardente entusiasta do vigario, havia muito que sahira, acompanhando o marido que, decididamente, não sacrificava aos seus commodos os cherimbabos da mulher. Mas

esta, contara a parenta pobre, na occasião da partida dissera de mau humor:

— Arre tambem com tanto cherimbabol!

D. Cyrilla, pela aversão que o capitão Mendes da Fonseca, o collecter, ganhara á confissão, graças ás tramoias do patife do Xico Fidencio, deixara a freguezia do engommado, e mettia-se em casa, não vinha á Igreja senão muito raramente.

D. Prudencia esperara succeder a D. Cyrilla, mas como a freguezia da roupa fôra dada a uma tapuya velha, convencera-se de que era a Luiza Madeirense a engommadeira do vigario, e estava louca de ciumes, apesar dos protestos do Macario, que jurara pela castidade de S. Revdm.^a, porque, realmente, homem assim Macario nunca vira. Era uma cousa espantosa!

D. Dinildes, a irman do Mappa-Mundi, tivera ordem expressa do irmão para se não confessar. Resistia ainda, coitada da devota, mas teria talvez de ceder á imposição fraterna.

Abria-se um vacuo em torno do moço vigario, e elle pela inexperiencia do mundo, augmentava a gravidade desses symptomas, resentindo uma hostilidade surda por parte das pessoas gradas, d'aquelles mesmos figurões que se tinham apresentado a recebello a bordo com tantas mostras de estima e de respeito. Mas Macario, que não era tolo e tinha muito conhecimento dos homens e das cousas, comprehendia bem aquella má vontade. A vida immaculada de Padre Antonio de Moraes castigava os desregramentos dos homens influentes. Elles tinham saudades d'aquelle vigario pandego, cujos habitos folgasões, francos e livres deixavam toda a gente viver á sua vontade, sem constrangimentos nem hypocrisias. O que as pessoas gradas queriam era um vigario como Padre José ou como Padre João da Matta, o vigario de Maués, que morrera no principio do anno no sitio da Sapucaia, em ignorado sertão, nos braços d'uma mame-luca linda como o sol.

Chegara a epoca da colheita das castanhas, e a villa começava a ficar deserta.

O vereador João Carlos, apesar da sua intimidade com o collecter, partira com a familia em busca dos castanhaes sombrios. Muitas familias, preocupadas com os arranjos da viagem, esqueciam os deveres religiosos, e pouco a pouco fôra Padre Antonio ficando reduzido a dizer missa para meia duzia de tapuyas velhas, a confessar algumas negras boçaes e a doutrinar alguns meninos pobres, de infima classe, sujos e quasi nús. Macario andava desesperado, sahia fóra do serio. Tudo aquillo era obra do Xico Fidencio, atheu que, se fosse a tempo da Inquisição, já estaria reduzido a cinzas.

O collecter, com o seu modo grave, defendera o povo, assegurando ao Sr. Macario que a fé não diminuiria, todos estavam contentes com o senhor vigario, a população de Silves era muito religiosa, mas que, enfim, não se podia perder o tempo proprio para a colheita das castanhas n'aquelle anno, estavam dando um dinheirão.

— O Elias, accrescentara, acariciando

a barba, escreveu-me a esse respeito. Pedi-me que lhe mandasse toda a castanha que se pudesse obter, porque os preços estão muito bons. Posso pagar até vinte mil réis. Já vê o Sr. Macario que a população de Silves não deve perder uma occasião tão boa. Demais, sou exactor da fazenda geral e provincial. Como funcionario publico, o meu dever é animar o commercio e a industria, para favorecer o desenvolvimento das rendas do Estado e da Provincia. Isto disse-me outro dia o presidente que é um cavalheiro distincto e muito boa pessoa. Sem castanhas e sem pirarucú, sem oleo e sem cacau, os cofres ficariam exhaustos e onde iria parar o Estado? O Estado antes de tudo, Sr. Macario, porque o Estado somos todos nós. Não digo que não se seja religioso, isso não! A religião é uma cousa necessaria ao povo. A religião é um freio, não ha duvida, eu o reconheço, mas enfim, concluiu com ironia fina, sorrindo discretamente na espessa barba negra, a religião não produz castanhas, e sem castanhas não ha impostos.

Macario tivera vontade de responder-lhe que se a religião não produzia castanhas, era Deus quem fazia os castanhaes, e sem castanhaes não havia castanhas. Mas o respeito que o habito lhe dera pelo capitão Fonseca, a pessoa mais importante e de mais consideração na villa, obrigara-o a calar-se. Mas não que as bichas pegassem. Macario não se convenciam! Achava aquillo mal feito, ninguem lhe tirava da cabeça que era obra do Xico Fidencio pois, na ultima correspondencia para o *Democrata*, depois de criticar os olhos baixos e o falar suave de Padre Antonio de Moraes, dissera que os castanheiros estavam carregados aquelle anno, e que tolo serio quem ficasse em Silves a papar missas, quando podia fazer uma fortuna com o trabalho de levantar castanhas do chão.

Padre Antonio parecia francamente descontente. A sua voz echoava no templo vazio, e talvez desanimasse se Macario não estivesse sempre á beira d'elle, falando, entusiasmado-o, lembrando expedientes.

O casamento da sobrinha do Neves Barriga estava marcado para a segunda domingo de Maio, depois da missa. S. Revdm.^e tivera uma idéa luminosa que confiara ao sacristão, e este approvava muito. E esse segredo, essa surpresa que, com o seu consento e assentimento, se preparava ás pessoas gradas, enchia-o de alegre esperanza. Tanto elle, como Padre Antonio, confiavam muito no effeito desse machiavelismo, para chamar o povo de Silves á antiga devoção.

A Igreja já estava cheia, e o factó era de bom agouro. Havia muito tempo, um mez talvez, que a Igreja, mesmo aos domingos, ficava a meio vazia. E desta vez não era só a gente miuda. O Neves Barriga com a mulher e a sobrinha acabavam de chegar, o Neves de sobrecasaca e calças pretas, lustrosas, antigas, mas de panno fino, um grande lenço preto a endurecer o pescoço, obrigando-o a trazer erecta a cabeça, pondo a plena luz a cara de carneiro manso, com as ventas atonetadas de Paulo Cordeiro. D. Eulalia, de vestido de

de nobreza amarella, tinha sobre a testa estreita dois largos bandós postiços que a punham atrapalhada e vesga. A sobrinha, a D. Mariquinhas — Maria das Dores das Neves Pamplona, chamava-se ella, toda enfiada, arrastava nos tijolos do pavimento o seu vestido de noiva, branco, ornado de flores de laranjeira, e mordía, para disfarçar, o lencinho de rendas, curvando a cabeça envergonhada, ao peso da coroa da virgindade. Não tardou a chegar o Cazuza Bernardino, acompanhado do pai, Bernardino de Sant'Anna, fazendeiro do rio Urubús, todo vestido de preto, como o Neves, mas de roupa menos fina e mais velha.

O noivo era um rapaz esperto, direito, bem apessoado, largo peito coberto pela farda de botões dourados, mão grande e callosa, empunhando os copos da bonita espada prateada. Muito moço, vinte e dois annos, quando muito, e já era tenente da Guarda Nacional. Ha dessas felicidades inexplicaveis! pensava Macario, olhando, como toda a gente, para o brilhante Cazuza Bernardino . . .

Uns passos ouviram-se de leve na sacristia. Era o vigario silencioso e triste na sua batina negra.

Está tudo prompto? perguntou S. Revdm^a. E com a resposta affirmativa do Macario, encaminhou-se para o fundo da sacristia e começou a vestir a alva.

Macario estava com vontade de perguntar-lhe se persistia na idea de surprehender o povo de Silves, aproveitando a reunião das pessoas gradas na Igreja, para aquillo que havia imaginado. Mas Padre Antonio preparava-se para a missa como se já estivesse celebrando o santo sacrificio. Concentrado, os seus movimentos vagarosos e elegantes tinham a regularidade da disciplina, e a unção da graça que consola. Erguia a miudo para o tecto os olhos semi-cerrados, e com os labios tremulos parecia dizer fervorosa prece. Baixava a cabeça, coroada de cabellos negros, beijava a estola sagrada antes de a cruzar sobre o amplo peito de rapaz robusto, e depois levantando a casula enfiava-a pelo pescoço, continuando

a oração com que se procurava tornar digno do mais santo dos Mystérios.

Macario não se atrevia a dirigir-lhe a palavra. A attitude de Padre Antonio de Moraes infundia-lhe respeito. Como era diferente do defunto Padre José! Como tudo era diverso! As roupas novas, bordadas a ouro, ou rendadas a ponto de labyrinth tinham um brilho que tornava mais miseravel e mais velha a immunda fatiota de Padre José. Os modos, os gestos, os usos eram d'uma elegancia grave e digna. As cerimoniaes vulgares do officio divino assumiam uma nunca vista magestade. Padre Antonio, na vestimenta commum dos celebrantes, parecia um Bispo de pontifical, sereno e radiante na magnificencia sagrada de paramentos regios. Só lhe faltava a mitra!

— Vamos, disse S. Revdm*. pegando no calix coberto com a bolsa da côr dos paramentos, cheia de alvos corporaes bem engommados.

Macario vestiu a opa, tomou o missal

e entrou na capella-mór, seguido por S. Revdm^o.

A missa começou.

— *Introibo ad altare Dei*, annunciou Padre Antonio com a voz commovida e tremula com que sempre iniciava o sacrificio, como se a sua indignidade não se atrevesse a comparecer affoutamente perante Deus Omnisciente e Todo Poderoso.

— *Ad Deum qui letificat juventutem meam*, disse Macario com voz segura e cheia, exprimindo a doce emoção da sua alma, no desempenho da sua occupação predilecta.

— *Judica me, Deus . . .*

O celebrante abaixou os olhos para o quadro preto, e um murmurio confuso lhe sahiu dos labios, no recolhimento fervente da oração, emquanto com os braços entre-abertos, unindo o pollegar e o indicador de ambas as mãos, mostrava o extase da alma suspensa entre o ceu e a terra.

Macario aproveitou a occasião para correr uma olhadella pela Igreja. As sobre-casacas negrejavam, em linha, por traz dos

vestidos apparatusos, de côres vivas. Na primeira fila, os botões do Cazuzo Bernardino brilhavam.

Padre Antonio voltou-se para o povo e disse :

— *Oremus* . . .

Um leve sussurro correu pela nave, um murmúrio de admiração e respeito. A presença do Padre, sympathico e venerando, nas ricas roupas bordadas a ouro, attraheu por instantes toda a attenção dos fieis. Quando o Padre voltou as costas ao publico para rezar a *Confiteor* os olhos em liberdade puzeram-se de novo a admirar o Cazuzo Bernardino e a sua interessante noiva. Macario aproveitou o *Confiteor* para dar outra olhadella. O collecter, de casaca, engastava a figura redonda e barbada na massa escura formada pela primeira fila de homens.

— De casaca! pensou Macario. E' incontestavelmente um homem decente e digno. Sabe como se fazem as cousas. Isto é

que é. Um homem serio deve apresentar-se ás ceremonias decentemente vestido.

E exclamou, curvando-se reverente, attrahido pela sublimidade do Mystério :

— *Misereatur tui Omnipotens Deus, et dimissis peccatis tuis, perducatur te ad vitam eternam.*

Padre Antonio exgotou o *Kyrie eleison*. Terminou a epistola. Macario, mudando o missal para o lado do Evangelho, lançou em cheio a vista sobre o povo de fieis que assistia á missa.

Lá estava o Valladão, esgrouviado e tísico, com o fitão tricolor a tiracollo, o José Antonio Pereira, muito serio, com o guarda chuva e o pequeno chapéu de feltro pendurados das mãos engatadas sobre o baixo ventre. O Costa e Silva lá estava, em devoção fervorosa; o *Mappa-Mundi*, suado e enorme, dando signaes de impaciencia; o Regalado, o Xico Ferreira . . . Silves em pezo, inclusive as pessoas gradas, tinha vindo assistir aquella missa especial para gosar melhor o espectáculo d'um casa-

mento rico. Macario estava contente. Era aquillo mesmo que elle desejava! Queria que estivessem alli todos aquelles devotos descontentes ou arredios, para ter o gosto de os ver vencidos, confessando o arrependimento, no balbuciar humilde da oração.

— *Orate, fratres*, aconselhou o celebrante, voltando-se de novo para os fieis. Houve um ruge-ruge de saias engommadas, e um ruido de chapéus de sol que batiam no chão. O povo ajoelhava.

Padre Antonio lia o Evangelho. Macario voltou-se de tres quartos, e pareceu-lhe que pela fresta da porta lateral, a figura enfesada e biliosa do professor Xico Fidencio espiava.

— Será possível?! murmurou Macario, fazendo esforços para certificar-se da verdade. Sim, não havia duvida. De punhos rotos, seboso e mal vestido, com as botinas sem graxa, o cabelo sem oleo, pequeno e desagradavel, o Xico Fidencio alli estava. O arrojo do professor desnorteava o sacristão. O Xico Fidencio alli, o atheu, o trocista,

o incorrigível Xico Fidencio, era realmente para um homem dar o cavaco! Viessem o capitão Fonseca, o Mappa-Mundi e o Costa e Silva, todos os que haviam protestado contra o dever da confissão, isso era o que Macario desejava. Viesse mesmo o professor Annibal Americano, que jurara não ouvir missa dita por Padre Antonio de Moraes. Apesar de livres pensadores, apesar de desviados da senda direita por onde o vigário os queria levar para o ceu, Macario tinha certeza de que se converteriam facilmente, e para elles se preparava a grande surpresa d'aquelle dia. Mas com o tratante do Xico Fidencio a cousa era diferente. Esse sujeito já estava em vida condemnado ao inferno, era um peccador impenitente. Com elle eram infructiferas todas as tentativas de conversão, o patife tudo mettia a ridiculo. Macario não se podia defender d'um certo respeito supersticioso pela intelligencia maligna e irreligiosa do professor, que tanto amargurara os ultimos dias do defunto Padre

José. O Fidencio era o diabo. Se elle se mettesse a levar a surpresa para o lado da gaiatice, estava tudo perdido. Apezar da confiança de Macario no talento e nas virtudes de Padre Antonio, receava o resultado da luta entre a unção do santo vigario e o sarcasmo do patife que, no dizer de Padre José, fôra expulso do corpo de Permanentes do Pará por maus costumes, *peccados contra a natureza* . . . N'esse combate que se iria talvez travar, d'ali a momentos, ao pé do altar de N. Sr^a. o Padre e o professor representariam os dois principios oppostos, o Bem e o Mal, o Anjo do Senhor e o Inimigo da Alma. Macario estava muito inquieto. A seu pezar não podia tirar os olhos da carinha enfesada de Fidencio, sarcastica e diabolica, por traz da porta lateral da rua. Por que coincidencia fatal, o Xico Fidencio que nunca vinha á missa, se apresentava alli n'aquelle dia quando a sua presença só podia ser prejudicial á salvação de Silves? O segredo da surpresa fôra rigorosamente guardado

por Macario, nem á vizinha o dissera. Teria o Fidencio adivinhado, ou estaria alli só por curiosidade de assistir ao casamento do Cazuza Bernardino? Terrível incerteza que mergulhava o sacristão n'um mar de conjecturas e de receios.

— *Sursum corda*, balbuciou Padre Antonio n'um murmúrio de extase.

Macario já não sabia o que fazia. O demonio do Xico Fidencio viera alli de proposito para o tentar, distrahindo-o do serviço santo. Felizmente Macario estava muito pratico, fazia aquillo todos os dias, e machinalmente, preocupado da subita apparição do correspondente do *Democrata*, mudava o missal, trazia as galhetas, sacudia o thuribulo e fazia genuflexões, como se estivesse todo entregue ao mysterio. Mas no fundo da alma pungia-lhe o remorso d'um peccado, e quando Padre Antonio acabou de ler o Evangelho de S. João, Macario atarantado, esqueceu o *Deo gratias*.

— Estava distrahido, Macario, disse S. Revdm.^a, entrando atraz d'elle pela sa-

crístia dentro, carregando o calix coberto com a bolsa dos corporaes.

— Saberá V. Revdm.^a, que foi uma tentação do demonio, respondeu descansando o missal.

Padre Antonio despiu a casula e a alva, vestiu a capa magna e voltou para a igreja, seguido pelo sacristão.

Os noivos, os padrinhos e os convidados, aproximaram-se. O matrimonio começou a celebrar-se. O Cazuza Bernadino, satisfeito e risonho, acariciava os copos da espada prateada e nova, virgem de combates. A D. Mariquinhas das Dores continuava a morder o lencinho de rendas, corada e vergonhosa, com uma lagrima no canto do olho esquerdo.

Quando Padre Antonio perguntou se fazia gosto n'aquelle casamento com o Sr. Tenente José Bernardino de Sant'Anna, respondeu com voz inintelligivel. Quando lhe tocou a vez o Cazuza Bernardino sorriu e disse com segurança:

— Pois não, Padre mestre, é de todo o meu gosto.

Nenhum dos assistentes da missa se retirara, todos mesmo os que não haviam sido convidados para assistir ao casamento, detinham-se fazendo roda, seguindo com um sorriso vago, os movimentos dos nubentes. O capitão Manoel Mendes da Fonseca, grave e serio, não sorria. O Neves tinha lagrimas, muito commovido. D. Eulalia assoava-se repetidas vezes. O Mappa-Mundi, asphixiado pela multidão, suave.

Quando a cerimonia acabou, o Valladão ao ouvido do Costa e Silva :

— Estão conjugados!

Os noivos abraçavam os parentes. D. Mariquinhas desatara em pranto, abraçada ao pescoço de D. Eulalia offegante. Nunes Barriga, pernas abertas, cabeça pendida, lenço espalmado na mão, sorvia uma grande pitada de Paulo Cordeiro, disfarçando emoção profunda.

— Agora, disse elle para o capitão Fonseca, agora é que o Urubús vai ficar

de todo insupportavel para mim. Por meu gosto mudava-me para a villa. Mas D. Eulalia, coitada, tem muito amor aos cherimbabos!

Os rapazes amigos do noivo vieram logo apertar a mão á noiva e dar um abraço áquelle felizardo. Cazuza agradecia dizendo:

— Olha lá, não fartes ao baile.

Macario procurou o Xico Fidencio, e não o viu. Ter-se-ia ido embora. Seria uma felicidade!

Havia um grande reboiço entre o povo. Preparavam-se todos para sahir, acompanhando os noivos á casa do Bernardino Sant'Anna. Mas Padre Antonio, de simples batina negra e barrete de quina, assomou de subito ao pulpito.

Era a surpresa. Pararam todos. Macario sorrindo, viu o Neves Barriga, o Costa e Silva, o Valladão e o Mappa-Mundi voltarem-se muito admirados. O professor Anibal Americano entrava n'essa occasião, de oculos de tartaruga, de sobrecasaca abo-

toada, muito formalizado. Não quizera faltar ao dever de vir cumprimentar o seu antigo discipulo; na occasião do seu casamento. O professor estacou em meio da nave, contrariado, concertando os oculos.

— E' uma attenção delicada, disse o capitão Fonseca para o Neves Barriga. S. Revdm^a. vai fazer uma pratica sobre o sacramento do Hymineo. E' para agradecer.

O Neves deu a entender com a cabeça que agradecia a attenção de S. Revdm^a.

Mas Padre Antonio de Moraes, descansando o barrete sobre o parapeito do pulpito, tremejou contra a falta de devoção do povo de Silves, condemnando, n'uma eloquencia callida e correcta, o amor do lucro que o levava a abandonar pelos negocios o caminho da salvação, em tão boa hora começado, e desfiou um largo rosario de argumentos colhidos em Doutores da Igreja. Levantando o gesto, e dando á voz entoações lugubres, carregando os supercilios e apertando os olhos, os bellos olhos pretos, para não ver o quadro horrendo que

descrevia aos ouvintes attonitos e surpresos, fez uma pintura viva e colorida das torturas preparadas na outra vida para os que n'esta se descuidam de Deus por amor do mundo. S. Revdm^a. mostrou nada haver de mais contrario ao ensinamento christão, ás eternas verdades da Lei, do que essa ardente pre occupação pelos bens terrenos que levava as suas ovelhas queridas a abandonarem o serviço do Senhor, para irem *na soffrega ambição de ganhar dinheiro*, perverter a alma no ermo dos castanhaes, onde todos os annos se reproduziam scenas muito pouco dignas de gente catholica, apostolica e romana.

— O bem mais precioso desta vida é a tranquillidade da consciencia. E, depois, pausadamente, perguntou com solemne intimativa, com que consciencia se deixava deserta a igreja, despovoava-se o culto santo da Mãe Santissima dos homens pelos prazeres e divertimentos mundanos.

E percorreu os olhos pela nave, por sobre as cabeças apinhadas em redor da

tribuna, nas proximidades do altar-mór. Aquella gente viera, alegre e curiosa, para presenciar um espectáculo agradável, e não sabia como responder á inesperada pergunta, começava a deixar-se impressionar pela suave sombra da igreja, pelo cheiro d'incenso, pelo silencio, pela nobre figura d'aquelle mancebo, vestido de negro, cuja fronte alva e espaçosa brilhava d'intelligencia e cuja voz *sympathica* attrahia os corações.

— Loucos! bradou de repente o Padre, sacudindo as mãos, no desespero de convencer os matutos resistentes. Loucos, não sabeis que a morte não se faz annunciar nunca! E que d'um momento para outro, nas festas dos castanhaes, quando ao balcão contardes os lucros da colheita, e vos entregardes descansados aos ganhos do negocio ou aos prazeres insipidos do mundo, ella vos póde levar para a infinita dôr com a alma cheia de peccados, embalde arrependida!

Aquella evocação da idéa da morte, quando todos se preparavam para os diver-

timentos d'uma festa, e trajando os melhores vestidos, as senhoras desafiavam os olhares dos homens, avidos dos gosos da vida, causou uma especie de arrepio geral, como se um insecto repugnante os perturbasse a todos no repouso commodo do corpo, roçando-lhes a epiderme. O plano formado por S. Revdm^a. surtia bom effeito. Macario estava satisfeito.

Entretanto alguns espiritos fortes, o *Mappa Mundi* e o Costa e Silva protestaram com um gesto e com o olhar contra aquelle recurso empregado pelo vigario. O professor Annibal, que se achava perto do Macario, disse ao ouvido de José Pereira, que no interesse de sua opinião, Padre Antonio não duvidara entristecer os seus parochianos. Era mal feito, principalmente n'uma occasião d'aquellas.

Sem notar o protesto, sem ouvir a censura, com sincera compaixão na voz e no rosto, erguendo os bellos olhos ao tecto escurecido do templo, baixando-os depois para percorrer a nave com um olhar amo-

roso de pai que comprehende a desgraça dos filhos rebeldes, o Padre continuou:

— Ah! meus irmãos, não sabeis que, morrendo em peccado, perdemos a Deus, e que o perdemos para sempre e sem remedio? E quereis, filhos e irmãos amados, arruinar por bens que não são mais do que males, por uma fortuna que é pó, cinza e nada, a salvação eterna da vossa alma immortal?

— Sabeis o que é o inferno, bradou com energia crescente, agarrando-se com ambas as mãos ao pulpito, para mostrar que estava seguro da verdade. Sabeis o que é o inferno? E' uma multidão infinita e complicada de todos os tormentos, que se soffrem sem ter esperança de melhorar, por toda a eternidade, para todo o sempre, sem que para diminuir essas atrozes torturas possais invocar a vossa idade, o vosso sexo, a vossa fraqueza, a vossa devoção, nem sequer a vossa qualidade de christãos, ó cegos collaboradores de Satanaz!

O povo ficou tranzido de susto, ao

ouvir falar de repente na escura e mysteriosa região em que não penetra a esperança. Padre Antonio falara na entoação firme de intima convicção. Uma vaga sensação de mau estar, um terror indefinido parecia ir-se apoderando das mulheres e dos tapuyos. Posto não fosse tapuyo, o Costa e Silva tinha os labios tremulos, sentia-se nervoso, aborrecido por ter ido á missa. O *Mappa-Mundi* resmungava, fazendo menção de retirar-se, mas a irman, a D. Dinildes, deixava-se ficar, dominada pela voz severa que lhe falava de cousas tão terriveis.

Padre Antonio percebia o effeito das suas palavras. Devia estar pessoalmente magoado com o procedimento da gente de Silves, devia estar despeitado por não lhe terem correspondido aos trabalhos e dedicação pela salvação da villa. Ou por isso, ou porque um sincero desejo de fixar a fé vacillante dos parochianos o animasse n'aquelle momento, apaixonando um homem de ordinario tão calmo e commedido, começou a apurar de tal modo a influencia

do peccado sobre a vida futura, a exagerar por tal forma o negro quadro da condemnação eterna, pintando ao vivo com muito talento, uma por uma, as diversas scenas do Inferno, que, de subito o povo pôz-se a bater no peito, n'um desespero surdo em que os soluços das mulheres, prostradas sob o pezo da ameaça, se misturavam com a respiração forte, offegante, dolorosa dos tapuyos caídos de joelhos, sobre os tijolos da igreja, n'um abatimento profundo, como se o veu que encobria a consciencia de todos elles se tivesse rasgado á voz poderosa do Padre, para lhes deixar conhecer o estado de peccado mortal em que jaziam. O *Mappa-Mundi* e o Costa e Silva tinham a garganta secca e os olhos humidos. O capitão Fonseca batia, ás occultas, nos peitos, realmente arrependido de ter prohibido á mulher o remedio da confissão. De D. Mariquinhas das Dores apenas apparecia a cabecinha envolta n'uma gaze branca, cercada de botões de laranjeira, agitada por um tremor convulso de rolinha assustada.

O Cazuzza Bernardino tinha stereotypado nos labios um sorriso á toa. O tenente Valladão de facha a tiracollo, encostado a um pilar, reprimia a tosse. O Neves, muito vermelho, chorava como um creança, assoando-se ruidosamente.

O Padre, então, falou ao coração compassivo d'aquelles roceiros, como já falara á imaginação d'aquelles filhos do Amazonas. Parecendo gosar a satisfação completa do triumpho, adoçou a voz, terno e compassivo, e disse d'aquelle divino Jesus, pendurado da cruz do sacrificio, entre dois criminosos, com o bello corpo chagado e dolorido, com a fronte scismadora inclinada ao pezo d'um incomparavel martyrio, com os braços abertos como para exprimir o immenso amor que dedicara á humanidade, morrendo como um bandido d'uma morte affrontosa, injuriado, cuspidado, açoutado como um negro, amesquinhado na sua pessoa e na sua obra, tudo para remir da macula do peccado original aquelles tapuyos imbecis, aquellas mulheres apathicas e molles, aquelles homens

soberbos, indolentes e viciados — que apesar de haverem nas aguas do baptismo bebido a purissima doutrina do Salvador do Mundo, viviam como verdadeiros pagãos, como Judeus que eram pelo peccado, a crucificar novamente o Crucificado, a pregal-o outra vez na cruz dos seus desatinos, a chagar-lhe o corpo com a sua ingratição e vileza, a injurial-o, a cuspil-o, a amesquinhal-o na sua Igreja e nos seus sacerdotes.

E olhou de relance para o Costa e Silva que se sentia desfallecer. O *Mappa Mundi*, reconhecendo-se culpado, abaixara os olhos, confuso, torturado pelo olhar da irman, cheio de censuras.

— Sim, meus irmãos, continuou Padre Antonio, compungido e triste, com lagrimas na voz, com doloroso sentimento na face. Sois os verdadeiros Judeus deste tempo. Entre o nosso doce Salvador, o nosso bom e querido Jesus, que se sacrificou por nós, que se empenhou por nós ante o austero tribunal do seu augusto Pai, que morreu por nós n'aquella cruz e o nosso eterno

inimigo, vós preferis o inimigo, vós crucificais a Christo e festejais o demonio.

— Sim, o demonio! repetiu fulminando com o olhar o *Mappa Mundi e o Costa e Silva*.

Depois amaciando a voz, e mostrando a estatua do Senhor dos Passos, avelhantada e triste:

— Aquella pallida imagem chora ainda hoje lagrimas de sangue pelos vossos devairios, e quando Nosso Senhor chora e geme sob o pezo de tantes cruces, vós, filhos e irmãos ingratos, só cuidais em festas e negocios, como se nada houvesse depois desta vida terrena!

Um soluço comprimido abalou o auditorio, como se uma corrente sympathica tivesse reunido todas as pessoas presentes na expansão do mesmo sentimento.

O Costa e Silva parecia anniquilado. De mão ao peito, olhos baixos, era uma estatua da contricção e do arrependimento. O *Mappa-Mundi*, suava, torturado.

Olhando para elles, vendo-os vencidos,

Padre Antonio de Moraes deixou escapar um sorriso de triumpho, e entrou n'uma peroração brilhante, cheia de eloquencia, repassada do mais poderoso sentimento religioso. O povo, subjugado, tremia e admirava. Nunca a tribuna sagrada, em Silves, fôra levantada áquella altura. Nunca n'aquelle pobre e obscuro recinto do velho templo arruinado echoara uma voz tão sonora, tão vibrante e entusiastica, tão rica em rasgos de verdadeira eloquencia. Umaz vezes singelo e chão, baixando ao nivel da comprehensão dos tapuyos ignorantes e das mulheres do povo, outras, alteando-se até o estylo puramente litterario, encantando e dominando o auditorio sómente pela musica da voz e pela sonoridade retumbante de grandes phrases que pareciam encher a modesta sala da igreja parochial, Padre Antonio tinha a doçura do pai que fala a filhos estremecidos, o carinho da mãe que embala o pequenino doente, a calma do amigo que aconselha, a severidade do juiz que castiga, a raiva da victima que se vingá. O seu

rosto reflectia, como n'um marmore polido, os sentimentos que se succediam no largo peito, arfante sob a sobrepeliz de rendas brancas. Os olhos brilhavam-lhe com o fulgor da colera, depois avelludavam-se, ameigavam-se para accentuar as palavras doces que saham dos labios, depois, ainda, fixos, grandes, encarando entes ou scenas invisiveis, tinham a profundeza escura dos abysmos . . . A boca severa, convulsa, dizia maldições, ameaças e castigos, mas logo desatava-se em murmurio brando, semelhante ao ciciar da brisa das campinas, em que se ouvem o ruido leve das folhas levadas pelo vento e um vago som de beijos. A sua alta estatura impunha-se á multidão. Da elevada posição em que se achava parecia ter baixado do ceu para castigar os maus e abraçar os bons. Dizia de novo o martyrio, a angustia de Maria Santissima, a ingratição dos homens, o terrivel nada do mundo. Tinha orações que açoutavam, que faziam o auditorio vergar-se como arvores batidas pelo tufão do sul, ditos que

punham uma angustia inexprimivel no coração dos homens, um doloroso desalento no peito fraco das mulheres, gestos de compaixão e de dor fazendo correr lagrimas de arrependimento. Havia uma hora que o sermão durava. O povo deshabituaado, vencido pela emoção, abatido pelo calor que se desprendia dos corpos com emanações de suor e de perfumes de trevo, de patchuli e de mangerona, parecia uma cera molle que o Padre amoldava a seu talante. Parca era a luz que penetrava pelas vidraças estreitas e embaçadas. Do alto do telhado, ás pausas do orador, os morcegos chiavam, e as vespas e cabas, deixando os ninhos e cortando subitamente a nave em diagonal, zumbiam descontinua e lugubremente. Os raios do sol, coando pelos vãos das telhas e pelas altas janellas, davam tons macilentos ás grandes imagens velhas, immoveis sobre os altares, com uma apparencia de desolada miseria. As almas penadas dos retabulos e dos grandes quadros parietaes, desmaiavam na fogueira, inspirando

horror e lastima. Do tecto, suspensa por compridas e finas correntes de ferro, uma grande lampada de azeite, fracamente illuminada, pendia em frente ao altar-mór, projectando uma sombra esguia sobre o pavimento da igreja, e quando o vento que entrava pela porta lateral da sacristia, a balançava de leve, a sombra varria o povo ajoelhado, impressionando as velhas beatas assustadas. O calor augmentava, o suor banhava as frentes, era enorme a oppressão dos peitos. O pregador poz-se a falar na eternidade, n'essa terrivel concepção que abala os corações mais fortes e confunde os espiritos mais lucidos. E quando pronunciava em voz grave e lenta as palavras — Para sempre! Para sempre! parecia que a sua voz acompanhava o pendulo invisivel do tempo no eterno e monotono balanço. Depois, por uma transição rapida terminando o discurso, disse que a misericordia divina era infinita e convidou o povo a dizer com elle a oração dominical na esperanza de abrandar a colera celeste.

Mas em vez de o acompanhar na oração, vendo-o de braços estendidos e cabeça baixa a murmurar — Padre Nosso que estás no ceu — com submissão humillima, e como se a humildade e o aviltamento d'aquelle Padre, havia pouco tão severo e grandioso, provasse mais a magnitudine da colera celeste de que todo o seu discurso, o auditorio, no auge do terror e do arrependimento, poz-se a bradar angustiado:

— Misericordia, misericordia!

E na ancia de se vilipendiar em publico, castigando a carne peccadora e provando o arrependimento que lhe ganhara o coração, toda a gente se poz a bater na cara com ambas as mãos, produzindo um ruido secco e prolongado como uma salva de palmas, na platéa d'um theatro.

Padre Antonio desceu do pulpito, e poz-se a andar ás pressas para a casa, suado, rubro, cansado, mas feliz, convencido, de que possuia a alma d'aquella gente para todo o sempre. Para que o encontro com

alguem não o forçasse a despir a fria e severa attitude com que descera do pulpito, correu a encerrar-se no seu quarto, d'onde não sahiu todo o dia, recusando-se a receber as pessoas principaes da terra que o vinham felicitar pelo esplendido sermão que proferira.

Macario sahiu da igreja radiante de enthusiasmo e de amor proprio. Sim, senhores, aquelle *machiavelismo* tinha sido bem achado, a surpresa do povo fôra completa, o triumpho seria certo. E a cara do Mendes da Fonseca, e o desapontamento do *Mappa-Mundi* e do Costa e Silva, e a zanga do professor Annibal Brasileiro, que se fôra embora, em meio do sermão, aborrecido por ter faltado ao juramento que fizera! A' porta da Matriz, satisfeito, sentindo no peito o orgulho do pai que ouve os applausos ao filho victorioso, Macario andou de grupo em grupo, e depois sahiu pelas ruas, de loja em loja, sondando, provocando e dirigindo a opinião:

— Que tal esteve o sermão, eim? Já

se ouviu em Silves uma cousa assim? Padre Antonio é ou não um pregador digno da cathedral do Pará?

E respondia, elle proprio, que a villa devia orgulhar-se de ter um vigario que, além de ser um Padre modelo, casto e serio até alli, dispunha d'um talento oratorio capaz de metter inveja a todos os Padres do Amazonas. Elle aconselhara a S. Revdm^a. a aproveitar aquelle dia para o sermão, que ninguem esperava, mas cujo thema o Macario conhecia desde a vespera, pois fôra combinado entre os dois, ás oito horas da noite, na casa de jantar.

E corria as ruas, falando ás janellas, onde as senhoras passavam aquelle domingo perfumado e alegre:

— Gostou do sermão, D. Cyrilla? Que tal D. Dinildes? Que me diz a isto, D. Prudencia?

Aos homens perguntava o que mais lhe agradara em toda a oração, se o principio, o meio ou o fim. Indagava: Gostou d'aquella chamada de Judeus, seu capitão

Fonseca? E quando elle falou da eternidade, eim, seu Costa e Silva? E quando elle, no principio, falou nas ovelhas do Senhor que abandonam o serviço de Deus para irem para os castanhaes apanhar castanhas e fazer porcarias?!

O sermão agradara geralmente, e agora, cá fóra, na calma da recordação, os homens elogiavam-n'o. Alguns faziam observações ligeiras.

A' noite era o baile em casa do Bernardino de Sant' Anna para festejar o casamento do filho. Ao sahir da igreja o Cazuza Bernardino dissera ao sacristão, amavelmente:

— Olhe lá, seu Macario sacristão, não farte. Vá espiar um mocadinho o baile.

E o sacristão fôra, de rodaque de alpaca, porque a sobrecasaca de lustrina reservava-a para as grandes solemnidades do dia. Padre Antonio ficara encerrado no quarto, lendo ou meditando.

A casa do Bernardino de Sant'Anna estava toda illuminada com lampeões de

kerosene, e cheia de gente. Estava alli toda a sociedade selecta da villa, não faltava uma só pessoa grada. Vinham uns pelo Neves Barriga, presidente da Camara, homem bom, qui vivia fartamente no sitio de Urubús, sem inimigos. Outros vinham pelo Bernardino que tinha lá a sua importancia. Os rapazes acudiam ao convite do Cazuza, que, apesar de tenente, era um bom rapaz, muito pandego. A sala, pequena, clara e florida, estava cheia de senhoras, e pelo corredor, pelas alcovas, transformadas em gabinetes e pequenos salões, pela casa de jantar, e até pelo copiar da cozinha, os convidados espalhavam-se, fumando, bebendo, conversando, passeando, uns serios e sizudos, sentindo o pezo da sobrecasaca sobre os hombros acostumados á liberdade do rodaque branco, outros, alegres, joviaes, querendo desforçar-se n'aquella noite de festa dos longos dias sensaborões da vida sertaneja. As senhoras novas, sentadas nas cadeiras e canapés alinhados na sala, vestidas de claro, coradas de emoção, tinham os

olhos em alvo. Pelos cantos as velhas negrejavam, cochichando. Um calor forte, impregnado do cheiro acre de petroleo, de suor, do perfume de patchuli e mangerona, vinha da sala e assaltava a garganta dos recémvindos. Um pó subtil levantava-se do pavimento recentemente varrido. A sala, nua, espaçosa, posto que pequena, tinha um ar alegre de festa, com as paredes brancas, as telhas vermelhas a descoberto, o chão de ladrilho, e os vestidos claros, enfeitados e engommados das senhoras.

Quando Macario entrou, a orchestra, composta do Xico Ferreira, tocador de flauta, e do Manduca Sapateiro, rabequista, tocava a *Varsoviana*. Os rapazes, ás portas, empurravam-se rindo, excitando-se mutuamente a romper a dança, nenhum queria ser o primeiro a tirar par, procurando disfarçar o pejo com galhofas e risadas. Estavam alli os mais pintados, os mais atirados, os mais bonitos rapazes de Silves. Eram o Totonio Bernardino, irmão do noivo, recém-chegado do Pará, onde cursara as aulas do

Lyceu Paraense, viera ás ferias da semana santa, e deixara-se ficar vadiando; o Pedrinho Souza, tambem estudante, companheiro do Totonio nos estudos e na cábula; o Manduquinha Barata, pequenino, bonitinho, bem vestidinho, fugira do Seminario de Manaos, por não poder metter o dente no Hora-horæ, e o pai, depois de lhe dar uma tremenda sova á beira do cacaua, quando o viu chegar de surpresa, pondo-o em papas e de cama por quinze dias, deixava-o andar vagando em Silves, namorando as moças e fumando cigarros, por não saber o que fazer d'elle; o Juiz Municipal, Anselmo Pereira de Campos Natividade, bacharel de Pernambuco, trigueiro e recém-formado, muito myope e muito pedante; o Felicio boticario, irmão de D. Prudencia, magro e esguio, parecendo filho do Valladão; e o Quinquim da Manuela, bom menino, sobrinho do Neves Barriga, pobre mas muito estimado. Macario não vinha alli para dançar, nem fora convidado para isso. Não frequentava bailes, e viera á festa do Ber-

nardino por condescender, e ao mesmo tempo porque andava com muita vontade de perguntar a toda a gente, com quem não falara ainda, a sua opinião sobre o sermão do manhan.

— Venha espiar o baile, dissera-lhe o Cazuzo Bernardino, e elle condescendente, espiava.

Vendo as nicas que os amigos faziam, o Cazuzo Bernardino atravessou a sala, com passo firme, affrontando com denodo os olhares das senhoras e foi convidar a noiva para dar começo ao baile. Na fila das cadeiras houve um riso nervoso que disparou d'uma ponta a outra quando os noivos vieram para o meio da sala, de braço dado, promptos a começar. O Totonio animou-se e foi tirar uma irman da noiva. O Felicio boticario atirou-se a D. Dinildes e o Manduquinha Barata, por troça, foi convidar a D. Eulalia que se fez de manto de seda.

O Barata foi bater á porta de D. Cyrilla, que lhe respondeu, desdenhosa, no seu vestido verde, precioso e largo:

— Achi! seu Manduquinha, eu não danso com menino.

O riso estalou na sala. O Barata, já meio vexado, foi offerecer a mão á filha do Valladão, uma rapariga meio loura, muito pallida, de nariz afilado e grandes dentes em ponta, vestida de mussulina branca com pingos vermelhos, e laços côr de castanha:

— Já estou comprometida com o filho do Xico Souza, respondeu a filha do Valladão, com maus modos.

Foi uma gargalhada. Afinal o Manduquinha achou quem o quizesse, uma menina de onze annos, sardenta e endefluxada, e a *Varsoviana* começou compassada, em cadencia, com requebros convencionaes de elegancia provinciana. A noiva, com o veu atirado para traz, o rosto descoberto, as ventas dilatadas, o ventre para diante, sacudia as saias amplas e engommadas, batendo fortemente no chão com os pés calçados em botinas grandes de setim branco, de carregação, ao som da musica monotona e pontuada da *Varsoviana*. O Cazuzza Ber-

nardino, direito como um fuso, apertava-a contra a bella farda nova, aspirando-lhe enlevado o macassar dos cabellos negros, coroados pela grinalda de flores de pellica branca, e desmanchando-se já, na desordem dos primeiros passos da dansa, do penteado de bandós custosamente arranjado para aquelle dia solemne, unico na vida da donzella do Urubús. Agarravam-se um ao outro, como temendo uma separação, e volteavam pela sala, mudos, córados, sentindo nas costas os olhares agudos das senhoras, e nos ouvidos as graçolas dos homens e o murmurio confuso dos cochichos das velhas, sentadas ao canto da sala, maldizendo, vestidas de preto. O Totonio e a irman da noiva, a Milú, iniciavam um namoro na *Varsoviana*. Haviam principiado rindo, mettendo á bulha os noivos, e dansando com desembaraço e graça, sobresahindo aos outros pares na elegancia dos passos e dos requebros, mas agora, sentindo uma emoção evidente, estavam serios, com os olhos cruzados n'um strabismo de enlevo, parecendo

não pisar o chão, quasi abraçados, elle soprava-lhe os cabellos castanhos com a respiração forte, ella, com o vestido de popelina azul celeste cahindo em pregas sobre os amplos quadris de mulher feita, deitava a cabeça sobre o fraque do cavalheiro, abandonando-se. O Felicio botava a alma pela boca, carregando a irman do *Mappa-Mundi*; não acertavam os passos, pareciam dois pistons d'uma peça mechanica em movimento alternado. O Manduquinha, esse, sim, divertia-se. Agarrara a menina pela cintura, e eram pulos, pinotes, saltos, in-criveis, patadas formidaveis querendo arrancar tijolos, uma dansa desenfreada e patusca que punha tudo em reboição.

E' um diabinho, dissera D. Eulalia, lisonjeada da preferencia que regeitara.

A palavra circulava. Era um diabinho o demonio do Manduquinha Barata!

O Xico Ferreira soprava a flauta. O Manduca Sapateiro raspava com furia a rabeca, fazenda macaquices.

A maior parte dos convidados havia

chegado ás portas da sala, para ver a dança. Os compassos monotonos da *Varsovia* apressavam-se. O kerosene dos lampeões tresandava.

Quando cessou a musica por deliberação unanime da orchestra, os pares separaram-se offegantes. As damas correram a tomar as cadeiras, tonteando, rubras, excitadas. Os cavalheiros suados, abanando-se com o lencinho, dirigiram-se ás portas, com o fim de se furtarem á evidencia, misturando-se com os espectadores em grupos. O Manduquinha Barata veio para o lado de Macario que a curiosidade fizera adeantar-se até á porta da sala, e, descuidosamente, se deixara ver de todos, distrahido na contemplação da linha de senhoras novas, sentadas nos canapés e cadeiras. O Manduquinha, um fedelho, quiz brincar com o sacristão, e gritou, do meio da sala, para chamar a attenção:

— Olá, este rato de sacristia por cá! Então, seu Macario, que faz ahi que não

vem tirar a sua dama? Tinha graça, saias com saias!

Os olhares apontaram para o Macario, n'uma corrente electrica o riso disparou pelas boccas.

Macario quiz responder com um desaforo áquelle desacato, mas não valia a pena! o Manduquinha era um creançola a quem pucharia as orelhas na primeira occasião.

Grave e digno, o sacristão afastou-se sem dizer palavra, e metteu-se pelo corredor. Um homem de sobrecasaca de brim branco, e chapéu de manilha na cabeça, passava sobraçando botijas de cerveja Bass. Era o dono da casa, o Bernardino de Sant' Anna. Macario parou e cumprimentou.

— Oh, quem é você?

— Sou o Macario de Miranda Valle, sacristão da matriz.

— Ah, meu filho me disse que havia convidado a você para espiar o baile. Que diz, ein? Está de arromba! Eu quiz que tudo ficasse decente, por causa das más linguas. Tem muita cerveja, licor, vinho do

Porto, chá e café. Pela madrugada ha de haver chocolate. Não faça cerimonia. Eu não sou soberbo . . .

Macario começou um cumprimento. Não faltava ninguem, estava alli todo a gente de Silves!

— Quaes, não me diga isso, retorquiu o Bernardino, são bondades que não mereço. De mais a mais falta muita gente. O diacho da pandega dos castanhaes chama muito povo. Se não fossem os castanhaes a casa não chegava!

— Com licença . . . accrescentou, seguindo o seu caminho. A orchestra dava o signal d'uma contradansa. Macario continuou pelo corredor até á casa de jantar, transformada em sala de palestra e de jogo. A uma mesa pequena o capitão Fonseca e o Neves Barriga jogavam o patau, a grão de milho. A uma outra mesa, maior, jogavam o tres-sete o Valladão, o Costa e Silva, o *Mappa-Mundi* e o Regalado, a grão de milho tambem. Estavam na sala, além d'esses, o José Antonio Pereira, o professor

Annibal e outras pessoas gradas. A um canto, solitario e sarcastico, o Xico Fidencio roia as unhas, chupando de vez em quando o cigarro.

A casa de jantar estava cheia de fumo, havia copos de cerveja, a meio vazios, sobre as mesas. Da cosinha vinha um cheiro forte de café e de peixe frito.

— Um de reil bradava triumphante o Neves, na occasião em que Macario chegava. Tome lá para o seu tabaco, compadre.

Sereno e grave, o collector respondeu :

— São cousas da sorte, felicidades de cada um. A vasa é nossa, compadre.

— Leve lá, que essa não me faz falta, acudiu generosamente o Neves. E mettendo a mão no bolço trazeiro da sobrecasaca tirou a caixa de couro e abriu-a, magnanimo:

— Vá lá uma pitada de amigo, compadre.

— Estou encaiporado hoje, exclamou o Mappa-Mundi, esfregando o lenço no rosto,

no pescoço, nas mãos, para enxugar o suor em bica. Começou por aquella estopada do sermão, e acaba por esta infelicidade ao jogo. Macacos me comam, se eu não largo isto já.

— Tenha paciencia, Guimarães, a roda anda e desanda. Não ha meia hora que estamos jogando, e já você está desesperado. Tenha paciencia, homem.

E o Costa e Silva baralhava as cartas, judicioso e satisfeito.

— Isto de sorte é assim mesmo, opinou o Valladão, tossindo. E' como as mulheres, muda.

O Regalado applaudiu. O Valladão tinha boas sahidas! O diabo era aquella tosse, mas tambem porque o Valladão não deixava as xaropadas e não se tratava pela homeopathia? A homeopathia era o unico systema, verdadeiro, isso estava mais que provado.

O collector voltou-se para a mesa do *tres-sete*, e approvou a opinião do Regalado, elle em pessoa, era a melhor prova da ex-

cellencia do systema. Curara-se d'um ar de vento pela homeopathia, depois de desenganado, mas entendia que além das doses se devia usar o oleo de mamona.

— E o leite de massaranduba para o peito, accrescentou o Neves, intervindo. E' muito bom para abertura do peito.

— Para o peito, não ha como o peitoral de cereja de Ayer, disse o Costa de Silva. Tenho lá na loja uma porção de caixas, é bom e barato.

— Nada de misturas! exclamou o Regalado, largando as cartas. A homeopathia só, sem mais nada! Ou bem que samos, ou bem que não samos . . . Quem quizer beber as xaropadas do Felicio, lá se avenha, mas por mim, fiquem certos, morria de fome ou ia plantar batatas.

— O Felicio é um moço honrado, protestou o Neves, sem tirar os olhos das cartas que baralhava. Conheci o pai d'elle, era um bom homem, e foi muito meu amigo.

E narrou, interrompendo-se a miudo para prestar attenção ao jogo.

— Quando a filha casou com o Joaquim Feliciano, eu disse logo: mau casamento. E acertei, infelizmente . . . Quando houve a historia do Padre José, o velho ficou tão apaixonado que nunca mais veio á villa. E tambem não quiz mais saber da filha, mas o Felicio, não, é um moço honrado.

E accrescentou:

— Cinco, seu compadre, marco cinco!

— Não digo que não, redarguiu o Regalado, voltando ás cartas, mas não ha de ser o filho de meu pai que ha de beber as xaropadas.

— Nem eu, declarou o *Mappa-Mundi*, nem xaropes nem homeopathia. Medicos e boticarios podem ir para as profundas, não me fazem falta. E' como Padres. Não, que o sermão de hoje sempre me pregou uma massada!

— Tinha pouco latim, observou o collecter, olhando de esguelha para o Xico Fidencio, e mendigando um applauso.

Tem V. S^a. muita razão, acudiu pressuroso o José Antonio Pereira, por entre os dentes podres. Notei também certa falta de ligação nas idéas e algumas allusões directas a pessoas presentes.

Voltou-se também para o Xico Fidencio provocando-o a manifestar-se.

O professor endireitou-se, cessou de roer as unhas, tirou o cigarro e disse que, occulto na sacristia, ouvira toda a oração de Padre Antonio de Moraes, que gostara muito; o Padre era intelligente, mas exagerava a mimica e mettia medo ao povo ignorante para melhor conseguir *os seus fins occultos*.

— Quaes serão esses fins do senhor vigario? perguntou o Neves, largando as cartas, n'um pasmo.

— Ora, o jesuitismo! respondeu o Xico Fidencio, voltando á primeira posição e riscando um phosphoro para accender o cigarro.

Macario, indignado, retrocedeu pelo corredor, e achando a porta da alcova, entrou-a.

O Xico Ferreira e o Manduca Sapateiro tocavam a quadrilha do Orfeu de Offenbach. Na alcova estava a mesa com as bebidas. Era o *botequim*.

O Dr. Natividade bebia cerveja Bass com o professor Annibal que viera refrescar-se. O bacharel não dansava mais. Sofrera uma desfeita, estava estomagado. Assestando a luneta para os oculos do Annibal Brasileiro, o Natividade queixava-se amargamente da sobrinha do Neves BARRIGA, da MILÚ, que lhe havia prometido aquella quadrilha e, entretanto a dera ao pelintra do Totonio Bernardino.

— Não é que eu faça empenho em dansar com estas matutinhas, explicava. Graças a Deus, lá no Recife, fartei-me de dansar com os melhores pares. Frequentei a casa das primeiras familias, graças a Deus. Dansei com baronezas e condessas, e graças a Deus, nunca ninguem me fez uma desfeita. Foi preciso vir a esta aldeia, para acontecer uma cousa assim. Mas é preciso que me conheçam. Eu só digo que tenho genio!

E o Annibal, conciliador:

— Talvez fosse esquecimento, falta de lembrança . . .

— Não admitto, redargiu o Dr. Natividade, crescendo para elle, como para lhe tomar satisfações, não admitto esquecimentos commigo. Graças a Deus, tive educação, e sei o que são deveres de boa sociedade.

N'isto o Bernardino Sant'Anna aproximou-se, amavel, sobraçando duas botijas de agua de Seltz.

— Então, Sr. Dr., não dança?

— Não Sr., não danso, respondeu o Juiz Municipal, abotoando o fraque.

— Então porque? Ainda tão moço, já quer ser do rol dos velhos?

— Não é por isso, é porque soffri uma desfeita, e eu, graças a Deus, não preciso soffrer desfeitas.

E o Dr. Natividade assestou a luneta para o chapéu do Bernardino, e cruzou as mãos atraz das costas.

— Desfeita, exclamou o Bernardino

Sant'Anna, atrapalhado com as botijas, fizeram-lhe uma desfeita? De quem foi essa patifaria, Sr. Dr.?

— Olhe, pergunte ao Sr. Annibal, se quer saber, respondeu o juiz, fechando-se na dignidade do silencio. E voltando as costas ao Bernardino, foi para a casa de jantar.

Macario foi verificar se de facto a Milú dansava aquella quadrilha com o Totonio Bernardino, mas teve o cuidado de se não expôr aos olhos do Manduquinha Barata. Dansava, com requebros, muito corada, recostando a cabeça no peito do cavalheiro. O Manduquinha desta vez pilhara a filha do Valladão, e tinha um trabalho insano em a fazer dansar á sua moda, aos pulos e saltos. Muito digna, a moçã resistia, entesando o corpo. O Cazuza Bernardino arrastava a D. Dinildes. O Pedrinho Souza era par de D. Cyrilla. O Felicio boticario carregava a menina de onze annos. Quinquim da Manuela, coitado, coubera em sorte á mulher do Costa e Silva, e, para

completar o quadro, dois velhos, o tenente Pessoa e Bartholomeu de Aguiar haviam sido requisitados e dansavam com filhas do Costa e Silva.

Na occasião em que Macario chegava, D. Eulalia dizia á velha D. Bazilisa, sentada ao pé d'ella, perto da porta:

— Agora é arrumar a trouxa. Depois de amanha vamos embora. Seu Neves diz que é por causa dos meus cherimbabos . . . mas é porque elle quer mesmo!

— Havera de ser, replicou a velha. Os homens bem se importam com os cherimbabos das mulheres!

A mulher do Costa e Silva entrou na conversa.

— Nós tambem vamos depois de amanha, mas é para os castanhaes.

— Oh, os castanhaes são outra cousa, disse D. Eulalia, aquillo é um regalo em comparação com o sitio. Ao menos, lá vai muita gente.

— Eu acho que este anno ninguem fica, tornou a mulher do Costa e Silva, satis-

feita da inveja que inspirava. Ha de haver muita festa?

— *Gran-chaine!* gritou o Pedrinho Souza.

D. Baziliza aproveitou a ausencia da mulher do Costa e Silva, para consolar a amiga que não ia aos castanhaes.

Esses castanhaes, disse, são a perdição de muita gente. Ainda hoje o Sr. Padre Antonio falou tanto d'elles! Queira Deus não aconteça alguma cousa aos que vão para lá.

— E quando a mulher do Costa e Silva voltava, a velha abaixou a voz, sacudindo a cabeça:

— Queira Deus, queira Deus!

Macario era da opinião d'aquella velha. Pela manhan, Padre Antonio de Moraes havia provado que os castanhaes eram uma perdição. Pobre da mulher do Costa e Silva, não sabia o que lhe aconteceria, se fosse aos castanhaes!

A quadrilha terminava, os pares separavam-se, o Manduquinha Barata parecia

procurar alguém para objecto de troça. Macario retirou-se e voltou para a alcova. O Manduquinha alli o veio encontrar, trazendo a filha do Valladão pelo braço, procurando um licor para offerecer lhe. Macario fugiu para o corredor. O Valladão agarrara o Bernardino de Sant'Anna, e, tossindo, tomava-lhe uma satisfação. Porque diabo havia convidado para o baile aquelle patife do Xico Fidencio? N'uma casa seria não devia entrar um homem como aquelle, que, além de tudo, vivia amasiado. Elle, Valladão, não podia perdoar ao Xico Fidencio os desaforos que lhe dissera pelo *Democrata*, e ainda ultimamente aquella pouca vergonha no desembarque do Senhor Vigario. Era um homem que não respeitava cousa alguma, e, descompunha a religião e até ao Senhor Bispo. Homens d'aquelle teor não se convidavam para bailes.

O Bernardino, com uma bandeja cheia de copos na mão, desculpava-se :

— Foi o rapazinho que o convidou. Dá-se com elle lá da loja do Costa e Silva, e quer que elle dê a noticia no *Democrata*.

— E' um patife, tornou o Valladão, tossindo, colerico. Fui obrigado a deixar de jogar por causa d'elle. Estavam bem por traz de mim, rindo-se cada vez que que os outros me attribuiam uma pichotada!

E cerrando os punhos, n'um furor:

— Olhe, seu Bernardino, eu sou incapaz de matar um carapanan, mas aquelle patife . . . recrutava-o, se me deixassem . . . E aquillo convida-se para bailes!

— Mas, Valladão . . .

— Não tem *mas* nem *mes*, nem peça de entremez! berrou o homem, de olhos vermelhos e bocca espumante.

E gritava para ser ouvido de toda a gente:

— Um sujeito que vive amasiado com uma mulata! Quem tem filhas não mette em casa um typo assim!

— Mas eu não tenho filhas, balbuciava o Bernardino Sant'Anna, desorientado, sem saber o que fizesse da bandeja, e implorando desculpas ás pessoas que chegavam, curiosas.

Subito, o Valladão adeantou-se para a filha, n'uma indignação solemne:

— Minha filha, vamos embora. Isto aqui não é casa!

D'um grupo surgiu a cabeça trigueira do Juiz Municipal, cuja luneta faiscava. Ouviu-se a sua voz secca, irritante:

— A mim fizeram-me uma desfeita, mas graças a Deus, tive educação, não estou acostumado a receber desfeitas!

Que seria, porque estava tão zangado o tenente Valladão? A filha chorava, o Quinquim da Manuella, pobrezinho! estava muito commovido. As senhoras, achando que aquelle escandalo punha remate á festa, procuravam os chales, assustadas. Havia, pelos cantos, buscas ansiosas de chapéus e guardas-chuva. Da cozinha as mulatas, as negras e os moleques affluíam, curiosos. Toda a gente estava interessada no incidente. Só o Totonio e a Milú não davam fé do que se estava passando, e, a um angulo da sala, cochichavam quasi abraçados, como na polka. O dono da casa procurava

acalmar o irascível amigo. Outros homens intervinham. O Valladão, duro, insistente, tossindo a arrebentar, pedia que lhe abrissem passagem, porque queria sahir d'aquella casa.

O Cazuza Bernardino teve uma inspiração. Foi pedir aos musicos que dessem um signal de quadrilha. A orchestra obedeceu. O Cazuza veio para o meio da sala, e, batendo palmas, gritou:

— Quadrilha, meus senhores!

O circulo que fechava o Valladão, abriu-se. Os rapazes correram para a sala. O Valladão e a filha sahiram sem se despedirem. Bernardino ficou algum tempo calado, olhando para o capitão Fonseca, o Costa Silva e para o Neves Barriga, estudando a impressão causada pelo incidente. Depois, n'um gesto de desenfado, explicou com franqueza:

— Ora, aquillo é o diabo da cerveja!

— E' uma desgraça, lamentou o Mendes da Fonseca. Basta o primeiro copo.

— O Valladão é boa pessoa, formulou o Costa e Silva, mas não póde beber.

— E mata-se, prognosticou o Regalado.

— Lá se avenha, philosophou o Bernardino, sacudindo os hombros.

E foi dar providencias sobre o chá, fazendo voltar para a cozinha a creadagem que se apinhara á porta da casa de jantar.

A orchestra tocava a quadrilha da Bella Helena. O calor ia augmentando. Um odor forte de kerosene queimado misturava-se no ar ás emanações do suor, dos restos de cerveja, dos cigarros de tabaco negro, accesos, desfazendo-se n'uma fumaça acre, ou apagados, juncando o chão de pontas ennegrecidas pelo sarro, nadando em lagos de saliva e catarro. O perfume vago de patchuli e mangerona, que vinha da sala de visitas, chocando-se ao vivo com o cheiro das bebidas deixadas nos copos ou atiradas ao chão enjoava.

Depois do incidente do Valladão reinava um tumulto, a festa parecia mais animada. Os jogadores haviam abandonado as cartas,

as velhas tinham deixado os cantos, formavam-se grupos de pé nos vãos das portas, ao meio dos aposentos, conversando mais animados, com mais liberdade. As caras tinham um brilho expansivo de suor e de licores. As proprias senhoras haviam perdido muito do acanhamento do principio, trocavam-se caçoadas, pregavam-se peças para fazer rir, o baile perdia as cerimoniaes d'uma solemnidade para se transformar em festa intima, em que todos se conheciam, ninguem precisava guardar reservas e conveniencias incommodas. Brincava-se, ria-se, diziam-se tolices. Era encantador! Mas a noite ia adiantada. Onze horas vira Macario no relógio de parede da sala de jantar. Onze horas, e elle que se deitava sempre ás oito, e em occasiões graves ás nove e meia! Sentia a cabeça pezada, os olhos ardentes, a garganta secca, tanto fumara aquella noite! O fumo era o seu consolo, e sempre que estava separado do Padre fumava os seus compridos e excellentes cigarros de tauhary que elle mesmo arran-

java. Estava com vontade de se ir embora. Não dansava, não jogava, não encontrava parceiro para a prosa, sentia-se constrangido e secretamente humilhado. Mas já agora esperaria pelo chá. Enquanto não vinha foi rondar o botequim na esperança de que lhe offerecessem um calice de licor, que elle não se atrevia a pedir. Junto á mesa das bebidas o professor Annibal Americano conversava com o *Mappa-Mundi*:

— E' o que lhe digo, Guimarães, depois d'aquelle desaforo da *Aurora Christan*, jurei não mais ouvir missa dita por Padre Antonio. Elle hoje pilhou-me na igreja, mas foi de surpresa, e por causa do casamento do Cazuzza Bernardino.

E, cuspindo longe, concertando os olhos de tartaruga, accrescentou:

— E tive de grammar quasi todo o sermão.

— Eu gramei-o inteiro, queixou-se o *Mappa-Mundi*, pegando n'um copo cheio de cerveja, mas tambem garanto-lhe que tão cedo não me pilha. Isto aqui está

muito quente. Vou com o Costa para os castanhaes . . .

— Para os castanhaes?

— Papá, santa Justa. Partimos depois de amanha.

— Pois olhem, eu estou com vontade de os acompanhar. Que diz da idéa?

— E os meninos?

— Férias com elles, dou parte de doente. O delegado litterario é o Dr. Natividade, somos intimos.

Tambem estes iam para os castanhaes, pensou Macario, apprehensivo. E o *Mappa Mundi* levaria a irman? Então de que servira o bello sermão de Padre Antonio?

N'isto o Pedrinho Souza veio da sala do baile, e bateu no hombro do *Mappa-Mundi*:

— Aquillo já está escandaloso, Guimarães.

— Que é que está escandaloso?

— O Totonio com a Milú. Não se largam. Ferve o azeite, que é uma des-

graça. A sala até já escorrega. Apre, assim também é de mais, não acham?

Ouvia-se tocar uma valsa. Macario olhou para a sala. No espaço enquadrado no vão da porta o Totonio Bernardino e a Milú passavam, abraçados, rodopiando. Elle serio, offegante, cheirava-lhe os cabellos. Ella, derretida, olhos fechados, recostava a bonita cabeça no peito do rapaz, e deixava-se levar por elle. Sobre os seus fortes quadris de mulher feita, o vestido de popelina azul ondulava em pregas cambiantes.

— Já está ficando indecente, murmurou D. Dinildes passando pelo braço do Felicio para a sala de jantar.

Macario teve vontade de perguntar-lhe se ella não achava indecente ir para os castanhaes, mas o terrivel Manduquinha Barata aproximou-se, trazendo uma filha do Costa e Silva para tomar licor. O sacristão retirou-se discretamente para a casa de jantar.

Justamente, principiavam a servir o chá. Os creados traziam da cozinha as

bandejas com as chicaras de chá e com os doces, os sequilhos, os pães de ló e as fatias de parida, douradas e rescendendo a canella e a ovos fritos. Bernardino não se gabara. Era um baile de arromba!

Primeiro passaram as bandejas de chá, em alvas chicaras de porcellana lisa. Vieram depois os bons-bocados e os pasteis de nata em grandes pratos de louça azul, e os sequilhos espalhados no fundo da bandeja, sobre um leito de papel côr de rosa, recortado em tufos elegantes. Um pão de ló de duas libras, corado e fofo, refestelava-se commodamente n'uma grande salva de prata, riqueza de familia, preciosa e rara, e vinha carregado por uma mulatinha de estimação, de alva camisinha rendada e cabellos cheirosos. Seguia-se o pão quente, em pratos, modesto e solido, cheirando a manteiga derretida, que era uma consolação; e fechava o cortejo o Bernardino de Sant'Anna, descoberto, com a grande calva reluzente banhada de suor, a sobrecasaca branca cahindo em pregas direitas, e nas

mãos, apoiada no abdomen, para que fascinasse todos os olhares e provocasse todos os appetites, a rica bandeja nova, imitando xaráo, e contendo seis grandes pratos de fatias de parida, appetitosas e louras.

O Neves já estava na posse feliz d'uma chavena de chá, d'uma naca de pão de ló e de duas fatias douradas, e pondo toda a provisão n'um prato, sobre a mesa em que jogara o pacau, sorvia uma grande pitada de Paulo Cordeiro, e dizia para o Mendes da Fonseca:

— Aqui é que eu queria viver. Isto aqui sempre é outra cousa. Ha recursos, passa-se bem, goza se. Ora fosse o Bernardino arranjar estes requintes de civilização lá no sitio do Urubús!

Fonseca, mordendo n'um bombocado concordava em que estava tudo bem feito. Fôra a D. Cyrilla quem se encarregara dos doces, a pedido do Bernardino, gastara-se muito assucar, mas ao menos o Bernardino não se envergonhava.

Bernardino passou dizendo:

— Quem perde é o tolo do Valladolid, forte besta!

As dansas interromperam-se por causa do chá. As senhoras retomavam os seus lugares na sala, em linha, nas cadeiras. Os rapazes, amaveis, carregavam chicharas e tomavam as bandejas aos creados para servirem ás senhoras. Os musicos, felizes do descanso, bebiam cerveja.

Macario serviu-se de dois bons-bocados, dois pasteis, uma fatia e alguns sequilhos. Não gostava de chá, guardava-se para o chocolate e cogitava no machiavelismo com que apanharia ao Bernardino mais uma fatia de parida, essa cousa fina que lhe proporcionava delicias incomparaveis.

Passou uma creada, o sacristão perguntou-lhe, a meia voz, pelo chocolate.

— Tem, é depois, respondeu, sem parar, a rapariga.

Depois! teria de esperar, e já onze e meia! Paciencia, já agora não ia sem tomar o chocolate que lhe promettera o Bernardino, á entrada.

Ouviu-se a voz do Cazuza Bernardino que gritava na sala:

— Quadrilha, meus senhores.

Mas o Mappa-Mundi e a irman despediam-se, seguidos do Felicio boticario que lhes rogava que ficassem, para lhe não fazer perder a quadrilha.

— Não pôde ser, dizia o Mappa-Mundi, apertando a mão a toda a gente; seguimos depois d'amanhan para os castanhaes. E' preciso descansar e preparar os arranjos.

Então, na casa de jantar, generalisou-se a conversação sobre os castanhaes. Toda a gente queria ir aquelle anno ás praias. Xico Fidencio, chupando o cigarro apagado, dissera que tolo seria quem não fosse á colheita das castanhas.

— Eu por mim não ia, disse o collecter, mas a pobre da D. Cyrilla quer por força passar o S. João nas praias, e eu desejo fazer-lhe a vontade. Depois, francamente, a collectoria mata-me. Estou cansado, preciso de algum folego, e bem contra

a minha vontade, é provavel que lá vá ter. Já mandei pedir licença.

— E quem fica na collectoria, Sr. Capitão? perguntou o Costa e Silva.

— O meu escrivão. E' um moço de muito bons costumes em quem deposito a maior confiança. Espero que Silves não soffrerá muito com a minha falta.

E sorriu amavel para o José Antonio Pereira, que, todo curvado, fechava os olhos, agradecia, commovido:

— Oh, Sr. Capitão, oh! Sr. Capitão V. S. confunde-me . . .

— E' justiça, moço, atalhou o Neves.

Todos apoiaram. Era justiça e não favor, porque o José Antonio Pereira era um moço de muito bons costumes.

— Então você não vai aos castanhaes, este anno, disse-lhe o *Mappa-Mundi*, pois olhe tenho pena.

— Eu sim, vou, affirmou o Bernardino passando com a bandeja das suspiradas fatias. O rapazinho quer passar a lua de mel

nas praias, e convidou-me. Ha de ser muito divertido, accrescentou afastando-se.

E Macario, seguindo com os olhos a bandeja, pensava no sermão pregado aquella manhan pelo santo Padre Antonio de Moraes. A inconstancia d'aquella gente esquecera, mal sahida da igreja, os momentos de terror incutido pelas eloquentes palavras do Padre Vigario, e, á luz d'um claro dia de Maio, em pleno ar, em face das aguas limpidas do lago e das eternas verduras das suas margens, ouvindo o ruido alegre do canto dos passarinhos que volitavam pelos cimos das laranjeiras, perdido o receio das trevas do inferno, tivera saudades da natureza virgem dos castanhaes, e sonhara com as festas costumeiras á sombra dos arvores, nas lindas praias de areia.

E alli, naquelle baile, estimulando-se uns aos outros, antegostando prazeres em commum, incitados pela astucia diabolica do Xico Fidencio, confirmavam os projectos, arrastavam os indecisos, preparando-se para a perdição da alma, de que tanto lhes

falara a inspirada palavra de Padre Antonio de Moraes!

Felizmente no meio daquelles tresloucados um homem de juizo appareceu.

Neves Barriga, com o estomago repleto de pasteis e bons-bocados, embora suspirando, não escondeu a resolução criteriosa em que estava:

— Pois eu não vou. Não posso ir. Volto para o Urubús quanto antes. A D. Eulalia, coitada, não póde estar tanto tempo separada dos seus queridos cherimbabos.

E o bom homem afastou-se sacudindo resignado a sua cabeça de carneiro manso, e espalmando na mão o grande lenço de ramagens. Mas o tratante do Xico Fidencio, receando o prestigio da palavra do presidente da Camara, fitou-o pelas costas com um olhar sarcastico e disse esta phrase enigmatica:

— Patricio de Loyola!

Macario ia tomar a palavra para secundar a opinião autorisada do Neves, quando por traz delle uma voz murmurou:

— Espere um pouco. Vou arranjar-lhe a primeira chicara de chocolate.

Era o Totonio Bernardino que trouxera da sala a Milú, derretida e rubra.

Ia arranjar-lhe uma chicara de chocolate . . . mas então já era possível tomar o chocolate e safar-se d'aquelle baile que já o estava aborrecendo muito, principalmente depois da conversa sobre os castanhaes. Macario seguiu o Totonio Bernardino que se dirigia para a cozinha. Na sala o Xico Ferreira e o Manduca Sapateiro, já muito cansados, fraquejavam, tocando uma polka abahianada. As luzes de kerozene começavam a morrer por falta de oleo. Só se esperava pelo chocolate para terminar o baile. O Cazuza Bernardino já gritara por tres vezes, inutilmente:

— Polka, meus senhores!

Ao penetrar no corredor da cozinha Macario esbarrou com o Dr. Natividade, que correu para elle, armando-se da luneta:

— Vai pedir chocolate, não é? Pois não arranja! . . . Nesta casa tudo é assim.

A mim fizeram-me uma desfeita, ouviu? Um desaforo! Graças a Deus, não me importa! Não estou acostumado a receber desfeitas, graças a Deus!

Macario quiz seguir adiante, desculpando-se. O juiz municipal pegou-lhe no botão do rodaque:

— Já sabe o que foi? Ah, não sabe ainda? Foi a tal Milú, uma roceira, que me pregou uma taboca por causa do Totonio Bernardino, um criançaola! Graças a Deus, eu não estou na altura de receber tabocas. No Recife, em Pernambuco, dansei com as melhores famílias, baronezas e condessas . . .

O Neves aproximou-se. O Dr. Natividade voltou-se para elle como de mais consideração:

— Graças a Deus, não estou acostumado a receber desfeitas. •

Macario safou-se para o interior da casa. Totonio voltara já da cozinha, com uma chicara na mão, cheirando a chocolate fresco. Mas, de surpresa, em caminho,

surgiu-lhe pela frente o pai, com a bandeja de fatias de parida. Vendo o filho com a chicara, o Bernardino Sant'Anna largou, afinal, a bandeja, collocando-a sobre o parapeito duma janella, e avançou para o namorado Totonio:

— Que diabo levas tu ahi, rapazinho?

O moço acovardou-se. Era um chicara de chocolate para a D. Milú, que lh'a havia pedido, por se estar sentindo muito fraca. Não tomara chá, a coitadinha!

O pai, furioso, tomou-lhe o chocolate, e deu-lhe uma descompostura. Estava bonita aquella pouca vergonha! Só a Milú é que merecia tudo. Não se dansava senão com a Milú, arranjava-se chocolate para a Milú fóra de tempo, e contra a sua ordem expressa! Pois ficasse sabendo que a Milú não beberia o chocolate.

— Mas, papai, eu prometti, balbuciou o Totonio envergonhado.

Macario, comendo discretamente as fatias de parida, de que se esquecera o Bernardino, achava o castigo duro.

— Não ha de beber, insistia o Bernardino, muito zangado. E' para lhe dar uma lição, senhor badameco, para o ensinar a não ser mettido a cebo.

E raspou-se para a cozinha com o chocolate.

Macario, com a boca atulhada de fatias, consolou o Totonio.

— Aquillo passa, peça-lhe com geito.

Mas o pai voltou da cozinha ainda muito zangado. Já dera ordem expressa para não entregarem nenhuma chicara de chocolate senão a elle proprio. Sempre queria ver quem beberia o chocolate sem sua licença!

Reparando nas fatias que deixara e no Macario alli perto, acudiu:

— O Sr. já comeu uma lá na varanda, quer servir-se de outra?

O sacristão, delicadamente, com dois dedos, tirou uma fatia e mordeu-a.

— Estão deliciosas, disse.

— Pudera não, replicou o Bernardino

carregando a bandeja, foi um poder de ovos e leite como nunca vi!

O Totonio, envergonhado, meteu-se num quarto, chorando. Macario voltou para a sala de jantar.

Era muito tarde, mas já agora não iria sem tomar chocolate.



CAPITULO V

AQUELLE Padre triste tinha mysterios no gesto e uma aggressão no olhar — pensava Francisco Fidencio Nunes, voltando para casa, sósinho, muito preocupado.

Fidencio fôra, essa tarde — uma tarde de Junho — sentar-se junto ao balcão do Costa e Silva, á rua do Porto, onde se reunia de ordinario o grupo anti-clerical que o tinha por chefe.

O sol, procurando esconder-se por traz da cordilheira, esbrazeava as vidraças miudadas das casas voltadas para o occidente, e uma grande sombra cobria a beira da praia e a parte adjacente do lago, que as

aguas dos rios e dos montes enchiam. O porto, a villa e o lago achavam-se quasi desertos áquella hora. Silves cedia á melancolia profunda das povoações sertanejas, aggravada agora pela ausencia de muitos habitantes. Uma brisa forte, vinda de sudoeste, agitava as raras folhas das amendoeiras do porto e refrescava o ar. O ceu, em todo o quadrante do sul, cobria-se de nimbos pardos que seguiam lentamente em grupo cerrado, obedecendo ao mesmo impulso. Nas alturas, os urubús, parecendo pontos negros, vagavam, descrevendo circulos, vinham descendo e depois subiam até se perderem de vista nos páramos azues, para reaparecerem a trechos e deixarem-se levar ao sabor do vento, como folhas arrancadas a uma arvore desconhecida. Coromins semi-nús, espojando-se na areia da praia entre gritos e risadas, rolavam até á beira d'agua, mettiam-se pelo lago dentro, mergulhavam, nadavam, fazendo apostas, e logo voltavam á terra, a brincar em pello o *esconde-esconde*, dando uma nota alegre,

que augmentava a tristeza do quadro da villa, a meio abandonada.

Francisco Fidencio estivera mal disposto de espirito e de corpo. Incommodava-o aquelle barulho de creanças. Levantara-se muitas vezes para as ir ver, pensando encontrar entre aquelles endiabrados algum discipulo, para o responsabilisar pelo excesso, e para o incumbir d'um mandado.

Desde a noite do baile do Bernardino Sant'Anna, Francisco Fidencio andava preoccupado e descontente. O engorgitamento do figado aggravara-se-lhe com a imprudencia de dois copos de cerveja que o Costa e Silva o forçara a beber, rompendo a dieta que se impuzera a conselho do Regalado e a rogos da Maria Miquelina. Demais, a roda, a sua boa roda de amigos, diminuiira depois d'aquella famosa festa. A poderosa attracção dos castanhaes arrancava todos os dias as ovelhas ao pastor catholico e os ouvintes ao propagandista do livre exame. Receando ficar isolado, sem os companheiros de palestra, o benevolo audi-

torio que o seu prestigio creara para todas as tardes á porta do Costa e Silva, Francisco Fidencio era obrigado a dissimular o aborrecimento que o facto lhe causava, para não dar o braço a torcer, não cahir em contradicção consigo mesmo, pois fôra do conselho de preferir as festas alegres das praias e dos castanhaes, ás massadas que o *selo antiquado do Padreco* pregava aos pobres moradores de Silves. Para contrariar o vigario e tirar-lhe gente, defendera o partido dos que pretextavam a necessidade de ganhar dinheiro para deixar a villa, e agora era punido com a mesma pena, a deserção chegara aos seus arraiaes, o amor das festas rusticas, á sombra dos castanheiros, das pandegas á beira-rio, ganhava os seus mais ferventes adeptos, convictos de que deviam, exagerando o enthusiasmo, dar o exemplo do pouco caso em que tinham as predicas e conselhos do Sr. Vigario. A victoria fôra completa, excedera mesmo a expectativa. Padre Antonio, solitario e abatido, ficava cada vez mais concentrado. O lorpa do

sacristão tomara para si o desaforo d'aquellas machinações attribuidas a elle, Xico Fidencio, *um atheu desrespeitador da religião*. Macario estomagava-se contra todo aquelle que falava em sahir da villa. No entender d'aquelle idiota, não havia nada melhor do que Silves, depois que morrera Padre José e viera Padre Antonio de Moraes.

O sacristão comia bem, bebia bem, andava bem trajado, gosava de consideração crescente e até já ia a bailes para apanhar indigestões de fatias douradas e de chocolate! Elle dispunha das esmolas, elle dirigia o pequeno serviço do culto, elle vendia os repiques e dobres de sinos conforme lhe aprazia, elle arranjava capa-magna para o baptizado dos filhos de seus amigos, elle fazia presentes de cera benta, zelava das opas, distribuia a seu talante as lanternas e as varas do pallio nas procissões solemnes ou no simples Nosso Pai, e não maltratava pessoa alguma, não prejudicava a ninguem. Havia em Silves missa todas as manhans, ladainha todas as noites, um bom sermão

de vez em quando, enterros, baptisados, casamentos, procissões ás vezes, Nosso Pai sempre que era preciso, confissão sempre que pediam, falava-se n'um chrisma proximo, iam inaugurar-se as missas cantadas para os dias de festa, por um plano que o Macario concebera e que o vigario achara excellente. Que mais faltava, que mais queriam? Como deixar Silves que offerecia todas essas vantagens da civilisação, para ir-se metter pelos castanhaes dentro, expondo-se a febres, a sezões, a mordeduras de cobras, a ataques de onças? Macario não comprehendia um tal procedimento: e queixavam-se do Padre José, diziam o diabo do Padre José! Mas o que Silves precisava era ter Padre José ou Padre João de Matta por vigario toda a vida!

O lorpa do sacrista não se continha, chegava a falar alto, censurando a quem quer que fosse, sem rebuço, mas não de frente, valha a verdade, sempre pelas costas. Falava pelas esquinas, á porta das lojas, no açougue e na padaria. Acompanhava

os viajantes até o porto, até vel-os embarcados na canoa, e quando a canoa partia, o Macario voltava-se, dizendo em voz alta para os que ficavam:

— Vão, mas é para as profundas!

Pois, apesar d'isso, Francisco Fidencio vencera. Aconselhara que preferissem a pandega lucrativa dos castanhaes aos sermões de Padre Antonio de Moraes, e a sua voz, revestida do antigo prestigio, fôra geralmente ouvida, e aquella tarde, na loja do Costa e Silva, constatando essa victoria quasi completa, a que a partida do collecter viria em breve dar a ultima demão, Francisco Fidencio achava que o triumpho fôra além do que esperava, e que ferindo em cheio o adversario, não sahira illeso do combate.

Bastava relancear os olhos pela sala quasi vazia, para convencer-se de que a victoria custava sacrificios. E, por isso, mais do que pela cerveja do Bernardino Sant'Anna, o seu figadose engorgitara de novo, reagindo contra as doses homoeopathicas do sapientissimo Regalado . . .

A loja do Costa e Silva era uma sala de tamanho regular, com tres portas para a rua, e uma para o interior da casa. Tinha alta armação envidraçada, dividida em dois raios, um destinada ás fazendas e outro aos objectos de armarinho, á sapataria, á louça e ás quinquilharias. Logo á entrada da casa ficavam um comprido banco de pau, que o uso polira, e algumas cadeiras de palhinha destinadas aos principaes frequentadores do estabelecimento. O grande balcão de cedro envernizado ia d'uma extremidade á outra, separando o vendedor do publico, e pondo uma barreira alta entre o accesso livre da sala e a região cubiçada onde os pannos americanos e as chitas pirarucús viviam em cordial confusão com as servilhas de marroquim vermelho e as garrafinhas de oleo de ricino, finas e azues, ostentando, em rotulos d'um colorido suave, os bagos de mamona branca soto-postos a um distico inglez em letras pretas. Sobre o balcão algumas peças de algodão grosseiro, uma caixa com anzoës e um em-

brulho de cera virgem, a par do covado, da vara de medir, attestavam a frequencia dos tapuyos dos sitios, que a vantagem da proximidade attrahia á loja do Costa e Silva. Na sala contigua, devassada pela porta sempre aberta, viam-se os barris de vinho, as caixas de cerveja e as pipas de aguardente, que formavam outro ramo de negocio do dono da casa, mas esse a grosso, para vender a cerveja ás caixas, a aguardente e o vinho aos garrações *a gente de certa ordem*, não aos tapuyos, a menos que não pedissem as quantidades marcadas e pagassem mais do que os brancos. Era um meio que o Costa e Silva, moralisado e crente, inventara para combater a embriaguez do povo. Por traz do balcão, unida a elle, estava a mesa de pinho encerado em que o dono da casa fazia as contas e os trocos, e escrevia a correspondencia, emquanto o caixeiro, um portuguezinho rechonchudo e claro, de olhos e cabellos pretos de azeviche, em mangas de camisa, aviava á freguezia, com uns modos

calmos e prudentes que desmentia a petulancia do olhar de vivo demonio. A' guisa de taboleta, sobre a parede exterior, privada de cal e de oleo, duas figuras, pintadas entre os vãos das portas, ostentavam as pretensões da primeira loja de Silves. Era um homem e uma senhora da altura de um metro, elle de calças justas, côr de rosa, terminando em pés enormes, tinha o ar d'um peralvilho de aldeia, com grossa bengala na mão; ella trajava vestido vermelho armado sobre crinoline, e com uma sombrinha azul ferrete abrigava do sol o monstruoso *coque* do penteado; por cima de ambos, um grande letreiro em tinta preta, já a meio apagado, annunciava — *Modas e Novidades de Paris, Joaquim da Costa e Silva.*

Ordinariamente, ao calir da tarde, reuniam-se alli, em torno do chefe maçónico, o Regalado, o professor Annibal, o Pedro Guimarães e o Xico Ferreira, o alfaiate, sempre distrahido, assoviando por entre os dentes, e batendo a compasso sobre

a perna esquerda, com a mão espalmada e molle. Tres rapazes novos, o Pedrinho Souza, o Totonio Bernardino e o Manduquinha Barata, gosando umas ferias interminaveis, applaudiam o Fidencio por feição, por estimulo de parecerem adiantados e ao mesmo tempo por troça, para debicar os Padres e cassoar das beatas de lenço branco. O tenente Valladão, o José Antonio Pereira, o vereador João Carlos, o Neves Barriga e o Dr. Natividade não passavam os bates da porta do Costa e Silva, *por via do atheu*, como diziam, mas o capitão Manoel Mendes da Fonseca, a pretexto de comprar alguma cousa que de repente lhe faltara na loja, apparecia ás vezes com o seu velho paletot de alpaca, o chapéu boliviano, as calças brancas engommadas, duras e largas como crinoline. E depois de regatear muito ao collega um par de sapatos ou dois metros de caniculo de côr, tomava parte na palestra, medindo as phrases, escolhendo os termos, reflectindo de vagar, discutindo gravemente os assumptos que o

Fidencio propunha; sacrificando facilmente a Igreja aos odios da Maçonaria, mas defendendo a autoridade civil, o Presidente da provincia, o Ministerio, confessando, entretanto, quando o apertavam muito, que o João Alfredo era um creançola, creatura do Camaragibe, e que não estava na altura da situação. O Paranhos, sim, era um talento. O dono da casa ouvia tudo da sua cadeira junto á mesa de pinho, arriscava algumas observações, mas não gostava das *ousadias do Xico Fidencio*, porque se gabava de acreditar em milagres e de ser catholico, apostolico, romano. Apesar d'isso, era um bom amigo o Costa e Silva, e não esquecera nunca as recommendações do Felippe do Ver-o-Pezo, a favor do professor. Por isso, gosava o Fidencio de completa liberdade na casa do Costa, onde tinha a sua continha aberta, que passava de mez para mez n'um *crescendo* perigoso.

Mas agora o Costa e Silva estava ausente. Havia uma semana que seguira para o Ramos, buscando os castanhaes.

Levara a familia toda, a igarité bem carregada de fazendas, de aguardente, fumo, café, coraes, palmas e medidas do pé de Nossa Senhora. Outros muitos se haviam retirado, e, n'essa tarde, de Junho, o auditorio do professor se compuzera exclusivamente do Pedrinho Souza e do Manduquina Barata, porque mesmo o Totonio Bernardino, o mais serio e o mais intelligente dos tres, affrontando as iras paternas, partira para o Urubús, doidamente apaixonado pela Milú, a sobrinha do Neves Barriga. Começara aquelle namoro, por brincadeira, no baile do casamento do Cazusa, e rapidamente se transformara n'uma paixão profunda, em que aquellas duas creanças, sem levarem em conta as conveniencias de familia e a vontade dos pais, arriscavam o futuro, e, em todo o caso, a tranquillidade do coração. Pobre Totonio! O pai o queria forçar a voltar aos estudos, ambicionando fazel-o bacharel ou padre, para gloria da familia, cujas posses admittiam esse luxo; e elle, vadio e namorado, preferia ficar no

O MISSIONARIO. 18

Amazonas, vagabundeando pelas ruas de Silves, ou descansando á sombra das arvores frondosas do sitio do Urubús, ao lado de sua adorada Emilia, n'um idyllio perpetuo. Quem venceria n'essa luta de vontades entre pai e filho? O Bernardino Sant'Anna era teimoso e rude, estava acostumado a lidar com escravos, mas o Totonio era moço, livre e apaixonado. Quem venceria?

Fazia-lhe falta o Totonio Bernardino. Se elle ao menos estivesse alli! Fidencio não gostava de falar para tão pouca gente, principalmente não tendo á sua disposição senão os ouvidos do Pedrinho e do Manduquinha, que eram mais socios e auxiliares do que publico. Muito aborrecido, Fidencio estava com vontade de mandar chamar o Regalado para lhe communicar uma nova importante, afim de que a espalhasse pela villa, mas não havia alli quem o fosse procurar.

Felizmente, um homem aproximara-se a passo vagaroso e grave. Era o collector.

Emfim! Francisco Fidencio podia desembuchar, podia falar, podia contar o que sabia de novo, apimentando-o com os comentarios do costume!

O collecter tocara no boliviano, com muita cortezia.

— Boa tarde, meus senhores.

— Boa tarde.

Vinha pedir que lhe cedessem alguns anzoes para pirarucú. Faltavam-lhe no sortimento, fôra um diabo de esquecimento do seu correspondente, porque no pedido estava bem explicado — anzoes para pirarucú. Mas o Elias tinha tanto em que pensar, andava sempre tão atarefado! E como queria partir o mais depressa possivel para os castanhaes, afim de aproveitar a licença que lhe viera de Manãos, não tinha tempo de mandar buscar os anzoes ao Pará, e vinha pedir ao collega que lhe cedesse alguns.

— Sempre vai aos castanhaes, Sr. Capitão?

— Vou, Sr. Professor. Ha muito tempo

que não deixo o emprego, estou aborrecido e cansado, e a D. Cyrilla, coitada! quer passar o S. João nas praias. Mas a collectoria nada perde. Fica ahi o José Antonio Pereira.

E accrescentara, sentando-se n'uma cadeira, enquanto o Manoel ia escolher os anzoos na caixa:

— Aquillo é uma perola.

— Não digo que não, disse o Fidencio, sorrindo, mas . . .

O collecter atalhara, convencido:

— Homem de toda a probidade. Conheço-o.

Fidencio não estivera de maré para discutir a pessoa do Pereira, o que elle queria era dar a ultima novidade.

— Já leu o *Baixo Amazonas*, Sr. Capitão?

O collecter não tinha lido; nunca lia aquella folha, porque só assignava o *Diario do Grão Pará*, que o Elias lhe mandava por causa das cotações do cacau e da borracha. Demais, que lhe importavam os

negocios de Santarém? Era d'uma provincia estranha, nada tinha com as brigas do Barão com o Dr. Souza.

Fidencio contara então. Recebera aquelle jornal, na vespera, por um regatão, e lera a noticia d'um ataque de indios na Mundurucania. Segundo o *Baixo Amazonas*, um bando de Mundurucús ferozes atacara a pequena povoação de S. Thomé, incendiando as casas, e matara muitos moradores. Isto em pleno seculo dezenove, exclamara por sua conta, e sob o governo do José Maria da Silva Paranhos! O povo pagava impostos ao Estado para ter a sua vida garantida e a sua propriedade segura! A isto estava reduzido o Amazonas, graças á inercia do presidente da provincia, a uma floresta virgem, onde os habitantes a todo momento eram trucidados pelos selvícolas! Fidencio ia escrever uma carta forte ao *Democrata*, verberando o Ministerio. Oh! havia de ser uma das suas mais apimentadas correspondencias, mostraria o que era esse governo de fracalhões, de covardes, de malandros, que deixava que os *roupetas*

de Loyola se assenhoreassem do povo, e não tratava de o defender contra os incolas da floresta, porque só cuidava de encher a pansa ao Mauá e mais meninos bonitos.

— Hei de mostrar-lhes! terminara accendendo o cigarro e indo sentar-se no banco de pau, para limpar as unhas com um palito.

O Collector tomara a defeza do governo contra as *injustiças* de Fidencio. O Ministerio não tinha culpa! O Presidente era um excellente homem, um cavalheiro amavel e não podia prever. O que provava contra o governo do paiz aquelle lamentavel factio da Mundurucania? Que não temos braços.

— Varro, bradara o Pedrinho Souza, por troça, varro, Seu Capitão. Braços tenho eu e mais V. S., o Xico e o Barata.

O capitão explicara complacientemente. Queria dizer que se a população augmentasse, os sertões se povoariam e o gentio fugiria para longe, para muito longe, lá para Matto-Grosso. E porque não augmentava a população, cousa que já de si bastava

para responder ás censuras, á primeira vista, justas do Sr. Fidencio? Evidentemente, por falta de braços . . .

— Talvez por falta de cabeças . . . acudira o professor, griphando a phrase para o metter á bulha.

Os rapazes deram uma risada, dizendo: essa é que é a verdade!

O collecter sorrija, assoara-se e continuara, fingindo não entender a pilheria:

— Por falta de cabeça, diz V. S.; e talvez tenha razão até certo ponto, porque sem cabeça não ha homem e sem homem não ha braços, sem braços não ha população, nem lavoura, nem civilização, nem nada. Entretanto, o governo tem cuidado seriamente da catechese, que seria outro meio de acabar com os selvagens, convidando-os pela brandura e pelas boas maneiras a virem tomar parte no banquete do christianismo. O diabo é que não se pôde fazer catechese sem padres, e os padres . . .

— D'isso não cuidam elles, interrompera Fidencio aproveitando o ensejo. Catechese! Está fresco! Do que elles cuidam

é de assegurar o seu predomínio sobre as famílias catholicas pela confissão, pelas rezas, pelos bentinhos, afim de conseguirem os seus fins tenebrosos, como dizia Voltaire. Eu não creio na catechese pelos padres, porque o indio não é civilisavel, mas, emfim, antigamente os padres dedicavam-se á conversão do gentio, como, por exemplo, S. Paulo que foi chamado o Apostolo dos Genticos. Mas, hoje, do que elles tratam é de namorar as mulatas e de encher a pansinha com petisqueiras finas, e aferrolhar o cobre para o que der e vier.

Os rapazes applaudiam com profundo conhecimento da questão, bebido nas muitas lições anteriores. O capitão Fonseca sacudia a cabeça, como tendo muita cousa a oppôr. O portuguezinho do balcão, o Manoel da Costa e Silva, como o chamavam, encostado á mesa de pinho do patrão, de braços cruzados, silencioso, parecia não ouvir o que se dizia; enfiava o olhar negro e vivo pela porta que lhe ficava em frente, embebendo-o nas nuvens que sombreavam

o lago, restringindo o horizonte, e que talvez lhe estivessem recordando o ceu da sua querida aldeia minhota. Quando Fidencio fazia uma pausa, um bezouro verde-negro zumbia sonoramente, batendo-se pelas paredes. A vozeria das creanças diminuíra, ouviam-se as mãis que as chamavam para a casa, ameaçando-as, de cipó em punho. De vez em quando um tapuyo, retardado pelo pórrre da ultima hora, passava pelas portas, pisando forte, admirando com os olhos vermelhos as figuras pintadas nos vãos da fachada. A noite vinha vindo do fundo do Saracá.

Fidencio desferrara-se então da privação de dias, repisando as declamações contra os padres. Todas as accusações formuladas pela imprensa livre-pensadora, pelos pamphletos baratos, todas as banalidades sediças reeditadas de fresco pelos inimigos do clericalismo na luta travada a proposito do interdicto das Irmandades, tomaram na boca do professor — tinha presumpção d'isso — a forma original dos

seus calemburgos brejeiros e das suas pilherias desaforadas. O Pedrinho Souza e o Manduquinha ajudavam-n'o, esclarecendo com o commentario das gargalhadas o sentido equivoco das expressões, revestidas de um respeito affectado pela pessoa do capitão Fonseca. O Collector ja começava a ceder, meio vencido, mas entrincheirando-se na Divindade de Christo e na Virgindade de Maria Santissima. Desses dois dogmas é que não admittia que se duvidasse. O jornalista desfiara um longo rosario de anedotas picantes, reminiscencias da Central, para provar que os padres eram os verdadeiros inimigos da religião catholica e da moral publica. E, despertando-lhe aquellas reminiscencias a indignação adormecida, bradara, batendo uma punhada sobre o balcão:

— Corja⁴ de jesuitas! Do que precisam é d'um marquez de Pombal!

N'essa occasião o vulto de Padre Antonio de Moraes, esbatido pela dubia claridade do ultimo crepusculo da tarde, dese-

nhou-se no trecho de rua devassado pelas portas da loja, passando vagarosamente, sereno e triste, na batina negra.

Houve um momento de curiosidade. O Manoelzinho sorriu, olhando para a professor.

Fidencio agarrara a ocasião, pelos cabellos:

— Olhe, olhe, dissera, apontando ao Collector o padre, veja lá se aquelle é capaz de deixar a pelinragem, com que pretende enganar a todos, para metter-se no matto a converter tapuyos bravos; se é homem para deixar a sua casinha commoda da rua da Matriz, o seu vinhito do Porto ao amanhecer, o gordo tambaqui macio, o descanço da vidinha de padre vigario para internar-se pelos sertões em busca de selvagens, arriscando a pelle. — Nada, que isto de ser padre é meio de vida e não meio de morte, terminara vindo á porta contemplar o vigario que se demorara a conversar com um homem que encontrara.

— Sim, observou o Collector, bem sei

que isto de padres, hoje em dia, é uma carreira, como a de advogado, por exemplo, cada um procura a maior commodidade possível. Não contesto, accentuou olhando para o Pedrinho Souza que estava a rir; não contesto que a Igreja precise de reformas serias; entretanto, ha padres que não são de todo maus. Padre Antonio não bebe, não joga, não dá escandalos com mulheres, diz a sua missinha todos os dias, prega de vez em quando, é um pouco exigente talvez, pensa que o mundo está para acabar. E' ainda muito moço — não digo que se faça de padre italiano para catechisar selvagens — mas pôde vir a ser um padre distincto. Quanto a metter-se em catecheses . . .

— Pois sim, exclamara Fidencio, subitamente illuminado por uma idea ousada, olhe, ahi o tem, Sr. Capitão, chame-o e pergunte-lh'o.

— Chamal-o não tem proposito, respondeu o Collector.

E, assustado da lembrança, correu os olhos pelos circumstantes, perguntando:

— Que diria elle do meu procedimento irregular?

O Manduquinha Barata e o Pedrinho Souza apoiaram o pedido do professor. O Collector resistia. Então Fidencio manejava uma arma habil:

— Pois o Senhor Capitão não tem familiaridade com o padre?! E' o que todos dizem. Elle é obrigado a V. S. por muitos obsequios, e não creio que a pessoa de sua consideração elle estranhe procedimento tão simples.

Francisco Fidencio e os dois rapazes teimaram, provocando a vaidade do capitão Fonseca. Estavam vendo que não era o que se dizia! Ou o capitão era muito acanhado ou o vigario não o tinha em grande consideração! O Collector, para provar a influencia de que gosava, não hesitara mais em sacrificar o padre.

Levantou-se, chegou á porta da rua. O vigario estava na occasião de face para elle. No seu rosto calmo e sereno uma bondade reluzia. Falava affavelmente, em

voz baixa, com o homem, um tapuyo morador da beira do lago:

— Padre-mestre, faz favor? disse o Collector em voz alta.

— Estava aqui sustentando este senhor, continuou na sua voz autoritaria e grave, quando o padre, largando o tapuyo, chegou á porta da loja; estava aqui sustentando este senhor que no Brazil não ha mais padres que façam catechese de indios, porque na Mundurucania os gentios queimaram a povoação de S. Thomé e assassinaram os habitantes. Eu, pelo contrario, sustentava que ainda ha missionarios, posto que isso seja mais proprio de italianos. Que diz, V. Revdm^a.?

Padre Antonio olhou demoradamente para Fidencio, para os dois rapazes, para a figura pascacia e grave do capitão Manoel Mendes da Fonseca. No olhar brilhou-lhe um relampago, com uma expressão de desafio e luta que Fidencio estranhou, surprezo. Depois o padre sorriera e dissera:

— Este senhor tem razão; ha muitos chamados e poucos escolhidos.

Saudara cortezmente e accrescentara:

— Queiram desculpar, são horas da ladainha.

Francisco Fidencio Nunes voltara para casa, sósinho, muito pensativo.

Quando Padre Antonio de Moraes deixou a porta do estabelecimento do Costa e Silva, levava uma irritação surda que a custo contivera na presença do correspondente do *Democrata*, que nunca vira tão de perto, e cujos pequenos olhos pardos o desafiavam como dois punhaes erguidos sobre o seu peito. Vira os dois rapazes maliciosos, sorridentes, preparados para arrebentar de riso com as pilherias que o professor ia dizer ao padre, vira o capitão Mendes da Fonseca de cabeça inclinada, lenço desdobrado nas mãos espalmadas, prompto a ouvir a resposta e a assoar as ventas, e comprehendera a intenção humilhante com que o haviam chamado. Lembrara-se de repente do tempo do Seminario e tivera um impeto do entrar na loja, de tornar patente

a vacuidade daquella intelligencia desregrada, a futilidade daquella erudição de algebeira, a insignificancia daquelle sujeito que Silves venerava, e cuja camisa amarrotada e suja, de punhos afiapados, cujas mãos suadas de anemia, com dedos culotados pelo abuso do cigarro, davam-lhe uma sensação de repugnancia e de hostilidade, que não podia vencer. Comprehendera, reflectindo, a tolice duma discussão com aquelle homem, naquelle lugar, que o faria resvalar para o terreno da igualdade com aquelles tres vadios insolentes, mas agora, continuando o seu caminho para a Igreja, sob os ultimos raios do sol já occulto por traz da cordilheira, tinha um vago pesar da vingança insatisfeita.

Xico Fidencio symbolisava para Padre Antonio de Moraes todos os desgostos das illusões perdidas, todo o desencanto da sua generosa tentativa de regeneração de Silves, e o amargor do amor proprio vivamente ferido pelo insuccesso dos seus esforços.

Fôra cruel a desillusão causada pelos

effeitos negativos do seu ultimo sermão, trabalhado noite e dia com esmero, com carinho, com o entusiasmo da esperança numa victoria que se lhe affigurava garantida. E desde esse dia um aborrecimento mortal lhe viera invadindo a alma, produzindo um grande desanimo. Já se sentia incapaz de proseguir naquella obra de moralisação e doutrinamento para a qual se necessitavam uma paciencia heroica e uma abnegação de todos os momentos, que teriam de ficar obscuras, para sempre desconhecidas. Fizera um enorme esforço sobre si mesmo para dedicar-se áquella modesta carreira, abafando os lampejos do genio irrequieto e ousado, contendo a custo o impeto das paixões que lhe tumultuavam no cerebro, mordendo o freio da conveniencia e da gravidade, como no caso da provocação do Xico Fidencio, com a raiva impotente do cavallo que mão valente refreia. Sentia na vaidade picadas lancinantes, cada vez que adivinhava o olhar desconfiado e caustico do jornalista a pres-

crutar-lhe as intenções, com uma enorme avidez de lhe descobrir as falhas da armadura, para as expor nas columnas do *Democrata*, com as victimas habituaes da sua impia crueldade. E, como agora, cada vez lhe custava mais o dominar-se!

Aquella vida de obscuros e não apreciados sacrificios, de virtudes negativas que os amigos de Silves resumiam em—não beber, não jogar, não dar escandalos com mulheres — começava a pezar de modo insupportavel, e Padre Antonio entrevia, cheio de profundo e intimo desespero, um futuro vulgar de padre bem comportado, preso á igreja duma villa de interior, numa collação perpetua, engordando na vadiação estúpida dum parochiato aldeão, e acabando, esquecido do mundo, numa ictericia negra. Agora estava farto das beatas de lenço branco na cabeça, de andar miudo e lingua viperina; cançado de ensinar o catecismo ás creanças; enjoado das ladainhas, puxadas numa voz monotona, á frente de tapuyos boçaes, á luz mortiça das lampadas de azeite

de mamona. E caminhava, á boca da noite, seguindo a curvatura graciosa do lago Saracá, soluçante e pardo, para ir rezar uma ladainha!

A obrigação que se impuzera de dizer missa todas as manhans para o povinho ouvir ia ficando uma sujeição incompativel com a dignidade do sacerdocio, uma *massa-da activa e passiva*, pensava, recordando os dissabores do dia que ia findar na estopante reza da noite. O vinho, o famoso vinhito do Felipe do Ver-o-pezo, já lhe não parecia o mesmo. O portuguez o teria deslealmente adulterado com passas e aguar-dente assucarada? As hostias sabiam a mofo, apesar de constantemente renovadas. A igreja núa, fria, só era procurada por gente incapaz de perceber uma syllaba de latim. Então, á beira do lago deserto, uma indignação o possuiu, achando ridiculo o recitar phrases latinas e gregas a uma duzia de negras velhas que, de joelhos, vergadas para traz, com os olhos em alvo e os dentes brancos brilhando na sombra, estropeavam

a ladainha na repetição fanhosa e grotesca das invocações da prece.

E cada passo que dava o aproximava da igreja, cada momento que fugia adiantava a hora em que teria de recitar em voz monotoná as phrases latinas e gregas que as negras não entendiam . . .

Sentiu um grande desgosto de si mesmo.

Não, não fôra para aquelle viver suave, unido e despreoccupado, como a toalha escura do lago sertanejo, que cursara as aulas do Seminario Grande, aprofundando a theologia. Não para ser mestre de coromins nem para corifeu de ladainhas, levára á parede tantas vezes o maior theologo do norte do Imperio, chegando a despertar a attenção do illustre Prelado Paraense. Era digno de maiores ambições do que as resumidas no modesto sacerdocio que exercia, estando, como estava — modestia á parte — convencido que o saber e a intelligencia o podiam levar ás mais altas posições da igreja. Estava deslocado — homem de genio obri-

gado a viver no aperto dum meio estúpido e banal, incapaz de o comprehender, indocil á sua acção regeneradora. Eram aquelles o fim e o resultado de tantos estudos e trabalhos?

Caminhava lentamente, preocupado, sentindo no coração uma inquietação vaga. O lago gemia tristemente, monotono e tranquillo. A rua alargava-se, arenosa, escavada pela acção das chuvas, atravancada de cães vadios, de vaccas de leite ruminando na sombra. O casario sumia-se na escuridão crescente, crivado de vez em quando por uma fachada nova e branca, salpicado a trechos de gotas vivas de candieiros illuminados. No fundo, a massa escura da serra sustentava um ceu negro, recamado de estrellas scintillantes. Uma brisa subtil, impregnada do perfume de cedro novo, vinha do fundo do lago, agitando de leve o recorte dos ramos das amendoeiras. Os sinos da Matriz começaram a tocar o signal da ladainha, cortando de subito com a voz de bronze bem fundido o silencio da villa.

Padre Antonio adivinhou a figura do Macario sacristão, de pé á porta da Igreja, olhando para todos os lados, severo e impaciente, e um terror deteve-lhe de repente os passos vagarosos, pensando no sacrificio que mais uma vez faria e no insuccesso das lutas até alli comsigo mesmo travadas.

A liberdade de que gosava, as facilidades encontradas n'aquelle meio relaxado e indolente, as provocações da vizinha tão faceis de contentar no mysterio dos quintaes contiguos, as investigações dos que zombavam de sua virtude inacreditavel, a inoccupação do espirito, alheio aos pequenos detalhes do serviço diario, haviam-lhe espicado a paixão, dominante no temperamento paterno — a acreditar no que lhe haviam contado o padrinho e o Felippe do Ver-o-pezo, excitando-o ao ponto de consumir-se em noites de insomnia, todo entregue aos ardores da sensualidade reprimida, como no tempo do Seminario, pelo que lhe renasciam os terrores da condemnação eterna, e, nos momentos de desanimo, julgava-se irre-

mediavelmente perdido, vendo-se sem força para resistir por muito tempo ás exigencias da sua carne de vinte e dois annos.

Os sinos repicavam, n'uma impaciencia alegre. Padre Antonio continuou a caminhar lentamente, pensando que cem vezes estivera a cahir, cedendo á fatalidade da herança e á influencia do meio que o arrastavam para o peccado. O medo da condemnação eterna, espantallo que para sempre aterrara a imaginação supersticiosa do matuto, o desejo de ganhar a victoria, e, porque não o confessaria na solidão da rua adormecida? o olhar suspeito e investigador do jornalista liberal haviam-no salvado da queda. Quizera lutar e vencer. Dominara o impeto das paixões, na certeza de que venciam tambem o insolente collaborador do *Democrata* de Manáos. Mas agora — pela centesima vez o pensava — á sua natureza forte não podia quadrar aquelle viver mesquinho que o tanger dos sinos lhe recordava. Forçoso era fugir a todo o custo ás tentações da existencia desoccupada e

facil de parochio sedentario. Voltava novamente a desejar uma vida de tormentos e martyrios da carne, sonho que esquecera por algum tempo no entretenimento do culto divino, mas que ultimamente se impuzera como soluçãõ unica do problema do futuro, promettendo seductoramente na palma do martyrio a glorificaçãõ desta vida e a segurança da outra.

Havia muitos dias que esta idéa se lhe fixara no cerebro como um prego mettido a martello. Descurara o serviço da igreja, dera sueto aos alumnos, fôra severo com as beatas e intratavel para o sacristãõ. Andava preocupado e melancolico, sem appetite, passando horas compridas no cemiterio, contemplando as campas mesquinhas, ornadas de cruces toscas de madeira, e pensando na morte, na outra vida, no pouco que pezariam as suas acções na balança do julgamento final, e convencido agora, profundamente convencido que sem boas obras não poderia ir para o ceu apesar da sua fé ardente, ao contrario da dou-

trina que despertara a justa indignação do maior theologo do Bispado, do illustre Padre Azevedo.

A' vista das pobres sepulturas invadidas pelo matapasto e pelo *cordão de S. Francisco*, sentia uma tristeza infinita, misturada de raiva, pensando que um dia, como os pacificos habitantes d'aquella humilde necropole, elle, Padre Antonio de Moraes, dormiria esquecido o somno do anniquilamento, sem deixar de si memoria alguma. Sobre o seu tumulo obscuro viriam pastar as cabras dos arredores e os mansos bois de carro, e como não ficava uma lembrança, uma saudade, a unica voz que choraria sobre o seu corpo inanimado seria a do morucututú agoureiro, fugindo á luz do dia e ao alegre convivio da passarada na matta para gemer tristemente nas trevas e na solidão do cemiterio os seus melancolicos amores.

De que lhe teriam então servido e a que ficariam reduzidas a mocidade, a intelligencia, a extrema dedicação pelo pro-

ximo de que elle se sentia capaz, se tudo isso acabava n'uma cova escura e fria que os animaes pizavam e os homens olhavam com indifferença? Meditara muito n'essas occasiões de isolamento, sobre a ignorancia da hora suprema, sobre a incerteza da vida que, no dizer da Escriptura Santa, é uma folha que cae á menor aragem, e pensava que ninguem ha que não cuide viver ao menos até o dia seguinte. A morte podia surprehendel-o d'um momento para outro, tornando-o para sempre esquecido dos homens e deslebrado de Deus, a quem servia tibiamente no descanso do parochiato commodo de villa sertaneja, dormindo em macia rede de linho noites compridas e tranquillias sob coberta enxuta, nutrindo o corpo de gallinhas gordas e de tambaquis saborosos, acompanhados d'um suave vinho verde, espesso e cheiroso. Recordava a sentença do philosopho, a vida é arvore que traz em si a semente da morte e nunca é cedo para cuidar da longa viagem, e estre-mecia de susto á idéa de que um desses

accidentes dos climas tropicaes, uma simples perniciososa podia colhel-o de surpresa, não preparado para a vida eterna, não feito para a vida subjectiva da immortalidade do nome. E á beira daquelle lago sertanejo, ao meio da villa deserta, ouvindo o segundo signal da ladainha, e imaginando o Macario de pé á porta da Igreja, as negras velhas sentadas no ladrilho, á espera d'elle, n'uma passividade resignada, viu-se claramente condemnado áquelle supplicio novo e doloroso, inventado pelo poeta para as almas tristes que neste mundo não cahiram na infamia, nem souberam merecer applausos.

« . . . l'anime triste de coloro
che visser senza infamia e senza lodo.»

Não. O cumprimento banal do dever não bastava. Ser um bom padre, não beber, não jogar, nem dar escandalos com mulheres não bastava á ambição de Padre Antonio de Moraes. Demais o interesse da salvação da alma confundia-se singularmente com a sêde de reputação e renome que o

devorava. Fosse o modelo dos padres, em Silves, não conseguiria vencer a muralha do indifferentismo publico. ganhando a gloria que perpetúa uma personalidade na memoria dos homens, asseguraria o triumpho da sua causa perante o tribunal do Juiz indefectivel. Era preciso ser um heroe para a humanidade e um martyr para Deus. A vasta ambição abraçaria o ceu e a terra. Ser um santo celebre, eis um ideal digno que as circumstancias contrariavam e o seu temperamento punha em risco.

E como combater esse risco? O isolamento, a falta de alimento serio para o espirito inquieto e agitado, a ociosidade em que o fastio das funcções ordinarias do officio e a indifferença dos freguezes o deixavam, entregavam-n'o desarmado e fraco ás paixões ardentes que lhe tumultuavam no cerebro. A cultura intellectual recebida no Seminario a modo que lhe augmentava o mal-estar do coração, incapaz de affazer-se áquelle meio ignorante. Não tinha com quem trocar duas idéas em conversa que

lhe contentasse o espirito. Lia e relia o *Flos Sanctorum*, procurando achar nos innumerados martyrios dos grandes homens do christianismo um tormento igual ao seu, nada o consolava, nada podia arrancar-lhe do coração o pungente espinho da sua inutilidade imbecil, da sua chata vulgaridade.

Depois do insuccesso do ultimo sermão, não passava mais pela rua do Porto, nem pelos lugares mais povoados. Vagava pelos arredores da villa, sombrio, preocupado, fugindo ás vistas curiosas dos poucos habitantes de Silves, maldizendo a irresolução e a fraqueza que a mãe lhe transmittira no sangue. A' noite embalava-se na rede, fazendo ranger as cordas nas escápulas de madeira, e murmurando citações latinas como para se convencer d'essa verdade que o seu temperamento de contradicção repellia ainda, e parecendo-lhe ver, a cada trecho, na indecisa claridade dos cantos, surgir, provocadora e risonha, a figura juvenil da Luiza Madeirense.

Quando sahiu ao largo da Matriz era

noite fechada, mas viu perfeitamente o vulto do Macario, á porta, esperando. E penetrando no templo escuro e frio, deu-lhe uma agonia, como se para sempre entrasse no aniquilamento total da sua personalidade.

CAPITULO VI

— Saberá V. Revdm^a. que já são seis horas.

E Macario, de servilhas e em mangas de camisa, foi abrindo a porta da alcova á luz suave da manhan. Padre Antonio acordou do somno que o dominara por alta madrugada, depois de uma longa noite de vigilia. Já seis horas! As janellas da sala, abertas de par em par, offereciam franca passagem á brisa humida repassada de aromas subtis de flores campestres. Da rua vinha um rumor vago de portas que se abriam e de vozes raras e espaçadas. Ao longe chiava um carro de bois, descendo para o pasto, sob o aguilhão do lenhador que fornecia os depositos da Companhia do

Amazonas. No quintal da Luiza Madeirense um gallo cantava batendo com força as azas.

— Já seis horas! repetiu Padre Antonio, puxando até o pescoço o lençol da cama, n'uma sensação de frio e somno. Passara mal a noite, e depois, que lhe importava a hora, pois que nada tinha a fazer naquelle dia? O melhor era encostar as janellas e apromptar-lhe o café para as oito horas. Sentia-se cansado e moido, ia talvez cahir doente, um grande torpor apoderava-se-lhe do corpo, tinha dores vagas, palpitações, um grande peso na cabeça, o melhor era descansar, já que com isso nada perdia o serviço da parochia.

Macario insistiu. Eram seis horas dadas, e se os herejes maçons abandonavam a villa, ainda havia almas christans que precisavam do ministerio de S. Revdm^a. A Xica da Beira do Lago, aquella velhinha devota, andava mal de sezões e mandava pedir a S. Revdm^a. que a fosse ouvir de confissão á sua casa, visto como a molestia não lhe permittia vir á igreja. E S. Revdm^a.

devia fazer esse serviço já, a tempo de voltar para o almoço, evitando o sol ardente de Junho.

— Um quarto de legua! murmurou Padre Antonio, voltando-se para o lado da parede; um quarto de legua na ida, outro na volta, meia legua pelas lamas do caminho do lago!

E accrescentou, como para desculpar-se daquella lamentação que a preguiça lhe arrancara:

— A Xica nada tem que a impeça de vir á villa e a obrigue a confessar-se com tanta urgencia. E' uma alma simples, gostou de confessar-se todas as semanas, coitada!

E depois, com um largo bocejo, retalhado de cruces sobre a boca:

— Aposto que Padre José não se dava a estas massadas!

Padre José era Padre José, e S. Revdm^a. é Padre Antonio de Moraes, redarguiu Macario com leve impaciencia. Tambem o defunto vigario cantava e dançava lundús e S. Revdm^a. não o fazia. Padre José man-

dava presentinhos ás moças, passava os dias aos lagos, ao tempo das salgas, o dinheiro não lhe chegava, porque tinha ás tres e quatro por sua conta, era uma bandalheira! Ao passo que S. Revdm^a. era conhecido como um sacerdote exemplar e o proprio Xico Fidencio não o negava, posto tivesse o arrojo de dizer que aquillo era manha ou acanhamento de padre novo, que passaria com a idade. Um patife aquelle Xico Fidencio, uma pedra de escandalo para a população, atheu, desbocado, maldizente e amancebado! Era o causador de todos os males da villa, o autor de todas as desgraças, o enredador-mór de todas as tramas e intrigas, aquelle excommungado Xico Fidencio! Por causa delle brigara o Valladão com o Bernardino Sant'Anna, a fogo e sangue. Elle instigara o Totonio a desobedecer ao pai, que o queria mandar para o Lyceu, a teimar em casar-se com a sobrinha do Neves. O Manduquinha Barata e o Pedrinho Souza estavam perdidos por culpa delle. Levantara a opposição ao con-

fissionario, impellira o povo a fugir para os castanhaes, desamparando a villa e fazendo ouvidos de mercador ás predicas de S. Revdm^a. Era um patife! Era pena, realmente, que um homem tão instruido fosse tão perverso, mas emfim em algumas cousas, forçoso era confessal-o, o Xico Fidencio tinha razão e as suas correspondencias diziam a verdade, por exemplo, quando falava das bandalheiras do defunto Padre José, que Deus houvesse.

— Emfim, terminou Macario, Padre José está dando conta do que fez e a velha Xica esperando que V. Revdm^a. a vá confessar. Levante-se V. Revdm^a., que o estou desconhecendo hoje, e faça a caridade que lhe pede a pobre da velha, para que morra em paz com Deus.

Padre Antonio, levantando-se de subito, como se tivesse acabado de tomar uma resolução longamente meditada, fixou a vista no rosto do sacristão:

— Sabes que estou decidido a fazer uma missão ao Porto dos Mundurucús?

— Nos Mundurucús! exclamou Macario, atordoado com a inesperada revelação. Nos Mundurucús! repetiu com pasmo. Mas saberá V. Revdm^a. que nos Mundurucús não ha alma christan?

Sabia o perfeitamente, e fôra por isso mesmo que formara aquella resolução. Desejava ir ao Porto dos Mundurucús, converter os selvagens, trazel-os ao seio da religião, catholica, e ao mesmo tempo libertar o Amazonas dessa terrivel praga de indios bravos que lhe entorpecia o progresso.

Macario não acreditava, pensava que S. Revdm^a. estava brincando, queria caçoar com elle para o castigar de o ter acordado tão cedo por causa da velha Xica. Afinal, pensava, ir á casa da velha não era o mesmo que ir ao Porto dos Mundurucús, ao centro da Mundurucania. A Xica não comia gente, e os indios, ficasse S. Revdm^a. sabendo, eram anthropophagos, como dizia o professor Annibal, pellavam-se por carne branca. S. Revdm^a. não lhe levasse a mal a insistencia com que lhe falava na pobre

velha da beira do lago, uma christan que não se podia comparar com aquelles inimigos de Deus que matam e esfolam uma creatura do Senhor por dá cá aquella palha.

— Maior o merecimento e maior o serviço, replicou Padre Antonio, enfiando a batina que o sacristão lhe apresentava. E enquanto a abotoava de cima a baixo com gesto lento e grave, começou a falar com uma eloquencia calida, depositando no seio do Macario os sentimentos que lhe transbordavam do coração e que por muito tempo guardava no intimo do peito. Sentia uma grande necessidade de expansão, de abrir-se com alguém, de deixar sahir os pensamentos reconditos, as idéas vagas, os motivos mysteriosos que, fervilhando no cerebro num combate nervoso de todas as horas, impunham-lhe o proceder á primeira vista inexplicavel e estranho que desnor-teava o amigo. Disse então com toda a franqueza, como se conversasse com um irmão do seu espirito, que aquelle era o sonho dourado de toda a sua vida de moço.

Missionar, prégar o Evangelho e morrer ás mãos dos indios, não podia haver nada mais glorioso para um verdadeiro ministro do altar. Sacrificar a vida ao ensino da religião do Crucificado, nada mais digno d'um Padre. Converter ao christianismo algumas almas ignorantes, arrancar ao inferno algumas creaturas de Deus, lutar com o inimigo do genero humano, vencel-o pela vida ou pela morte, nada satisfaria melhor os instinctos de sua alma ardente e apaixonada. Quando preferira uma vigararia do sertão ao curso das altas classes de S. Sulpicio, quando desprezara o futuro brilhante que se lhe antolhava no doutoramento em Roma, nas honras do Cabido, no apreço e na consideração do mundo, pelo exercicio das funcções mais elevadas do clero diocesano, apanagio dos homens de talento que D. Antonio consagrava e preferia, fizera-o na convicção enthusiastica das grandes cousas que poderia obrar, propagando a fé catholica entre o gentio do Amazonas, sacrificasse embora a vida mise-

ravel a esse generoso empenho. Sim, elle, moço, robusto e são, como o Macario estava alli vendo, tendo diante de si um futuro repousado e prospero, não fazia caso algum da vida, estava prompto a dal-a em troca da salvação d'algumas almas do gentio amazonense. Quando pela primeira vez pizara o solo de Silves, sabia que d'alli a poucas leguas existiam indios selvagens e ferozes, e que evangelizando-os expiaria os seus peccados conquistando fama immorredoura, que levaria o seu nome á remota posteridade, com os de Francisco Xavier e José d'Anchieta. Até alli estivera calado e hesitante, consultando as forças, não querendo ceder ao arrastamento d'um entusiasmo de mancebo que lhe podia ser fatal. Reflectira longamente, pezara bem as difficuldades, os riscos da santa empreza que ambicionava realisar, mas agora estava decidido, nada o poderia demover do seu humanitario projecto. Iria levar aos Mundurucús a palavra sagrada de Jesus, e Deus que lê no coração, Deus que conhece e experimenta as

vocações lhe daria as forças necessarias a tão grandioso commettimento.

Macario estava assombrado. Nunca lhe passara pela cabeça a idéa de que um Padre, um homem qualquer, pudesse conceber em seu perfeito juizo um projecto tão extravagante, mas a figura, a voz, o olhar de Padre Antonio tinham tal cunho de convicção e de imperio, a sua bella physionomia revelava um enthusiasmo tão ardente e sincero, que o sacristão sentiu-se cheio de respeito e de pena por aquelle desvio da razão, que attribuia aos desgostos ultimamente soffridos no parochiato de Silves. Macario tinha vontade de o interromper para o consolar, para dizer-lhe que não fizesse caso daquillo, que com o tempo reconheceriam a injustiça, e outras cousas cordatas que lhe acudiam á imaginação. Mas o Padre, de pé no limiar da alcova, com a mão esquerda no portal e a direita descahida ao longo da batina, n'uma attitude de resignação invencivel, com o olhar erguido para a nesga de ceu azul enquadrado pela janella que lhe ficava em

frente, não dera tempo a interrupções, e continuava a falar em voz firme e mansa, de leve repassada de tristeza, como o lutador que se prepara para um combate heroico sentindo a nostalgia da vida que põe em risco; e dizia agora, provocando lagrimas, as lutas que teria de travar com o selvagem, expondo o peito desarmado e nú ás flechas hervadas, combatendo com paciencia evangelica os furores da ignorancia, o odio dos pagés, a vingança da raça opprimida e humilhada, vencendo pela palavra de caridade e de amor os espiritos rebeldes e rudes que senhoreavam o sertão; as privações que soffreria, sêdes, fomes, tormentos desconhecidos, creados pela imaginação crudelissima dos tuxauas; o abandono em que estaria, longe do mundo, privado de todo o soccorro humano, a centenaes de leguas da civilisação e do christianismo, unico ser pensante entre brutos, unica alma crente entre milhares de entes cegos pela ignorancia e pela superstição, e tudo para morrer pregado a uma arvore,

desconhecido, obscuro, sem que uma lagrima amiga lhe lamentasse a sorte, sem que a mão d'um affeiçoado lhe fechasse os olhos, sem que a oração de labios catholicos deramasse o ultimo balsamo da fé sobre o corpo estirado e nú no solo da floresta virgem.

— E' o que mais me peza! bradou Macario, sacudido por soluços violentos. Pensar que V. Revdm^a. entrega-se sósinho a tão grandes perigos!

Padre Antonio poz-lhe a mão ao hombro, cheio de confiança:

— Não, Macario, não realisarei sósinho tão gloriosa empreza. Pensei em você, Macario, para meu companheiro de jornada. Partilharemos a gloria e os perigos da missão.

A compaixão que Macario estava sentindo desapareceu por encanto. As lagrimas, umas lagrimas tolas, seccaram-se. O seu pasmo foi tão grande que ficou atordado, e como se já se visse offerecido em

pasto aos selvagens do Amazonas, poz-se a exclamar repetidas vezes:

— Eu aos Mundurucús, eu aos Mundurucús!

E aterrado, sentindo fraquearem-lhe as pernas, sahiu da sala quasi ás apalpadellas, e foi refugiar-se na cozinha.

Justamente a Luiza Madeirense, labutando no quintal, cantava em voz fresca e sonora:

Lá nas mattas do sertão
encontrei certo gentío,
e com medo da taquara
logo lhe chamei meu tio.

N'aquelle dia Padre Antonio de Moraes não fôra ouvir de confissão a velha Xica da beira-do-lago. Sahira de casa, sem tomar refeição alguma, e como a matriz lhe ficava em caminho, penetrara machinalmente no templo. A igreja, toda caiada de branco, estava deserta e fresca. Os morcegos disputando entre si os vãos das telhas, chiavam batendo as azas, e as ves-

pas cruzavam-se no ar, na faina de prover á subsistencia da prole, zumbindo alegremente. O sol, entrando pelas janellas lateraes, clareava os grandes pannos de parede lisa, limpos das parasitas de outr'ora e curados das feridas que o tempo fizera no reboco; mas punha em evidencia, a uma luz crúa, as figuras grotescas de santos e demonios, que os quadros parietaes ostentavam com uma abundancia de côres vivas e de tintas espessas. Atravez do repintado dos madeiros e da caiação dos muros, a velhice prematura do edificio espiava o abandono da casa de Deus, como se presentisse o relaxamento da fé entusiastica que a forçara a esconder-se aos olhares ingenuos do povo, cobrindo-se de camadas de tabatinga, óca e alvaiade. Naquella manhan de sol os retabulos grosseiros, as grades toscas, o confissionario repolido, o pavimento remendado com tijolos de fabrica e fôrma differentes, os ornamentos do altar-mór, tinham um aspecto velho, gasto, de velhice desfarçada, de arrebiques inuteis.

O pulpito parecia cansado de ter-se a pé, á espera do prégador ausente, manifestando o abandono em que o deixavam nas quebras e rupturas da crosta de oleo colorido com que lhe haviam vestido a nudez de velho cedro sujo. A pia baptismal, esbeçada e limosa, guardava semanas uma agua grossa e turva, que occasionava desastres sinistros de baratas afogadas e dramas obscuros de lagartixas mortas. O assento do confissionario estava cheio de pó. Do tecto pendiam já alguns longos filamentos indicando que as aranhas achavam-se a commodo naquella grande casa e que a vassoura, outr'ora desapiedada do terrivel Macario, dormia agora escondida a um canto por traz do altar-mór. Mesmo á entrada da igreja um cão vadio e um cabrito vagabundo haviam profanado o asseio do ladrilho, depositando excrementos que pareciam da vespera. No altar do Senhor dos Passos, o santo mostrava-se mais velho e triste do que de costume; a amarellidão da face larga e chata exprimia um desejo ardente de livrar-se da

cruz que embalde o Cyrineu, teso e de má vontade, procurava sustentar com a mão es-palmada e dura; e sobre o altar mór a pro-pria padroeira, immovel no seu longo vesti-do azul dourado, parecia anciosa por tirar a coroa e largar o menino, afim de des-cançar um bocado ao lado da serpente.

O vigario foi ajoelhar-se sobre os de-graus do altar de N. Senhora, com o co-ração confrangido, sentindo-se penetrado por um remorso vago. Naquelle manhan não dissera missa, e havia muito que se limi-tava á missa das nove horas, aos doming-os, a unica que attrahia alguns ouvintes. Começou a rezar, mas a impressão de des-animo e abandono que o apanhara ao pe-netrar naquelle templo mesquinho e sujo, o distrahia, impedindo-o de concentrar o es-pirito na tarefa banal da prece decorada. Quando erguera os olhos para a imagem da padroeira, notara que o dourado mal feito começava a quebrar-se em diversos pontos, deixando a nú o pau de que se fizera a santa. Mais uma despesa ainda,

pensara, avaliando o trabalho da nova encarnação, e desta vez não tinha o dinheiro do padrinho. A pintura do altar-mór estava estragada pelas moscas, a toalha de renda roida de ratos, o missal parecia um alfarrabio comido de traças, a prata dos castiçaes fora-se devorada pelo uso ou pelo tempo. Quanto seria preciso para renovar tudo isso, para dar alguma decencia á igreja? Era um nunca acabar. Fizera muitos esforços, renovara os paramentos, algumas alfaias e vasos sagrados, gastara nisso todo o seu dinheiro e o que lhe dera a pia generosidade do padrinho . . . de que serviria? Seriam precisos ainda alguns contos de réis para que a matriz de Silves offerecesse a apparencia duma casa de Deus, dum edificio em que se praticava o culto divino. Fôra talvez melhor levantar um novo templo, uma matriz nova! Seria um edificio solido, capaz de resistir ao tempo, e não a miseravel barraca de tabatinga e pau a pique condecorada com o nome de matriz de Silves. Teria a fôrma dum

templo grego ou seria a miniatura duma basilica medieval, dessas soberbas construcções de pedra, cuja contemplação arrebatava a alma ás alturas infinitas, mergulhando-a num sonho povoado de visões antecipadas das sublimidades do Empyreo. Poderia ainda buscar no movimento de renovação artistica do seculo XV, o modelo inexpressivo e frio com que a decadencia da fé religiosa parodiava a severa correcção da forma greco-romana, no desespero de reproduzir o ideal do paganismo morto. Qualquer que fosse o estylo da futura igreja, columnatas gregas, lembrando a harmonia e a graça do polytheismo generoso e fecundo; ogivas gothicas exprimindo as ansiedades da alma humana, sedenta dum ideal novo; flechas e agulhas agudissimas, perfurando o ceu para abrir uma entrada á fé do catholicismo ardente; ou zimbórios e abobadas romanas, alliados ás linhas puras, á fria elegancia e á pobre correcção dos artistas da Renascença, privados do sentimento religioso que inspira e realisa as

grandes creações; tudo serviria comtanto que o templo fosse grandioso e bello, provocasse a admiração dos passageiros, attestasse o alto conceito do ministro que o servia, os seus esforços, a sua victoria, e a sua poderosa iniciativa. Que importava que essa igreja magnifica fosse edificada á margem dum obscuro lago, num sertão quasi desconhecido, num centro quasi selvagem, se a belleza e a harmonia das formas attrahissem as vistas curiosas do estrangeiro, a critica dos artistas e o julgamento dos competentes, vindos em chusma das outras provincias, dos paizes de alem-mar, para admirar a obra gigantesca que a energia e o talento de Padre Antonio de Moraes alevantara do chão. E como se o pensamento de semelhante gloria o demettasse, o Padre, de joelhos sobre o primeiro degrau do altar-mór, com a cabeça erguida e os olhos fixos no tecto carunchoso da igrejinha, julgava-se já dentro do novo templo. O telhado pouco a pouco ia-se elevando a grande altura, arredondando-se

em abobada immensa que avolumava o echo das vozes harmoniosas de orgãos e de cantores. A nave alargava-se sobre um pavimento de marmore preto, ornado de cruces e de flores symbolicas, que os fieis pisavam, como os santos passeiam o tapete florido do ceu estendido sobre myriades de estrellas. Como plantas vigorosas, alimentadas pelo sol dos tropicos, os pés direitos, transformados em columnas agrupadas, atiravam-se para o alto a sustentar o pezo formidavel das arcadas em mystico trifolio. Os retabulos toscos abriam-se em nichos povoados de estatuas imponentes, symbolizando na sua Bemaventurança celestial todas as crenças e todos os conhecimentos humanos. Os quadros parietaes coloriam-se, cercavam-se de molduras ornamentadas com uma graça delicada, apresentavam scenas da Paixão e da vida dos santos em que a verdade artistica combinava com os sentimentos inspiradores. A capella-mór crescia sob os arcobotantes gothicos, bella, ornada de marmores rendilhados, suave, elegante

e esvelta, realisando o ideal dum estylo novo em que o bom gosto florentino corrigisse as demasias apaixonadas da arte da idade media, alliasse, no supremo esforço do sentimento artistico, a fé, a ancia, o mysticismo romantico das cathedraes levantadas por gerações de obreiros desconhecidos, á fina e correcta elegancia dos Medici; em que a mão poderosa de Miguel Angelo e a maestria de Bramante retocassem os excessos de phantasia, os exageros de imaginação dos grandes constructores medievaes. Uma combinação nova, uma architectura que exprimisse a perfeita relação entre o culto e o ser supremo, uma arte que fosse humana e divina, participando das duas naturezas de Christo, Deus pela origem e pela omnipotencia, homem pelo soffrimento e pelo amor. E elle, sacerdote dum tal culto, ministro dum tal Deus, deslumbrado pelas innumeraz luzes dos grandes candelabros de prata e ouro que lhe pareciam illuminar as naves solemnes, suffocado pelo incenso queimado aos pés do altar em

thuribulos cinzelados por Benevenuto Cellini, vendo a seus pés a multidão enorme, rica, elegante, avida da palavra sagrada, a admirar o luxo caro da sobrepelliz de rendas finas, da magna capa bordada a ouro, das vestes pontificaes que ostentava garbosamente, coberto de purpura, ouvia o canto divinal dos anjos do paraizo na fresca voz dos soprani, acompanhada pela melodia grave do orgão. Uma sensação profunda de goso espiritual perturbava-lhe o cerebro, arrancava-o á terra, levava-o pelas alturas, dando-lhe a prelibação da suprema felicidade, fruida ao som do hymno immenso e festival com que thronos e dominações, archanjos e serafins celebram a gloria do Deus uno e trino na serena claridade dos ceus.

O sol, subindo para o zenith, penetrou com mais força pelos oculos do oitão, e um raio ardente veio beliscar a nuca do Padre ajoelhado, chamando-o á realidade das cousas. Achou-se de subito na pobre matriz de Silves, ajoelhado ante o altar de louro repintado, tendo á sua frente a ima-

gem gasta da santa padroeira, da mãe de Deus que o olhava tristemente, humildemente quasi, sem energia para esmagar a cabeça da serpente. Correu os olhos pela igreja toda, com pasmo, como se acordasse dum sonho delicioso e se encontrasse de repente na enfadonha realidade da vida. A cobertura do telhado alli estava, velha e remendada, as paredes caídas, lisas, duma simplicidade sem graça, os quadros com figuras grotescas de santos e de almas penadas. Sonhara, sim, um sonho louco, de phantasia doente, para todo o sempre irrealisavel. Como podera conceber em Silves a edificação dum templo que fosse um monumento da fé catholica e uma prova de poderoso genio artistico? Jámais, naquelle meio atrazado e já corrupto, naquella povoação dominada pela vulgaridade chata dum beateiro sem sinceridade e sem elevação, jámais daquellas almas frias de tapuyos indolentes, de provincianos vadios, poderia esperar um esforço convicto, um tentamen qualquer que exprimisse força e vida, digna

submissão á tyrannia imponente do bello, adoração enthusiastica da grandeza imperecível de Deus. Que sonho aquelle! Que idéa desparatada e tola lhe occupara o espirito por alguns momentos, como se um sopro de loucura lhe tivesse perpassado pela fronte no isolamento daquella triste matriz de aldeia! Não. Era preciso banir para sempre essas phantasias que lhe tiravam a calma e augmentavam-lhe o desanimo do presente, fazendo entrever um goso impossivel, sem relação alguma com a situação que o prendia á tarefa ingloria e debilitante livremente escolhida. E devia resignar-se a isso? E agora, além de sentir-se devorado por uma sede de gloria e de renome, reconhecia, com horror, que a pobreza, a rusticidade da sua igreja enchiam-n'o de repugnancia, contrariavam a tal ponto os seus habitos de elegancia, os seus gostos de luxo, o ideal artistico, que era como uma repulsão material que sentia por aquella mesquinha casa de oração, por aquelle altar despidido de ornatos, por aquellas imagens gro-

tescas de santos martyrisados pela impericia do esculptor. Mas a consciencia dessa fraqueza, ante a evidente tentação do demonio da vaidade, aterrava-o. Sentia-se violentamente arrastado para o peccado da soberba, e em vão queria lutar com as tendencias do espirito, procurando recuperar a humildade do coração, que lhe dictara outr'ora a renuncia dos beneficios prometidos pela protecção do Senhor Bispo, pela estima dos mestres do Seminario. Em vão a procurava readquirir, essa bemdita humildade, sobre o pavimento de velhos tijolos remendados, ao som do chiar sarcastico dos morcegos, em face daquelles miseraveis objectos do culto dum povo, que a fé já não alimentava. Teve de sahir da igreja, sahir da villa, procurar a fresca das mattas, achar-se em pleno ar, no meio da vegetação luxuriante das margens do Saracá para recobrar a tranquillidade de que precisava o animo atribulado.

Vagou muito tempo por entre arvores, seguindo a esmo as picadas dos lenhadores

sentindo-se bem, haurindo a brisa embalsamada da floresta.

Pacificava-o a idéa de que remiria todas as culpas do passado com o sacrificio da vida offerecida na resolução, já agora inabalavel, de missionar na Mundurucania. Alli não teria cathedraes gothicas, nem capellas florentinas, nem labores artisticos, nem luxos de purpura e ouro, nem concertos divinaes de vozes de soprani, imitando os còros angelicos na harmonia grave dos orgãos, nem prodigios do engenho humano embellezando Deus. Mas tambem, em vez do mesquinho esforço duma religiosidade moribunda, teria, para adorar o Creador do universo, o templo vivo, a Igreja unica e verdadeira, a immensa cathedral da natureza. A floresta virgem era a Basilica enorme que tivera por architecto Deus. Tudo mais, templos do Egypto, Pantheons gregos, mesquitas mahometanas, pagodes indùs, cathedraes da idade-media, igrejas da renascença, lugubres conventos hespanhòes, obras do esforço genial dum homem ou lentas construcções

duma geração de operarios, materiaes accumulados por um povo no decorrer de seculos, não passavam de imitações mesquinhas, de parodias mais ou menos felizes da architectura grandiosa da floresta virgem. Ahi, sobre o solo tapetado de rica folhagem, arvores gigantescas investiam para o ceu, originaes soberbos das pobres columnas egypcias, transformadas pela arte fina da Grecia, apresentando todo o desenvolvimento do progresso artistico da Hellade, desde a columna dorica nos robustos denzeiros até a columna corinthia nas elegantes palmeiras regias. As palmas entrançadas com as folhas formavam a abobada sombria, as cupoças, os zimbórios, os tectos de varias formas, sobrepostos ás archivoltas e ás architraves dos galhos e dos ramos. O canto dos passaros, as vozes dos animaes, o murmurio dos regatos, o ciciar da brisa, os rumores confusos da mata entoavam o hymno da criação num conjunto inimitavel de harmonias divinas. Só o canto do rouxinol amazonense, no ramo do engazeiro,

valia Stradella executando Palestrina. A luz cambiante do crepusculo, coada pelas franças do arvoredado, reflectindo-se nas aguas transparentes de magestosos rios, não invejava o brilho das decorações de purpura e ouro. sobresahindo illuminadas pelos grandes candelabros, pelos lustres, por centenaes de velas de cera perfumada. Tudo alli era grande, magestoso, incomparavel, obra directa d'um ser omnipotente. Um povo joven, numeroso e livre, enchia a nave immensa esperando a palavra da catechese que lhe devia ensinar a adoração do soberano autor de tantas maravilhas, e elle, Padre Antonio de Moraes, o pontifice maximo na sublime selvageria da floresta virgem, seria grande tambem, intemerato e forte. Com a eloquencia da sua palavra, com a santidade da sua fé, seria o traço de relação entre o Creador e a creatura, anjo do Senhor, baixando á terra para annunciar o Verbo, homem elevado acima da humanidade para prestar serviço a Deus . . .

Não sem reluctancias terriveis, sem desanimos profundos, sem hesitações repetidas se resolvera Macario a aceitar a cumplicidade que lhe offerecera Padre Antonio de Moraes na perigosa tentativa de converter gentios. O primeiro assombro passara, mas ficara o terror da sinistra solidão das florestas, do encontro com indios bravos, cujo primeiro impeto é distender o arco e fazer voar a flecha homicida, sem a cortezia de previnir com uma saudação a victima des-cuidada. O mato para o sacristão nada tinha de attrahente, era proprio de feras. Como deserto preferia o das ruas alinhadas com renques de casinhas brancas, o das praças vastas, onde pastam vaccas de leite e mansos bois de carro, unicas feras de que se não arreceiava: como indios contentava-se com os prudentes tapuyos de camisa de riscado e calças de algodão, que remam silenciosamente á prôa das montarias de pesca, e com as caboclas de saias de chita verde dansando o sahiré á porta das igrejinhas sertanejas. A' poesia da flo-

resta preferia a placidez da villa, aos encantos da liberdade selvagem a prosa pacata á porta do collecter ou ao balcão do Costa e Silva, entre um golesinho de café perfumado e quente e um cigarro de Borba, maior e mais gostoso do que um charuto bahiano, desses que o Dr. Natividade affectava, ás tardes, em passeio pelas ruas da villa. Deixassem-n'o ficar onde estava, sem glorias nem renomes, sendo util a Deus no zelo dedicado ao serviço da parochia, e estava muito satisfeito. Mas S. Revdm^a. exigia, era forçoso obedecer-lhe. Persistir na recusa sería perder para sempre a amizade do senhor vigario, e com ella ia-se o lugar, a tanto custo conservado, de sacristão de Silves. Padre Antonio andava intractavel, possuido da idéa fixa da missão ao Porto dos Mundurucús. Outro dia, viera da floresta, com a cabeça exposta ao sol do meio-dia, tendo nos olhos um brilho desusado. Já não parecia o mesmo. Falava com intimativa, não admittia replicas nem observações, sempre pensativo, taciturno,

abrindo a boca só para dizer que seria obrigado a procurar outro companheiro que melhor e com maior dedicação o servisse. Ora Macario, por mais que parafusasse, não descobria em Silves e em toda a redondeza, occupação melhor do que a de sacristão da matriz, depois da chegada de Padre Antonio de Moraes. Bem vestido, bem nutrido, muito considerado, dormindo á farta, fazendo bons ganchos em missas de defunto, em baptisados e enterros, sentia-se melhor do que um conego de prebenda inteira. Quem lhe restituiria todas as vantagens que a resistencia á vontade do Padre lhe faria perder? Longos annos de humilhação e sacrificio haviam-lhe enraizado no coração o amor do bem estar que a sua situação representava, e agora que tão promptamente a ella se habituara é que a perderia? Já não lhe faltavam invejosos. O José do Lago sonhava com a substituição do Macario, o Valladão tinha um afilhado para empregar, se Macario insistisse em ficar, era certo perder para sempre o lugarsinho que tanto

prezava, e adeus, então, sonhos de prosperidade e de ventura! Iria ser caixeiro do Costa e Silva ou do Mendes da Fonseca, varrer-lhes a loja, trazer-lhes o café, vender cachaça aos tapuyos, aturar os desaforos dos freguezes, apanhar a sua descompostura de vez em quando sem dar um pio, ou então, iria fazer cigarros, unica prenda que possuia, e se a industria de cigarreiro de nada valesse, encheria de pernas as ruas de Silves, esfarrapado e faminto, sem consideração social. Nada! Não teria por vinte annos aturado as brutalidades de Padre José, que Deus houvesse, não teria ouvido asperas descomposturas — filho desta, filho daquela, ladrão, velhaco, não teria arrastado a sua humilhação pela villa durante a mocidade toda, por amor do emprego, para agora o deixar por si, só porque lhe falavam em uma missão á Mundurucania. Lá que era difficil de roer a cousa, era, mas talvez que se estivesse assustando sem motivo. Era até muito provavel que o senhor vigario não levasse a fim o seu absurdo projecto. A

teima de Padre Antonio não podia durar muito tempo. Aquillo passava. Era lá homem para sacrificar-se deveras, mettendo-se entre indios bravos, a valer! A sua resolução era filha do despeito, logo que se avistasse cara a cara com as dificuldades de tão irrealisavel empreza, recuaria, tão certo como tres e dois serem cinco. Cousas de rapaz. Esta convicção grata e a confiança intima e profunda na sua boa estrella, dando-lhe a certeza de que jamais se veria em conjunctura apertada de que não soubesse sahir, decidiram Macario a mostrar boa cara á proposta do Padre, muitas vezes e instantemente repetida.

Mas para ganhar tempo Macario, mostrando-se desejoso de o acompanhar, salientara as difficuldades e embaraços que se oppunham a uma partida breve. Primeiro era preciso deixar a igreja entregue a uma pessoa de bastante zelo e probidade, e na opinião de Macario não havia naquella miseravel villa um homem de quem se puðessem confiar as novas alfaias e os novos

vasos sagrados, as riquezas da nave e da sacristia.

— O Cazuza Penteadó? Um sujeito que furtara a tesoura com que a parteira lhe cortara o umbigo.

— O José do Lago, um bebado que dava cabo de todo o vinho branco da sacristia.

A matriz não podia ficar abandonada. Era preciso que uma pessoa a zelasse na ausencia de Macario. Emquanto não vinha a licença impetrada por Padre Antonio para deixar a parochia, Macario procurava. Veio de Manãos a licença e Macario ainda não pudera descobrir uma pessoa de bastante zelo e probidade . . . Cada vez que o sacristão passava pela porta do Costa e Silva, ouvia sahir de lá a voz zombeteira do Xico Fidencio:

— Então, Macario, quando parte a missão?

A cousa transpirara. Toda a villa conhecia o projecto de Padre Antonio de Moraes, mas não acreditava na sua realisação.

Era uma idéa de moço inexperiente. Quando mesmo chegasse a partir de Silves, não chegaria a atravessar o Amazonas. Era lá homem para deixar os commodos da vigararia e aventurar-se pelos sertões fóra em busca de Mundurucús! Demais essa tarefa mas-sante de catechese pertencia de direito aos padres que nos vinham de fóra, e que rareavam cada vez mais. Um padre brasileiro catechizando! Parecia uma pilheria inventada pelo Xico Fidencio para caçoar da religião de Christo. Macario cansava-se em esforços vãos para convencer a população rarefeita de Silves, de que a cousa era verdadeira e de que Padre Antonio pensava mesmo em atirar-se aos Mundurucús selvagens. E, por signal, que Macario tambem ia, sim, senhores, Macario de Miranda Valle ia missionar na Mundurucania, e o seu nome viria nos jornaes, S. Revdm^a. lh'o promettera. Padre Antonio até já queria entregar a matriz ao José do Lago, para poder sahir mais depressa, mas o diabo é que não havia remeiros que se prestassem

a conduzir S. Revdm^a. ao Porto dos Mundurucús. Causa notavel, mal o sacristão chegava-se a um tapuyo:

— Patricio, você quer levar o senhor vigario ao Porto dos Mundurucús?

— Uai! onde é isso?

— O Porto dos Mundurucús é lá no fim do mundo, nem eu mesmo sei, explicava Macario. E' lá uma cousa que se metteu na cabeça do senhor vigario. Quer ir por força á terra dos gentios que comem gente, para servir a N. S. Jesus Christo!

O tapuyo que isso ouvia, dava de andar para longe, silenciosa e apressadamente, receiando que o obrigassem a pegar no remo. E Macario, mostrando muito desanimo, ia dizer ao vigario:

— Saberá V. Revdm^a. que não é possível obter remeiros.

Canoa havia, uma bella igarité grande, com tolda de japá, fixa e commoda, de solida construcção e marcha regular, mas remeiros não appareciam. Nem dinheiro nem promessas, nem a lembrança do serviço de

Deus, nem mesmo o prestígio do Sr. Padre podiam decidir os tapuyos timoratos e preguiçosos a tão longa e perigosa jornada. Padre Antonio impacientava-se, accusava a desidia e a má vontade do Macario, falava em irem os dois sósinhos numa montaria rio fóra, em busca de melhor meio de condução. Macario invocava todos os santos e santas da côrte do ceu em abono da sua boa vontade e diligencia. Mas não havia mesmo quem quizesse ir. Era falar-se no Porto dos Mundurucús e os tapuyos largavam a correr como desesperados.

Pela centesima vez, Macario, por ordem do vigario, passara pela rua do Porto, procurando remeiros, até que parara casualmente, muito cansado, absorto nesses pensamentos, á porta do Costa e Silva. De repente uma voz sarcastica sahiu da loja:

— Então, Macario, sae ou não sae a missão?

Era o Xico Fidencio, sentado junto ao balcão, chupando um cigarro apagado.

Macario impaciente, comprehendendo

a necessidade de acabar com aquella dubia situação em que o punham as insistencias do Padre e os sarcasmos do Xico Fidencio, respondeu com muita dignidade:

— Saberá V. S. que não é da sua conta.

Era numa tarde de fins de Julho. Um chuvisqueiro miudo começava a cahir, esbranquiçando a massa da floresta e a lombada longinqua da cordilheira. A areia das ruas assentara, convertendo-se numa pasta flacida em que os pés escorregavam. A villa quasi deserta enchia-se da tristeza sombria das noites invernosas. Macario tinha ogerisa ás humidades, não se davam com o seu genio nem com o seu rheumatismo. O melhor era dar por concluidas as diligencias daquelle dia, e recolher-se a quarteis.

Padre Antonio não estava em casa, não voltara ainda do passeio, com que costumava combater a dyspepsia nascente. Mas, disse o preto velho, um moço bonito estava esperando na sala, para falar com o

Sr. Macario. Um moço queria falar-lhe, quem seria? Provavelmente o afilhado do Valladão que vinha empenhar-se pela substituição do Macario, durante a missão á Mundurucania . . . Que esperasse! Primeiro o Macario queria mudar as meias e beber um copito de vinho branco para afugentar um resfriamento. Não havia de sacrificar a sua saude preciosa para ouvir as lengalengas do afilhado do Valladão!

Mas, enfim, mudada a roupa e bebido o vinhosinho do Felipe do Ver-o-pezo, occuparia o tempo até a volta de Padre Antonio de Moraes, ouvindo o pedido do candidato a sacristão interino. Tratal-o-ia bem, mas o iria desde já prevenindo que os deveres do cargo eram muito serios, e era preciso medir bem as forças, antes de aceitar a responsabilidade da posição sollicitada. Não pensasse que ser sacristão de Silves, e ainda com um sacerdote como Antonio de Moraes, fosse alguma sinecura! Devia desde já habituar-se á idéa da importancia das funcções de acolyto e de ze-

lador do culto, de mestre sala e ordenador do serviço divino. Em primeiro lugar era preciso saber latim. Não poderia ajudar a missa em portuguez, isto estava claro. A elle, Macario, custara-lhe muito o aprender o latim, não fôra biscouto, ouvira muita decompostura do defunto Padre José, que Deus houvesse, e levara mesmo algumas palmatoadas! Depois era preciso conhecer o serviço, saber quando devia pronunciar os latinorios, quando devia ajoelhar-se, erguer-se, carregar o missal do lado da Epistola para o lado do Evangelho, trazer as galhetas, servir o vinho e a agua, enfim estar senhor de todos os detalhes do Santo Sacrificio. E' verdade que estando Padre Antonio ausente não se diriam missas em Silves . . . mas podia haver algum enterro, e para acompanhal-o precisava o sacristão conhecer o seu officio. Havia ainda as ladainhas, que não seriam interrompidas durante a missão á Mundurucania. E finalmente requeria-se para sacristão um homem honrado e intelligente, incapaz de se deixar

tentar pelo ouro do calix, pela alvura das rendas da sobrepelliz ou pelo aroma delicado do vinho branco, mas que tambem soubesse cuidar disso tudo, tendo-o sempre em boa conservação e aceio. O afilhado do Valladolid seria o homem necessario? Eis um problema que Macario não poderia resolver senão depois de ouvil-o, de sondal-o bem, estudar-lhe a physionomia, os modos e o vestuario. Em todo o caso já o facto do pretendente ter procurado falar-lhe o preveniu em seu favor. Outro fosse elle e ter se-ia dirigido directamente a S. Revdm^a., sem fazer caso do sacristão, como no tempo do defunto Padre José, em que Macario não tinha voz activa. O afilhado do Valladolid devia ser um rapaz cheio de tino, se por si resolvera aquelle passo de pedir ao santo em vez de pedir a Deus, ou então, e era o mais provavel, o tenente Valladolid, o subdelegado de policia, assim o aconselhara, reconhecendo a incontestavel influencia de que gosava Macario. Sim, provavelmente preferiria o protegido do sub-

delegado ao José do Lago, que era uma lesma, mas queria antes de comprometter-se por uma promessa formal, expor-lhe com franqueza o modo porque entendia as funções dum acolyto pontual e zeloso. Chovia ainda. Tinha tempo. Padre Antonio, provavelmente, surprehendido pela chuva, entrara nalguma casa, e esperava a estiagem para voltar ao prebysterio. O pobre pre-tendente já esperava muito tempo.

Macario atravessou o corredor, abriu a porta da sala, e recuou espantado, vendo sentado numa cadeira, com o chapéu entre os joelhos, um moço de dezoito annos, pallido e franzino.

— Uai! é o senhor que quer substituir-me! exclamou o sacristão, cheio de surpresa.

E logo fino e atilado, não querendo ser victima duma mystificação evidente, acrescentou com um sorriso:

— Já sei, e uma pilheria do Xico Fidencio! Aquelle tratante não descansa!

Mas desta vez teve graça! O Sr. Totonio Bernardino feito sacristão da matriz!

O moço ergueu-se, acanhado e serio. Macario notou que tinha emmagrecido e estava muito triste. Nos olhos brilhava-lhe um relampago.

— Não sei de que fala, disse, nada tenho com o Xico Fidencio, e nem desejo ser sacristão da matriz.

Ora essa, não queria ser sacristão, e que diabo queria elle?

— Venho fazer-lhe um pedido, murmurou o Totonio Bernardino, pondo os olhos no chão.

Um pedido! Pois não, estava ás suas ordens, comtanto que fosse para bem. Não se negara nunca ao que exigiam delle para o bem, era da sua natureza, não poderia reformar-se. O Sr. Totonio podia falar que Macario o estava ouvindo, prompto ao seu serviço. Não se trata do lugar de sacristão interino, de algum baptisado, de algum Nosso Pai a levar? Ah! Já sabia, a cousa era um casamento!

E Macario, feliz por ter achado afinal a explicação do caso, accrescentou com malicia:

— Invejas do mano, pois não é?

Uma contracção fechou o rosto expansivo do joven. Um profundo suspiro levantou-lhe o peito.

— Não, Sr. Macario, não se trata disso. Mas já me explico. Padre Antonio vai em missão á Mundurucania . . .

— Vamos, pois não! interrompeu Macario.

— Pois é, isso, tornou o Totonio, sei que S. Revdm^a. tem demorado a viagem por falta de remeiros . . .

— Ah! Já sei, o Sr. Totonio sabe de alguns tapuyos que se prestam a remar até o Porto dos Mundurucús? Pois olhe, admira-me muito isso. Tenho procurado tanto! Quando sabem que é para ir até ás tabas de selvagens que comem gente, todos fogem. E o Sr. sabe de gente que se preste a isso?!

— Sei. Estou prompto a remar na

canoa de Padre Antonio, e tenho um companheiro.

O Sr. Totonio remando na canoa de Padre Antonio!

E Macario, no auge do espanto, voltou-se para a porta, escolhendo sahida. Não havia que ver. O Totonio enlouquecera, estava doido de pedras! Bem lhe parecera differente do que era. Trazia a cabelleira mal penteada, a gravata mal atada, o fraque mal escovado. Estava muito pallido, com olheiras fundas, e no olhar tinha um brilho estranho, um fogo que abrazava. Pobre Totonio!

O moço, percebendo o effeito das suas palavras, tentou explicar-se. Era estranhavel que elle, moço de boa familia, tendo recebido uma educação, tendo cursado aulas do Lyceu, viesse offerecer-se para remador da igarité de Padre Antonio? Certamente que não buscava uma profissão, um meio de ganhar dinheiro. Era certo tambem que não procurava uma penitencia de peccados mortaes. Não. Nada disso. Tambem não

era um acto de loucura, mas uma resolução fria e inabalavel que livremente e no goso inteiro das suas faculdades adoptara.

— Mas como se explica? perguntou Macario, serenando o animo, e chegando-se para o sympathico rapaz.

Elle, n'uma expansão, contou a desgraça da sua vida, sem occultar cousa alguma, como se se confessasse. Desde a noite do baile do casamento do irmão, em que pela primeira vez depois de annos, vira a irman da noiva, a adoravel Milú, sentira que uma vida nova começara para elle. O seu coração abria-se a sentimentos desconhecidos, um affecto forte o enchera, assenhoreando-se pouco a pouco, como numa embriaguez crescente, de todo o seu organismo. Quando o baile acabara, não havia para o Totonio Bernardino outra creatura no mundo senão a graciosa Emilia, a rapariga de olhos pretos e boca perfumada. Que dizia? Não havia em todo o vasto universo senão o seu olhar travesso e o seu sorriso divino. Ella era o seu amor, a sua

vida, o seu fim, a sua salvação. Amara-a doida e apaixonadamente, e desde logo esse amor dera-lhe a convicção profunda e inabalavel de que não poderia viver sem ella. Não exaggerava, não estava louco, não se tratava de creançada, como lhe haviam dito os amigos. Debalde o pai, o irmão e os amigos haviam tentado afastal-o da rapariga, ridicularisando aquelle namoro de creança, mettendo á bulha a sua paixão ardente, censurando-a e punindo-a por fim. Tudo era inutil. Estaria privado de razão, seria um louco, mas amava, e esse amor era a sua vida. O pai quizera leval-o para os castanhaes em companhia do irmão e da cunhada, mas elle fugira de casa, e sózinho, embarcara numa pequena montaria de pesca, e seguira a galeota do Neves Barriga, em demanda do rio Urubús. Ali tivera a ineffavel ventura de achar-se muitas vezes a sós com o idolo de sua alma, e ouvira a grata confissão de que correspondia ao seu amor. Imaginasse Macario se fôra ou não feliz, e se essa doce intimidade de lon-

gos dias sob as laranjeiras em flor, devia ter aprofundado ainda mais o sentimento que os unia. Oh! era para a vida ou para a morte! Jurara, solememente jurara á escolhida de seu coração um amor e uma fidelidade eternos, e ali, sem rebuço, falando a uma pessoa estranha que tinha o direito de duvidar da sua sinceridade, o Totonio Bernardino confirmava a santidade do seu juramento, e declarava que estava perdido, para todo o sempre perdido, se a sorte cruel o separasse da sua querida Milú.

O rapaz fez uma pausa, suffocado de emoção. Uma lagrima furtiva brilhou-lhe um instante nos olhos, mas elle enxugou-a disfarçadamente, e procurando dar firmeza á voz, continuou a narração dos seus tormentos de amor.

Tinham sido dias de inexprimivel ventura os que gozara á sombra dos arvoredos á margem do pittoresco Urubús. A mãe de Emilia acolhera benevolmente a aspiração do moço e com o seu sorriso bondoso e meigo o protegia, dando-lhe espe-

rança. Entregue todo á adoração da formosa rapariga, Totonio não sentia correr o tempo. Entretanto os dias succediam-se, as horas voavam. Uma tarde o Neves viera ao sitio da irman e tivera com ella uma longa conferencia, a sós, na varanda. Depois o Neves sahira carrancudo, e a irman ficara abysmada em pensamentos tristes, fora uma nuvem no ceu dos jovens namorados. Passaram-se dias e a mãe de Emilia contara, uma noite, á ceia, que o Bernardino Sant'Anna desapprovara muito o procedimento do filho, e elle e o Cazuza haviam escripto ao Neves, pedindo-lhe que acabasse com aquella creançada que podia ser perniciosa tanto a um como a outro. O Neves viera e quizera obter da irman uma opposição formal ao enlace dos dois namorados . . . e a despedida de Totonio! A pobre senhora recusara, mas estava receiosa. O Bernardino era terrivel quando o contrariavam e o Neves, principalmente depois do casamento do Cazuza, fazia tudo quanto o Bernardino queria. Fôra uma

noite de maus sonhos aquella! No dia seguinte, sob uma grande mangueira á beira d'agua, Totonio e Emilia haviam chorado muito, sentindo pela primeira vez a possibilidade duma desgraça. Totonio jurara, que preferia a morte á separação, e ella, a formosa, a incomparavel Milú promettera que ficaria solteira toda a vida, se lh'o não dessem por marido. Mas a irremediavel desventura não vinha longe. Nessa mesma tarde, ao voltar para a casa, Totonio fôra agarrado por quatro homens robustos, amarrado como um criminoso, atirado ao fundo duma canoa e trazido para Silves. O autor dessa inqualificavel violencia era sem duvida o Neves Barriga com o ar pacato e a cara de carneiro manso. Aqui Totonio encontrara o pai irritado ao ultimo ponto, falando em açoutal-o, e declarando-lhe terminantemente que o Totonio para casar passaria por cima do seu cadaver, e que primeiro se arrazaria Silves do que se celebraria tal casamento. Já a esse respeito se entendera com o juiz de orfãos, o Dr. Nati-

vidade, que primeiro o recebera mal, mas sabendo que se tratava do Totonio e da Milú, cedera a tudo que o Bernardino quizer. Totonio pensara enlouquecer de dor. Que rapida e terrivel mudança se dera na sua vida! Lá as laranjeiras em flor, a sombra espessa da mangueira, o canto mavioso das sabiás e dos titupururuhys, e a figura esbelta e graciosa de Emilia animando o quadro, dando vida a tudo. Aqui a estupidez da villa, o isolamento, a hostilidade, a má vontade, o sarcasmo e o pai, severo e implacavel, promettendo pancada e fechando desapiedadamente o futuro. O coração do Totonio não podia resistir. Demais jurara. A morte, a morte só podia extinguir aquelle amor e pôr fim aos crueis tormentos que o açoutavam . . .

— A morte na sua idade?! exclamou Macario, sentindo-se commovido.

— Morre-se em todas as idades, respondeu o Totonio Bernardino, com a voz embargada pelo pranto.

E depois dum repouso, continuou.

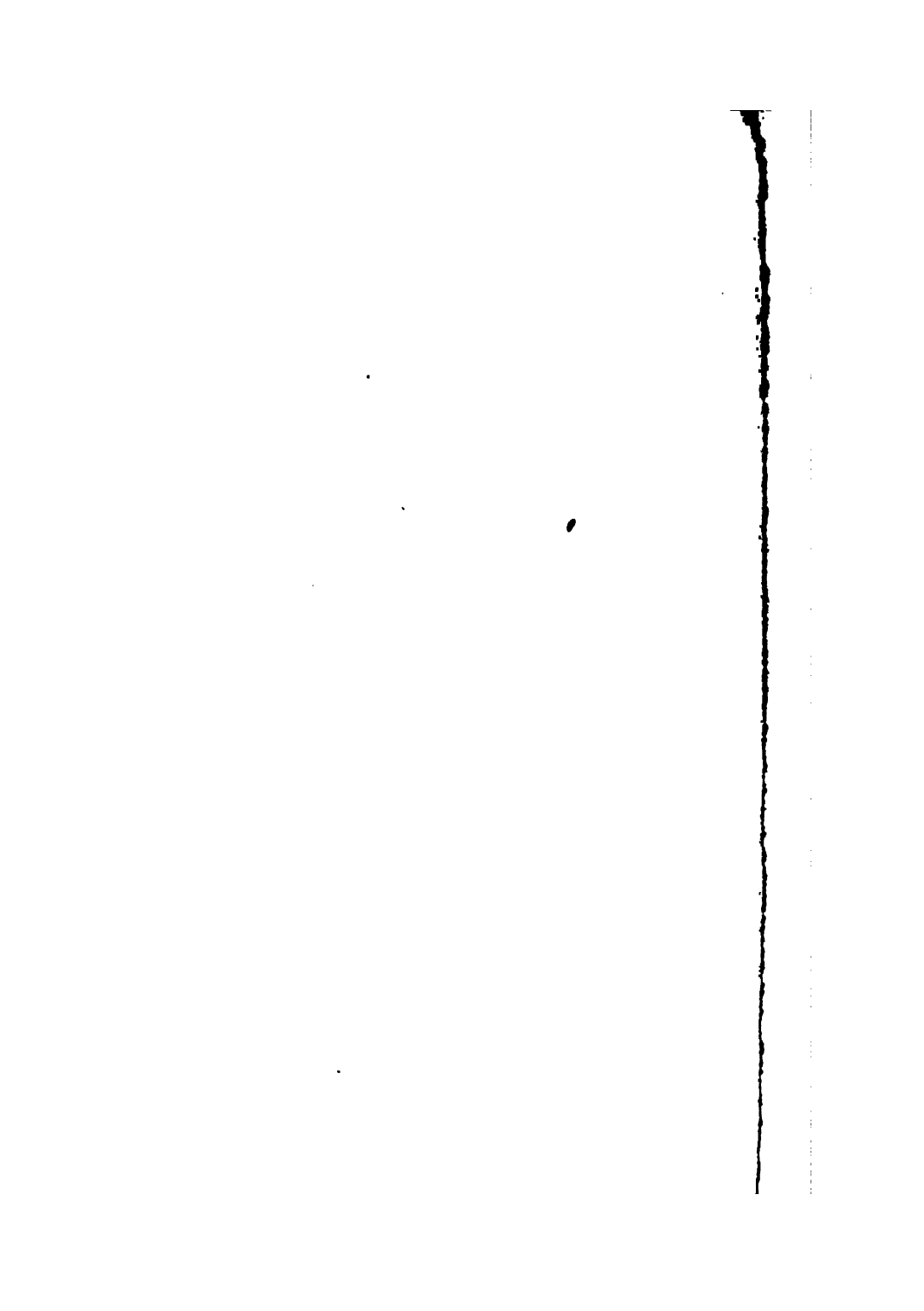
— Queria e quero morrer. A vida é-me insupportavel. Jurei a Emilia que preferia morrer a separar-me della. Que posso contra o destino que nos separa, se não cumprir o meu juramento? Estou, pois, decidido a morrer, mas não queria ter uma morte inteiramente inutil como foi a minha curta vida. O meu desejo era morrer presutando um serviço, fazendo alguma cousa de bom, para deixar de mim alguma memoria. Se ainda durasse a guerra do Paraguay, ir-me-ia alistar como voluntario, e daria o meu sangue pela integridade da minha patria. Infelizmente essa morte gloriosa está-me interdicta. Que fazer! Hoje soube do grandioso projecto de Padre Antonio de Moraes, e disse commigo: se não morrer pela patria, morro pela religião.

— E ahi está, terminou com um sorriso angelico, porque eu vim fazer-lhe o pedido de aceitar-me como remeiro.

Macario commovido até ao fundo da alma, tirou o lenço de assoar para enxugar as lagrimas. Não atinava com o que dis-


sesse ao rapaz para o dissuadir do seu louco projecto. Felizmente para o sacristão, ouviram-se passos no corredor, a porta abriu-se e a alta estatura de Padre Antonio de Moraes destacou-se da meia sombra da tarde.

Fim do 1º volume.



1

2



BIBLIOTHECA LAEMMERT

Varias Historias—Machado de Assis.

Innocencia—Visconde de Taunay.

Pelo Sertão—Affonso Arinos.

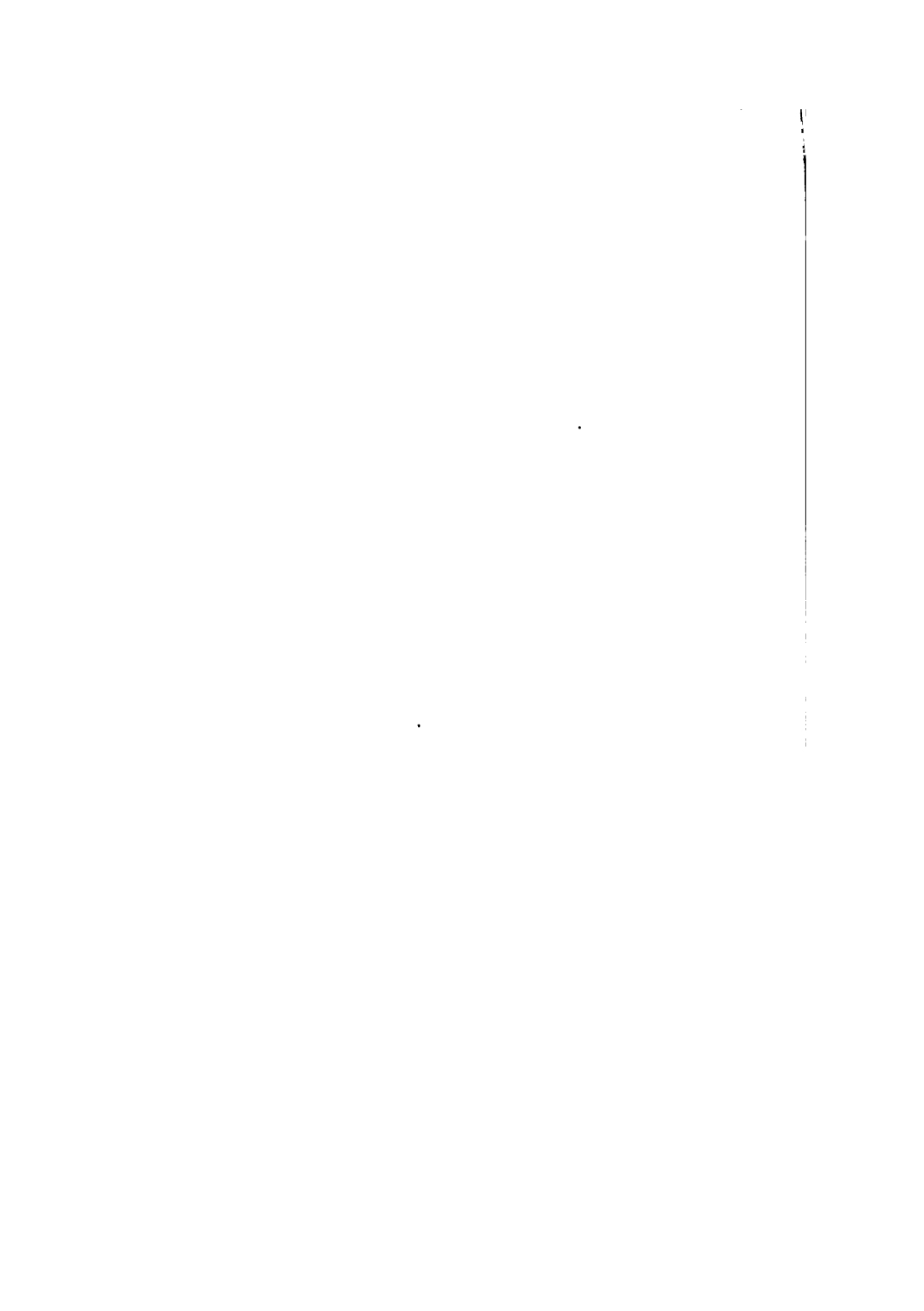
Scenas da Vida Amazonica—José Verissimo.

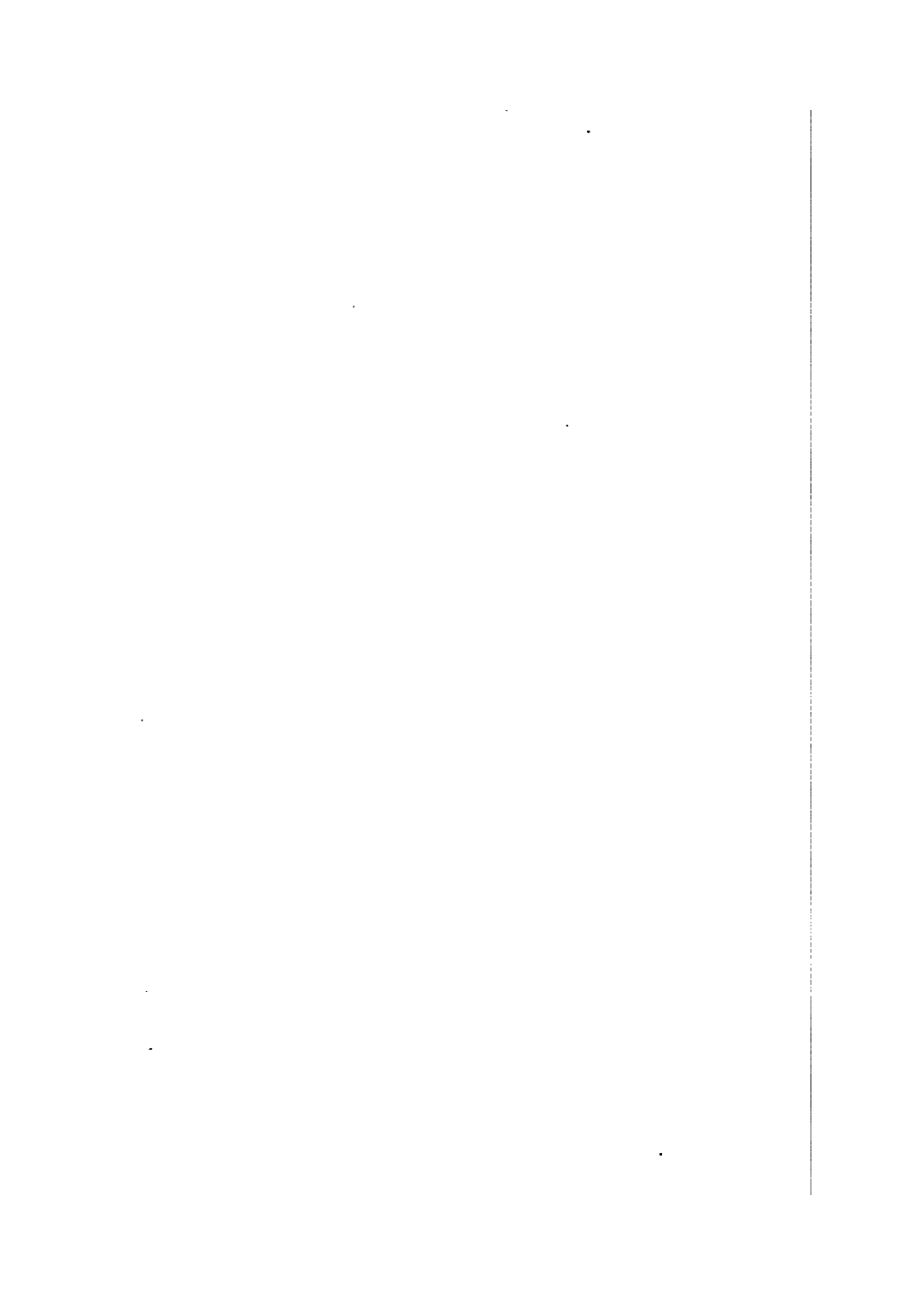
O Missionario—H. Inglez de Souza.



JK

1





DEC 12 1929



